

**TRANÇAR DE CORPOS:  
AFE(C)TOS DE UMA PROFESSORA  
EM *de*FORMAÇÃO**

**Vitória Moro Bombassaro**

**Orientador:  
Cristian Poletti Mossi**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Vitória Moro Bombassaro

TRANÇAR DE CORPOS:  
AFE(C)TOS DE UMA PROFESSORA EM *de*FORMAÇÃO

Porto Alegre  
2021



**Vitória Moro Bombassaro**

**TRANÇAR DE CORPOS:  
AFE(C)TOS DE UMA PROFESSORA EM *de*FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Linha de Pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo

Porto Alegre  
2021

Vitória Moro Bombassaro

TRANÇAR DE CORPOS:  
AFE(C)TOS DE UMA PROFESSORA EM *de*FORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

---

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi - UFRGS - Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilda Oliveira de Oliveira - UFSM

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Russel Teresinha Dutra Rosa - UFRGS

---

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa - UFRGS

Porto Alegre  
2021

## CIP - Catalogação na Publicação

Bombassaro, Vitória Moro

Trançar de corpos: afe(c)tos de uma professora em DEformação / Vitória Moro Bombassaro. -- 2021.

193 f.

Orientador: Cristian Poletti Mossi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. docência. 2. afe(c)tos. 3. Corpo sem Órgãos. 4. encontro. 5. DEformação. I. Mossi, Cristian Poletti, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## AGRADECIMENTOS

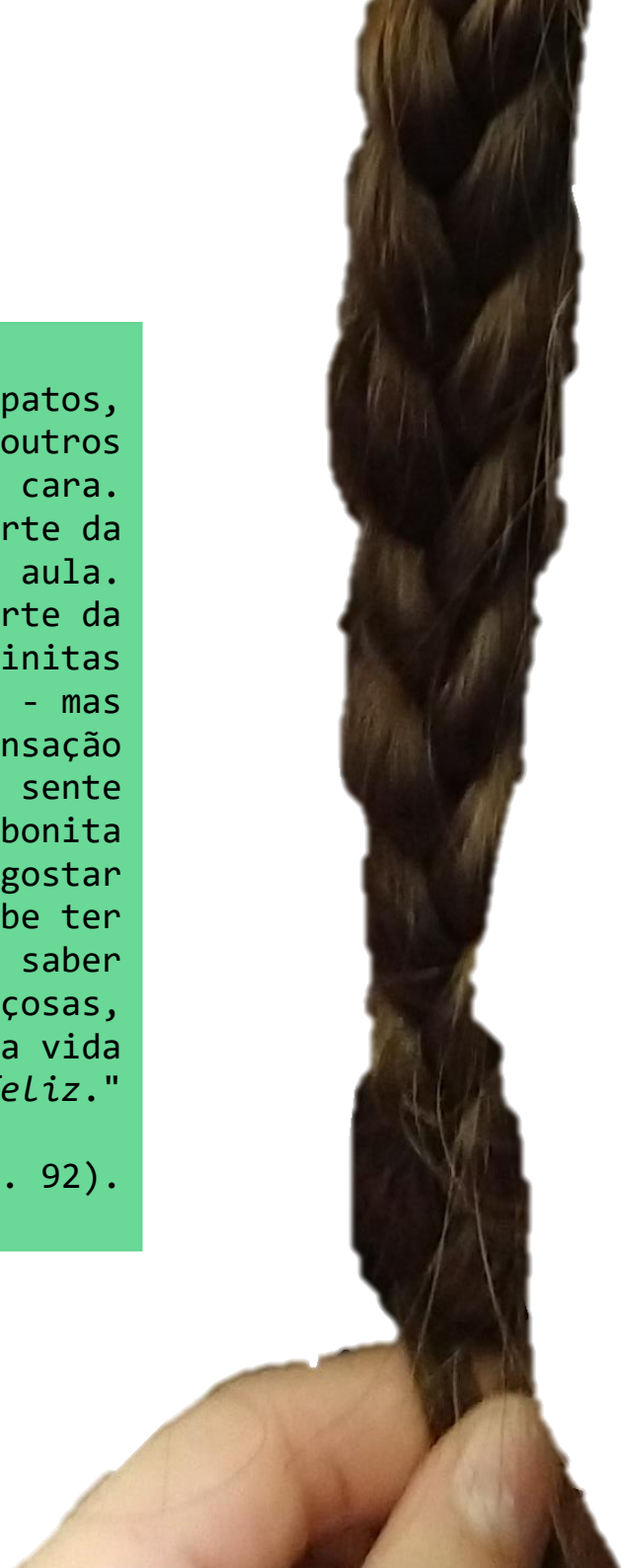
Desafiador colocar em palavras meu agradecimento a todas e todos que me permitiram fazer novos encontros. Em uma tentativa certamente incompleta, coloco aqui algumas pessoas que me permitiram aprender e ensinar com mais paixão à potência do que ao poder e enxergaram em mim mais do que eu mesma podia ver:

à minha esposa Letícia e nossos quatro gatos,  
à minha dinda Elice e minha mãe Helena,  
à minha sogra Fátima, ao meu sogro Jorge,  
à todas as minhas e todos os meus estudantes,  
às colegas de escola que permitem leveza,  
à Andreassa, à Andrielle, à Ivete,  
ao Nani, ao Caio, à Luiza B., à Louise,  
à Miúda, à Suzana, ao Sancho  
à Brenda, ao Ítalo, ao Bê, à Ingrid,  
à Ledy, à Flora, ao Thiago,  
ao grupo de orientação Políticas do Texto,  
à Fê, à May, ao Thai, ao Gus, ao Ari, à Ilana e ao Cris,  
à Clarice, ao Luciano, à Marilda e à Russel.

Um agradecimento especial também a todas e todos que permanecem lutando pela educação pública gratuita de qualidade na educação básica, na graduação e na pós-graduação.

"Você está sentado na carteira escolar, sem seus sapatos, os dedinhos dos pés brincando uns contra os outros enquanto um sorriso bobo se instala em sua cara. Passarinhos cantam lá fora - eles também são parte da aula. Olhares se trocam - eles também são parte da aula. A colega do lado faz crochê, e isso também é parte da aula. Você sabe disso. Que a aula se faz de infinitas partes, e nem todas elas cabem na palavra "Aula" - mas que, *aqui*, elas podem também caber. Uma sensação agradável toma conta do seu corpo, e você se sente acolhido, *pertencente*. Você sabe que a parte mais bonita da aula é o *não-aular* (Manoel de Barros iria gostar disso): que é ele, muitas vezes, o que uma aula sabe ter de mais potente. E é justamente por isso, por saber disso, que é tão bom ter essas aulas *macias*, espaçosas, onde há folgas suficientes entre as coisas para a vida correr solta. Você sorri: bobo, intenso, *feliz*."

(CORSEUIL, 2017, p. 92).



## resumo

Esta dissertação é fragmentária, tanto apresentando-se dividida por fragmentos, quanto permitindo-se estar inacabada. Inacabada por propor-se ao convite a uma produção de leitura a partir da escolha dos trajetos de experimentação dos textos e imagens e da experiência própria de quem lê. Assim, o trabalho apresenta ensaios com escritas e imagens em torno de afe(c)tos. Os afe(c)tos são trabalhados na perspectiva do que a dissertação nomeia como trança(r), alternando transição de estados (afeto) e estado de corpo (affecto) (DELEUZE, 2002), os quais são produzidos pela professora-estudante-pesquisadora com os encontros (DELEUZE e PARNET, 1998) experienciados em educação. O trançar também se apresenta com os corpos, tendo em vista a noção de corpo pensada por Benedictus de Spinoza (2017) e a prática de Corpo sem Órgãos pensada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012a) a partir de Antonin Artaud (1947). Outra imagem que permeia o trabalho é a da vaca, integrando-o como força de ação, como intensidade que movimenta e é movimentada por afetos e affectos, utilizada em aliança com o livro *Mugido* (2017) de Marília Floôr Kosby. Dessa forma, abrindo-se ao campo da experimentação, forma e conteúdo pretendem romper com dicotomias como dentro e fora, imagem e texto, autora e leitora, de forma que haja indissociação entre os termos, aliando-se à obra *Caminhando* (1963) de Lygia Clark, conceituada por Suely Rolnik (2018). Interligada a essa perspectiva, um método de escrita significativo para a dissertação é o tachado, que produz invenção e desdobramentos com a bibliografia utilizada e derivações. Outra aliança importante é com Manoel de Barros (2015), produzindo uma perspectiva de inutensílios, situados nos ínfimos do cotidiano que permeia a vida escolar. Portanto, o trabalho procura expandir as possibilidades de ser professora pela *deformação* (HENZ, 2009; KNEIPP e MOSSI, 2019) de sua forma pré-definida, abrindo espaço para a força dos encontros, sem limitar a uma única resposta ou uma única via de acesso do que podem os corpos. A *deformação* entra como decomposição inventiva, alargando processos de tornar-se professora e estudante pela multiplicidade (DELEUZE e GUATTARI, 2011). Essa composição entre autoras/es e obras tensiona o trabalho e convoca a uma possível experimentação de leitura através do uso de palavras e imagens que convidam à interação e a colocar-se à espreita para quem desejar adentrar à investigação, estimulando novos processos de encontro, para novamente deixa-se afe(c)tar.

**Palavras-chave:** docência – afe(c)tos – Corpo sem Órgãos – encontro – *deformação*





## modos de usar

Ensinar sobre o corpo humano é ensinar a pensar seu funcionamento enquanto rizoma. Não há um órgão central, ou um sistema mais importante. Por isso, comecei, enquanto professora de Ciências no Ensino Fundamental, a convidar minhas e meus estudantes a decidirem a ordem que estudaríamos os sistemas. Nunca achei que seria a mesma coisa, se começássemos pelo sistema respiratório ou pelo digestório, por exemplo, mas não entendia que uma ordem seria melhor do que outra para todo mundo em todos os momentos. E a cada sistema visto, o seguinte seria novamente escolhido pela turma. Os sistemas todos são relacionados entre si e começar por um envolve, necessariamente, falar um pouco de todos. O um e o todo estão conectados, correlacionados, se atravessam, se co-habitam.

Esse escrito é um corpo. Um corpo não possui início pré-determinado ou fim pré-definido. Início é por onde se decide começar. O fim nem sempre será a última página lida. Dessa forma, os títulos estão relacionados entre si, sem, no entanto, seguirem uma ordem. Contudo, certamente a ordem que será lida mudará a experimentação com este corpo, pois uma experimentação nunca é igual à outra, seja pelo corpo que a lê ou que é lido. Assim, com sorte, ambos os corpos (que lê e é lido) farão novo(s) corpo(s). Chamaremos de afe(c)tos essas potências de movimento brevemente capturadas, sendo uma composição de um estado de corpo provisório (affecto) produzido com passagens de um estado de corpo a outro (afetos)<sup>1</sup>.

Possivelmente seja interessante, ao longo dessa experimentação, ter a lembrança de que alguns conceitos estarão presentes como pano de fundo, ocorrendo como conceitos circulantes, transbordantes e atravessados nas cenas e imagens. Assim, os conceitos de afe(c)tos e a prática de Corpo sem Órgãos (DELEUZE e GUATTARI, 2012a) estarão presentes ao longo da dissertação, operando em suas dobras, sem necessariamente serem identificados de forma evidente. Essa foi uma tentativa de escapar do aprisionamento dos mesmos, procurando operar com a potência nas lacunas mais do que em uma possível delimitação – “preferiria não” (MELVILLE, 2014). Os conceitos de encontro (DELEUZE e PARNET, 1998) e *deformação* (HENZ, 2009; KNEIPP e MOSSI, 2019) também caminharão ao lado na escrita e leitura, como método e ação de pesquisa, como também um convite a encontros que aumentem a potência de agir e multipliquem as composições de ser em educação.

---

<sup>1</sup> A variação do conceito de afeto em afeto-affecto, que nesta pesquisa estamos nomeando como afe(c)to, advém das proposições em torno dessa noção realizada por Gilles Deleuze ao longo de sua obra, a partir da leitura muito específica que esse autor faz da obra de Benedictus de Spinoza (MACHADO, 2009).

INICIE POR ONDE QUISER A  
LEITURA E TRACE UM CAMINHO,  
**O MAPA DE ANATOFISIOLOGIA**  
DA ESCRITA TALVEZ LHE AJUDE  
A PENSAR A ROTA DA VIAGEM  
OU AO MENOS TRAZER UMA  
POSSIBILIDADE DE APRECIAR A  
VISTA. BRINQUE COMO QUISER.

“O momento mágico é aquele onde começa-se as coisas, exatamente aquele momento que estamos vivendo agora. A história começa quando acaba e acaba quando começa. O primeiro elemento de uma série não significa, portanto, o início de tudo, porém pode redimensionar toda a sua sequência. A história está sempre se reconstruindo.”

(TESSLER, 2003, p. 197).

Atenção ~~Senhores Pais~~ pessoa leitora!

Destaco a autoria das fotografias das páginas 1 (capa), 3, 6, 21, 56, 59, 70, 72, 79, 87, 104, 111, 113, 120, 127, 141, 144, 146, 156, 171, 182 e 183, e dos escritos das páginas 19, 25, 67, 133 e 134 como sendo produzidas por estudantes de Ensino Fundamental, feitas em 2018 e 2019. Todas as demais fotografias foram feitas entre 2019 e 2021 pela pesquisadora enquanto professora regular de Ciências de uma escola do Vale do Taquari (Rio Grande do Sul, Brasil), a qual também tem autoria de todas as edições, formatações, montagens, tachados e rabiscos.

Atenciosamente,  
A ~~Direção~~–dissertação.



bula 85

referências 188  
bi.rar 145

visceras 166

invertida 165

querida escola, 117

# mapa de anatófisiologia da escrita

res.pi.rar 103

resumo 7

modos de usar 9

essas teias de aranha que moram dentro de mim 181

o dia em que a minha professora chorou 41

feridas 57

por|que escrever|? 20

só mais um dia 82

Registro de Atividades e Conteúdos Desenvolvidos 52

olhar-se com olhos de pomba 149

nós 122

Como criar para si um corpo que pode? 37

um cenário puramente imaginário 128

voltas 90

O mapa de anatofisiologia da escrita não funciona como um guia anatômico para encontrar algo que se procure, seja de corpo ou território. Ele trabalha potencializando os caminhos de quem deseja se perder e experimentar encontros. Seja como uma turista ansiando pela aventura, seja uma moradora local com olhar poroso para novas fendas e dobras, ambas caminham com o mapa no bolso, à espreita do que a atenção possa produzir. A geografia desse corpo dissertação convida a olhar para a sutileza entre forma (anatomia) e função (fisiologia) da escrita. Assim como os órgãos se associam formando novos de si, tomando novas possibilidades de potência de sentido, palavras, fotografias, desenhos e recortes se flertaram a ponto tal que se transformaram em novos corpos indissociáveis. Esses novos corpos de imagem-palavra se expandem em exponencial de existência pela virtualidade (LAPOUJADE, 2017) capturada a cada nova leitura (que também será, necessariamente, criação e recriação). A imagem do mapa produzida na página anterior, assim como em algumas das páginas que seguirão, foi feita a partir das sobrejustaposições propostas por Mossi (2017), utilizando recortes de mapas anatômicos antigos (encontrados em uma das escolas que sou professora, anexados por grampos de metal que permitem articulação entre movimento e fixação), escritos digitais (na tentativa de dar nome e página a ensaios), papel vegetal (fornecendo opacidade e transparência) e amareladas e frágeis folhas de uma ficção esquecida e carcomida pelo tempo passado.

II

Todos os caminhos - nenhum caminho

Muitos caminhos - nenhum caminho

Nenhum caminho - a maldição dos ~~poetas~~\_\_\_\_\_.

[...]

(BARROS, 2015, p. 72)

Desde a primeira reunião de orientação com o professor Cristian, escrever a dissertação se tornou um ato de prazer. Eu sentava em frente ao computador e não via o tempo passar, ficava horas produzindo ensaios por imagens e textos, colocava, modificava, experimentava. Pesquisar, desde o início se colocou como experimentação com o corpo. O que o texto me fazia sentir? O que eu precisava expressar a partir das imagens? As respostas foram se fazendo conforme a teoria se materializava pelas minhas escolhas de pesquisa. Apesar da empolgação e da constante escrita, a pergunta de pesquisa tinha se tornado de fato um problema: eu sabia o que queria pesquisar, mas não sabia traduzir meus desejos e intenções em uma única pergunta. Cada vez que decidia parar e formular “A” minha pergunta de pesquisa, saía uma nova pergunta de pesquisa, impossível de se colocar como central, mas também indispensável para o trabalho a partir do momento que era criada. Percebemos (meu orientador e eu), que todas as perguntas que surgiam tinham duas características marcantes, a primeira característica era que todas as perguntas derivavam da pergunta de Benedictus de Spinoza (2017) – “o que pode o corpo?” que começou a se fazer presente com força no meu Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Biológicas (disponível nas referências). A segunda característica era a indissociação entre método e teoria relacionados na noção de *deformação*, como abertura de uma forma única a uma multiplicidade (DELEUZE e GUATTARI, 2011) de formas. Portanto, a presente dissertação, cansada de tentar fazer caber os seus procedimentos em uma única questão sem sucesso, assume, portanto, seu corpo fragmentário e traz derivações e desdobramentos da problemática “que pode o corpo?”, proliferadas como questões em torno das quais a investigação ensaia respostas possíveis como movimento de criação em educação. Assumindo a pesquisa como afirmação à vida e à docência, o próprio plano de trabalho instaura uma recusa inventiva a uma única pergunta – **preferiria não** fazer apenas uma única pergunta. Essas questões trazidas, porém, não são todos os desdobramentos possíveis, compreendendo que a criação de perguntas derivadas é um exercício infinito de *deformação* à questão espinozista – “Para um corpo potente, as perguntas nunca se esgotam” (BOMBASSARO, 2017, p. 34). Contudo, a proliferação de perguntas de pesquisa implica também em um rigor carregado pelo compromisso na escolha de cortes na proliferação de *deformação*, também presente na escolha de ensaios e imagens que pudessem compor com as noções de educação, corpo, encontro, afe(c)to e da própria *deformação* trazidas ao longo da dissertação.



Como uma professora  
em *deformação* cria  
encontro com trançar  
de corpos?

Como o encontro  
possibilita *deformar*  
o corpo docente?

Que trançar cria um  
corpo em *deformação*?

Que corpos são  
criados pelos  
encontros em  
educação?

Que afe(c)tos pode  
um corpo docente  
em *deformação*?

Que trança(r) pode  
um corpo docente  
em *deformação*?

O que pode um  
corpo docente em  
*deformação*?

O que pode um  
corpo em educação  
que se *deforma*?

Que afe(c)tos  
produz um corpo em  
*deformação*?

encontro

de formação

corpo sem órgãos

afecto

Como colecionadora de momentos, fui registrando pela câmera do meu celular e pela memória a escola que foi se fazendo pelo caminho que fomos tomando juntas. Entre as escolhas feitas ao acaso e aquelas que tínhamos predisposição, decidi que as imagens e as histórias seriam escolhidas pela sutileza, de modo que pudessem traduzir algo do in verbal, as sensações que não cabem como palavra e sentimento, os encontros entre coisas para além do humano, a captura do que não cabe no dizível sobre a escola que se faz pelos sons e cheiros. Para que as imagens escritas e fotografadas carregassem o indizível em si, elas foram pensadas e articuladas trazendo consigo a perspectiva de ínfimo presente em Manoel de Barros (2015). O ínfimo nas imagens entra como uma espécie de brincadeira e segredo, *easter eggs*, desexplicações do ordinário, criação de escola, inutensílios docentes e discentes. Não estão em segundo plano, estão visíveis, desde que se esteja atenta ao caminho, à espreita. Como um buraco em que Alice cai ou frasco de bebida que surge inesperadamente. Pode ser que se veja pelo canto do olho em um olhar de passagem rápida, pode ser que se precise demorar o olhar para perceber, pode ser que se precise criar com o texto ainda repousando na memória de curto prazo. De qualquer forma estará à sua espera, te espiando pelas páginas. Nos cantos, haverá estradas, linhas, dedos, pernas, múltiplos de três, cores de antigos mapas anatômicos e classes escolares, bilhetes e promessas, montanhas em desalinho, vacas, amarrações propositais e amarrações ao acaso, furos, frestas, rasgos, grampos e adesivos, palavras, cadeiras vazias, campo, chãos habitados, mesas coletivas, raios de sol, buracos de cobra e coelho, caixas com e sem gatos, poeira de giz, rastros de tempo, sombras, sobras, ferrugem, recortes, corpos, aproximações, procuras, ambiguidades, pantomimas, idiossincrasias, repetições, rigidez, porosidade, diluição, ressonâncias e repercussões (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2018). Desejos em aparente segredo.

"Não precisa ser longo  
para ser bonito"

## por|que escrever|?

“Falo por mim e só por mim porque cada mulher é uma e cada ventre é seu. Eu estou grávida, grávida da urgência das minhas verdades, grávida da direção dos meus desejos, mesmo que eu não saiba o caminho certo, mas eu sei que é inadiável viver, que é inadiável sonhar, que é inadiável realizar” (AS TUBAS, 2020a).

Porque é inadiável escrever sobre isso que não deixa minha memória. Porque é inadiável escrever sobre o que percorre meus sonhos. Porque sou esse misto do que trago para contar que pulsa em mim. Porque sou a materialização que se torna visível da passagem do tempo. Porque eu quero respirar. Porque sou uma sobreposição de camadas dessas muitas coisas que me passam. Porque tenho urgência de aprender a ser novamente outra. Porque escrevendo a partir de mim, faço marca da experiência de um coletivo. Escrevo porque estou grávida de ensaios (LARROSA, 2004). O cordão umbilical eu uso como laço para segurar as tranças das histórias que se nutrem no meu íntimo. Histórias que, mesmo depois que o cordão umbilical seca e o laço cede, permanecem marcadas nos fios dos cabelos. Ondas únicas em cada fio, como memórias próprias daquilo que lhe foi contado. As células que fazem corpos (apenas um, mas também vários) com esse texto possuem membrana porosa o suficiente para separar apenas momentaneamente o que lhe parece ser o fora e o que se coloca como dentro. Há, porém, a formação de sincício a cada pulsar dos encontros. São os encontros que formarão nossos novos corpos. Corpos efêmeros que só existirão pela frequência rítmica do desejo e da entrega, vai e vem das ondas do mar e o abrir e fechar das válvulas do coração. Assim, ao longo da leitura é preciso deixar-se ser atravessada a tal ponto que o que restar sejam as suas próprias histórias dentro dessas que até então eram minhas. Que as suas histórias se coloquem em um volume que não possa ser ignorado. Transformar-se em novos corpos para nunca mais voltar ao que era antes. Criar corpo múltiplo exige enxergar momentaneamente outros (corpos, textos, músicas, gestos) como partes suas, partes de quem você será. Olhar-se no outro exige generosidade e olhar embaçado. A formação de novos corpos se dará ao acaso, quase sem perceber. Não se deve planejar uma rota precisa que leve a um novo corpo, mas se colocar a caminhar com atenção para o que antes passava despercebido no caminho percorrido. O novo corpo será estranho, mas não será desconhecido. Sempre um novo corpo com um novo algo ou alguém.



Eu já tive algumas vezes alunas e alunos que sofreram abuso, mas é a primeira vez que um aluno meu é o abusador ainda enquanto meu aluno. Veio então o peso real de pensar que todo abusador teve pelo menos uma professora, provavelmente mais do que uma. Eu era agora a professora desse abusador. Eu sei que não é justo comigo mesma cobrar a mudança de todo um mundo como se fosse tudo minha responsabilidade, nossa responsabilidade. Ao mesmo tempo, não é uma simples equação de soma ou subtração. Sentir o peso do mundo sobre meus ombros não muda o mundo, apenas me derruba enquanto sinto a dor do peso apertando meu peito contra o chão. Não é de hoje também que a profissão acompanha um condensado de outras, a professora multitarefa que é psicóloga, assistente social, nutricionista, clínica geral... Ser professora transborda. Transborda de mim como sensação que invade todos os outros momentos da minha vida. Tenho acreditado cada vez menos que se está professora. Tenho visto a palavra como ética de vida além da profissão. Esse estrato professora atravessa, assumindo outro lugar ao meu imaginário inicial. Também transborda a sensação de responsabilidade por uma vida que passa por mim e toma um rumo cruel. Como pude não ver o que estava prestes a transbordar dele? Como poderia ver algo ainda prestes a transbordar?



“A perna se mexia ainda. Eu diria que aquela perna, desprezada, e que ainda se mexia, estava procurando a outra parte do seu corpo, que deveria estar por perto. [...] Ou talvez o resto do corpo estaria a procurar aquela perna desprezada. Ninguém viu o que foi que produziu aquela desunião do corpo com a perna desprezada. Algumas pessoas passavam por ali, naquele trato de terra, e ninguém viu a perna desprezada.” (BARROS, 2015, p. 132).



RITORNELO: Articulação entre territorialização, desterritorialização e reterritorialização, simultaneamente reconhecendo-se como algo, deixando de perceber-se aquilo e tornar-se novamente. Ritmo e fluxo de movimento que permitem que encontros tragam algo de antigo para tornar-se novo.

“Ele age sobre aquilo que o rodeia, som ou luz, para tirar daí vibrações variadas, decomposições, projeções e transformações. O ritornelo tem igualmente uma função catalítica: não só aumentar a velocidade das trocas e reações naquilo que o rodeia, mas assegurar interações indiretas entre elementos desprovidos de afinidade dita natural, e através disso formar massas organizadas.” – DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 176.

Onde está, no corpo que se é, a camada mais sutil que nos faz ser quem somos? A camada mais leve que você se reconhece como uma só, como um só. Seríamos mesmo nós um corpo só quando estamos sozinhas? Ou seríamos um amontoado de corpos múltiplos, vários, uma solidão povoada de encontros (DELEUZE e PARNET, 1998)? Corpo de afe(c)tos que a cada momento é um novo corpo, um novo estado de si, corpo travessia de estados sutis. Corpo que a cada marcação de tempo perde células. Corpo que a cada marcação de tempo recria suas próprias bactérias. Não seria eu o vírus que me acomete quando entra em mim? Não seria eu o fungo mortal que se alastra pelos corredores, pisos, paredes e lajotas carcomidas pelo tempo? Corpo que se é, uno com corpos outros. Corpo que se faz pela marcação da passagem da multiplicidade em si. Sempre a mesma sem nunca reconhecer quem fui antes de hoje, do momento presente. Sempre a mesma mesmo que não possa saber quem serei no momento que virá a seguir. Ser estrato bactéria mais do que estrato humano. Dez trilhões de células mais bactéria do que humana. Reconhecer-me num ritornelo (DELEUZE e GUATTARI, 2010). Reconhecer-se no devir (DELEUZE e GUATTARI, 2012b).

DEVIR: Vir a ser o até então impensado pelo imperceptível. Tornar-se algo diferente a partir do encontro e da experiência com as possibilidades de dobras e frestas. Fazer simbiose pela aliança com o diferente. Aquilo que escapa da definição anterior. Indica o caminho recém pisado dos pés ainda em movimento.

“Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. [...] Ele indica o mais rigorosamente possível uma *zona de vizinhança ou de co-presença* de uma partícula, o movimento que toma toda partícula quando entra nessa zona.” – DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 67.

Soro toda vez que eu me desanimava no meu  
guia meu astral toda vez que eu tentei cair soro me leron  
fora eu quero te agradecer por tudo o que você fez  
e ainda a de fazer soro soro fac mim e o numero  
4 você pode ficar tranquilo seu nunca sou me esquecer  
de soro soro e o professoro mais querido que eu  
conheci obrigado por tudo em forte abraço

Tem coisas que não cabem em um currículo ou em documentos rígidos que estabelecem o que deve ou não ser ensinado em uma aula. Não se trata de ser pedagoga, trata-se de ser humano. Trata-se de caminhar pelas bordas, de mãos dadas com o corpo sem órgãos do currículo escolar. Trata-se de produzir variação, jogar-se no entre pela *deformação*. Produzir variedade junto com a estratificação das linhas duras do que deve-se ensinar e aprender em uma escola. Mês passado, por exemplo, percebendo os movimentos, frustrações e tensionamentos de estudantes da turma de sétimo ano, trabalhei sobre sexualidade, apesar de ser um conteúdo previsto para o oitavo ano. Conversamos sobre gênero e sexualidade e as possibilidades de expressão de si e do desejo. Em certo momento da aula comentei que talvez estivesse chegando o momento de descobrir o que no corpo trazia sensações interessantes, as alegrias e tristezas espinozianas, os bons e maus encontros consigo mesmas, olhar-se no espelho, descobrir novas dobras de si, perceber seus corpos por inteiro, trazer para a sua própria vista a parte do corpo renegada pela cultura familiar machista.

G.A. me olhou e disse que fazia isso às vezes, que se olhava no espelho para ver mais de si.

K.A. me olhou enquanto a turma manipulava com curiosidade e exaltação os modelos de pênis e vulvas e disse baixinho, só para eu e as colegas mais próximas ouvirem, que não podia se olhar no espelho.

Olhei K.A. com curiosidade e perguntei por que não poderia, esperando ouvir ainda uma resposta inocente de quem não descobriu as possibilidades do corpo. K.A. me olha e responde com confiança na nossa intimidade que quando se olhava no espelho sentia muita vontade de chorar devido a experiências ruins que tinham acontecido consigo. Olhei para K.A. com tristeza e admiração e disse que era um processo difícil, mas que ela merecia se sentir bem consigo mesma de novo, apesar do que havia acontecido.

K.A. disse que seu processo já havia começado, ela estava indo na psicóloga para conversar sobre isso.

Em seguida a aula acabou e fomos para o lanche.

Cabe em um espaço pré-determinado de um currículo falar das dores do mundo, da adolescência e da perda da infância?

escolha um ou mais instrumentos de trabalho:

abridor de amanhecer  
prego que farfalha  
encolhedor de rios  
esticador de horizontes  
ruelas entortadas  
livro de pré-coisas  
uma iluminura  
grandezas do ínfimo

agora responda, contemplando o que restou nas suas mãos:

pode uma professora enriquecer a aula com a sua incompletude?

(BARROS, 2015)



Compreendo esta dissertação como uma continuidade do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Orientação: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa), no qual o Corpo sem Órgãos e o corpo organizado aparecem como personagens que se encontram e interagem em um jogo de tarô, produzindo dobras e frestas entre si. A descrição de ambos é ambígua tornando-os indissociáveis. A partir desse encontro, três cenas de uma estagiária professora são narradas propondo-se a compor com a pergunta espinozista “o que pode o corpo?”.

Os corpos encontram-se novamente tomados pelo desejo do encontro a partir da potência. O encontro anterior ocorreu da descoberta da impermanência enquanto corpo organizado e Corpo sem Órgãos (BOMBASSARO, 2017). Ambos dançavam pelas sombras do incerto quando se viram pela primeira vez. Entre os perigos de territorializações excessivas e inexistentes, surgiu um jogo de tarô e o desejo de procurar-se em três cenas de uma estagiária mais estudante que professora. Agora foi preciso mais um encontro. A mansidão e o mal-estar não são mais uma opção. Já o encontro e a presença parecem velhas conhecidas vistas pela primeira vez. Há ainda tanto a ser dito e ouvido de ambas as partes. Para começar, os corpos silenciam para se fazerem ouvir. O corpo silencia para se fazer ouvir. O corpo grita e pulsa. E o silêncio se faz novamente. O ciclo reinicia remetendo a vida-morte-vida (ESTÉS, 2014) sem sabermos quem representa o grito e o silêncio. Ora grito ora silêncio retomam a vida e a morte. Nada é estático ao(s) corpo(s). Nada é único. Corpo(s) são muitos. Corpo(s) somos muitos. Mas também somos um só. Sou porque somos e nos fazemos corpo(s). Como

posso eu definir o que é se quando chego na borda de mim não encontro linha nenhuma que coloca onde paro e onde sigo sendo um corpo? Como defino as fronteiras que estão em constante guerra por vezes indo e outras vezes voltando para dentro do território? Somos uma extensão que é onde os passos percorrem. Não vou ser fiel a ninguém muito menos à linguagem que insiste em dizer que o corpo não é chão, parede, rua, escola ou multidão. Sou corpo(s) porque sou múltiplo e por isso mesmo divisível. Sou organizado do quark aos meus sistemas. Sou organismo quando preciso. Sou também vazio e sem função. “[...] viro outra coisa / viro outra coisa / vou virando / outra coisa” (KOSBY, 2017, p.17). Há em mim milhões, bilhões, trilhões de vazios entre meus núcleos e minhas eletrosferas. Há tanto a saber sobre mim, porém sem que jamais possas dizer onde estarão meus elétrons. Não há certezas. Há ainda e apenas possibilidades. Talvez troca de peles e fluidos. Talvez “epidermeiaderme entre uma e outra onde se agarra o pelo onde se segura a penugem eriça-se” (KOSBY, 2017, p. 13). Talvez você, talvez eu, talvez nenhuma, talvez os dois. Talvez venha mais alguém. Talvez. Se formos sutis, sensíveis, pessoas de grande generosidade, podemos sentir mais. Sempre há algum corpo que veio antes. Sempre há algum corpo que virá depois. Será sempre? Tudo é estranho, porém nada é desconhecido. Dessa vez tento me explicar, tudo é estranho quando estamos na escola, nossos corpos, nossos desejos, a possibilidade de sermos quem somos. Somos todas grandes estranhas assim como quem está à nossa volta também é estranho. Porém nada é completo desconhecido nesse corpo território que estamos por tantos anos. A cada dia descobrimos novos esconderijos, novos cantinhos para beijarmos bocas estranhamente conhecidas, novos espaços para enterrarmos nossos mais íntimos segredos. Corpo como escola que se desdobra em mil através dos encontros, por vezes obrigatórios, por vezes convidados.

“RETRATO QUASE APAGADO EM QUE  
SE PODE VER PERFEITAMENTE NADA

I

Não tenho bens de acontecimentos.

O que não sei fazer desconto nas palavras.

Entesouro frases. Por exemplo:

- Imagens são palavras que nos faltaram.
- Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.
- Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.

Ai frases de pensar!

Pensar é uma pedreira. Estou sendo.

Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).

Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos,  
retratos.

Outras de palavras.

Poetas e tontos se compõem com palavras.”

(BARROS, 2015, p. 72)

Não se deixe enganar, a trança não é o centro do trabalho, para ser franca, o centro é um amontoado de momentos aglutinados em: corpos, *deformação* e afe(c)tos. Trança não será um objeto a ser manipulado, trança é o produzido do aglutinado. Trança foi o produto de origem dos primeiros toques dos encontros gestados pela obrigação da presença na escola. Obrigação esquecida pelo prazer do fazer-se pelas mãos de meninas que encontraram nos cabelos da professora uma desculpa para aproximação. Trançar foi um verbo presente que tomou corpo para além das linhas dos cabelos. Trançar é verbo que permanece em presença pelo compartilhamento de momentos nesse fazer escola que vem trazendo sempre um novo corpo da transformação dos corpos que se encontram. Ser corpo professora é estar em permanente trançar. Ser corpo trançável é colocar-se em estado de *deformação*, permitindo que a multiplicidade tome lugar naquilo que parecia um só, hegemônico, podador de sensações. *Deformar* a forma estática, coloca-la em movimento, deixa-la vibrar. Observar a sensação trazida pelo trançar. Observar o arrepio quando o dedo encosta no pescoço e a dor do puxar impaciente e vingativo. Usar os fios de cabelo como linhas que brincam entre os dedos, puxam fios, endireitam o rebelde, para ao fim observar todos os fios que não se acomodam, observar e deixa-los seguir. Observar a trança terminada, mas deixar as mechas soltas na extremidade. Observar os fios se movendo pela superfície do corpo, desfazendo a trança feita. Observar as marcas deixadas nos fios, linhas refeitas pela tensão. Observar novas linhas das linhas velhas conhecidas. Observar a marca que a trança deixa. Observar o que repousa entre os átomos que jamais se tocam. E deixar-se fazer novamente outra trança com novos antigos corpos, novas antigas linhas. Ser fragmento de si. Deixar-se fragmentar pelo outro que entrecruza, sem jamais realmente desligar-se do todo que vinha sendo. Abusar da elasticidade, da plasticidade, da espontaneidade. Observar o inegociável para si.

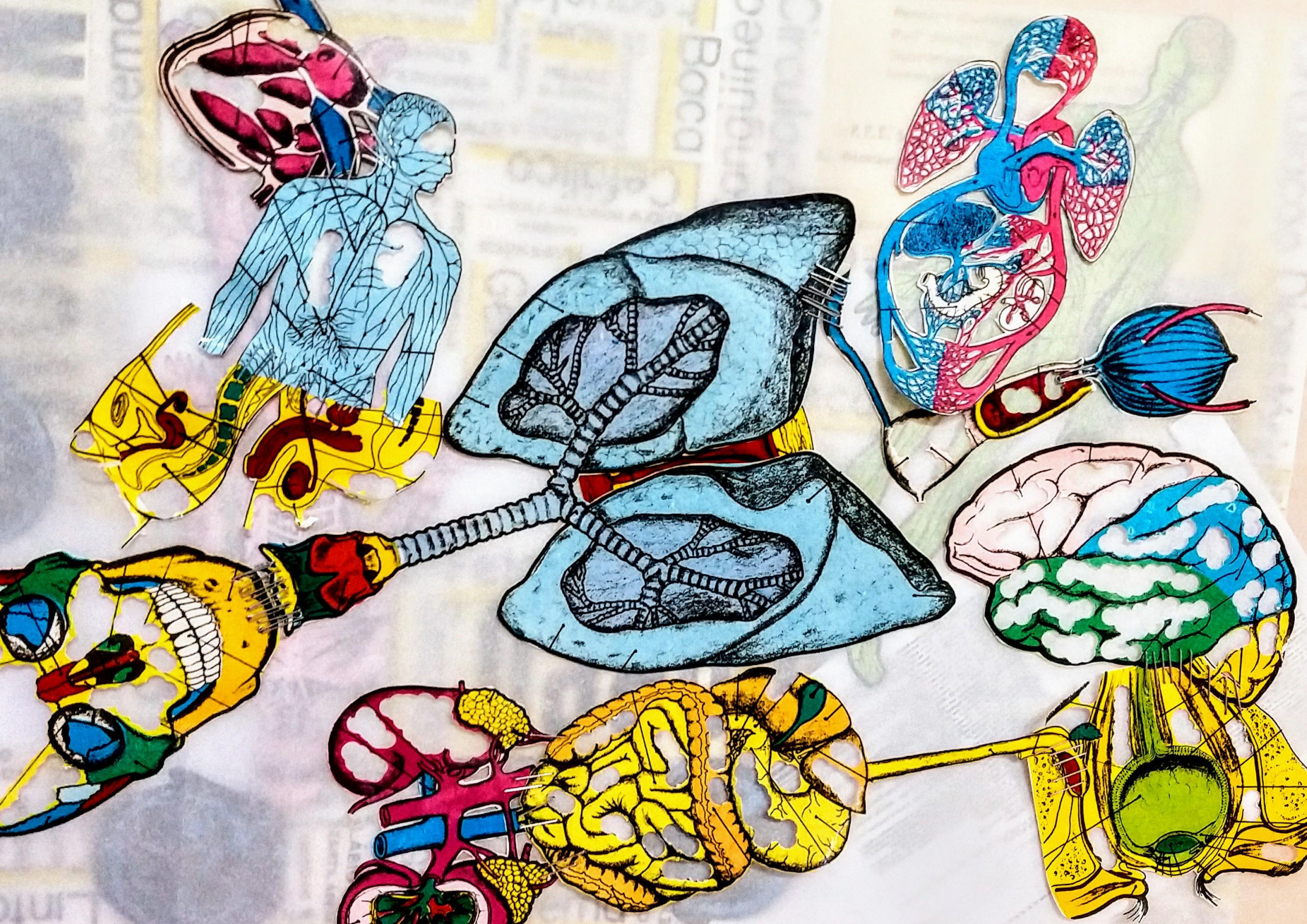


“De todo modo você tem um (ou vários), não porque ele preexistia ou seja dado inteiramente feito – se bem que sob certos aspectos ele preexistia – mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou.”

DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 11-12 –  
referindo-se ao Corpo sem Órgãos



que sons de  
escalar  
se fazem  
presentes  
em sua memória?



Tornar-se professora exige movimento.  
Tornar-se professora exige dobrar-se, conhecer-se pelo avesso.  
Tornar-se professora exige inflexão de verbo, substantivo e sujeito e até oração.  
Tornar-se professora exige perceber-se.  
Tornar-se professora exige corpo aberto.  
Tornar-se professora exige língua, gesto e pausa.  
Tornar-se professora exige frestas e espaços vazios.  
Tornar-se professora exige olhar além da superfície por sua própria conta e risco.  
Tornar-se professora exige entender a importância do inútil.  
Tornar-se professora exige um despropósito de vida.  
Tornar-se professora exige leveza, força, flexibilidade e, por vezes, rigidez.  
Tornar-se professora exige desobedecer o manual.  
Tornar-se professora exige saúde mental.  
Tornar-se professora exige saber errar bem (BARROS, 2015)  
Tornar-se professora exige adentrar na professora e transbordá-la.  
Tornar-se professora exige espera.  
Tornar-se professora exige troca.  
Tornar-se professora exige tornar-se sempre outra (professora).  
Tornar-se professora exige tempo e memória.  
Tornar-se professora exige muito.

“Para uma grande parcela dos que ingressam na rede de ensino, o que parece estar menos em questão é cuidar de sua formação, pois já chegam demasiadamente formados: paradoxalmente, muito jovens e muito fechados em certezas. [...] Em alguma medida, trata-se do desafio de deformar, de abrir espaço na fôrma do pensamento e da cultura, de tornar porosa a blindagem a que todos - não só os jovens - estão submetidos.”  
(HENZ, 2009, p. 141)

“Possivelmente, não podemos falar tão-somente em moldes ou fôrmas, isto é, formatações rígidas de modos de sentir, pensar e fazer. Importa, hoje, ressaltar outros movimentos, espécies de modulações, ondas de autodeformação contínua, que se fixam ora em modos mais impermeáveis, ora em outros mais abertos e porosos. Haveria linhas de fuga, saídas, novos espaços de resistência e invenção. A todo momento, escavamos novas e difíceis saídas.” (HENZ, 2009, p. 141). O movimento de devir-professora convida a explorar a deformação pela variação de suas possibilidades. O que em você, em sua história, torna potente a docência? Talvez a pandemia tenha escancarado porosidades nessa fôrma aparentemente cristalizada pelo tempo. Deformar-se a partir daquilo que deixa um vazio no que chamávamos de escola. Trazer para palavra prefixos que desestabilizem a segurança sobre o que se possa ser. Jogar-se ao vazio por você mesma.



*IN*professora  
*DES*professora  
*PRÉ*professora

Como chamar ao movimento de *deformação*?

que coisa é essa que sou quando estou em casa?  
que coisa é essa que estou quando sou em casa?  
que coisa é essa que estou quando sou em cada?  
que coisa é essa que sou quando estou em cada?

Mas o que é, precisamente, um **encontro** com alguém que se ama? Será um encontro com alguém, ou com animais que vêm povoá-los, ou com **ideias** que os **invadem**, com **movimentos** que os comovem, sons que os **atravessam**? E como separar tais coisas? Posso falar ~~de Foucault~~ da professora, contar que ~~ele~~ela me disse isso e aquilo, detalhar como e a vejo. Não é nada enquanto eu não souber encontrar realmente esse conjunto de **SONS** martelados, de **gestos** decisivos, de **ideias** em madeira seca e fogo, de **atenção** extrema e de **fechamento** súbito, de **risos** e **sorrisos** que sentimos serem "perigosos" no mesmo momento em que se sente a **ternura** - esse conjunto como única combinação cujo nome próprio seria ~~Foucault~~ professora.

(DELEUZE e PARNET, 1998, p.10)

## Como criar para si um corpo que pode?

Podemos pensar também a dissertação como trançar, se fazendo verbo a medida da leitura sobre os ensaios escritos e visuais. Trançar com a passagem do olhar sobre o detalhe, sobre o sutil e o intenso; olhar docente, olhar discente, olhar parceiro; olhar de passagem, olhar demorado, olhar sorrateiro. Os olhos trazendo para si aquilo que lhes toca, feixes de luz que são trançados, invertidos e inventados com a fisiologia desses olhos tão autorais quanto as mãos que escrevem. Fazer trança pela produção de corpos momentâneos afetados pela produção de si na leitura. Fazer trança produzindo afecções pela partilha com o outro que nos mostra tanto de nós. Fazer trança pelas linhas incontrolláveis do gesto que escapa pelo desejo. Trançar a dissertação mesmo sem ter palavras para escrever aquilo que gostaríamos de dizer. Dissertação trançada com tudo que ficou entalado na garganta da mão que escreve buscando um léxico de palavras ainda maior no dicionário de sinônimos, mesmo sabendo que não há palavra que componha o acontecimento. A dissertação trança desejando criar para si um corpo que pode, “um corpo polifônico que faz, refaz e perfaz na antropofagia de outros corpos” (MOSSI, 2015, p. 1543). O trançar dessa dissertação trouxe a um plano inicial a experiência pela ação do corpo, colocando a teoria em aliança com o método. Poder ver a hierarquia entre os órgãos e deixar de negá-la ou assumi-la, fazer outro movimento, torcer o corpo, experimentá-lo e retorçê-lo novamente. Brincar com os órgãos todos, misturá-los, traçar novas vias de presença com a travessia das linhas. Trançar é também trazer o fora como possibilidade de desvio para a dissertação, fora como a mão que produz o movimento do entrelaçamento, mas que simultaneamente não deixa de fazer parte da trança. Perceber o fora como possibilidade de início de uma trança ou de uma nova página, assim como possibilidade de desfecho (como arremesso, não como conclusão). Não há conclusão para o trançar, apenas a pausa do movimento que carrega consigo o tempo: a imagem anterior dos fios de cabelo, o verbo presente e o trançar que virá em seguida. O trançar possibilita produzir linhas de variação nas estratificações que estancam as potências do corpo sem órgãos (DELEUZE e GUATTARI, 2012a).



Na repercussão, o texto que se lê a escola que se produz reverbera em nós, a ponto de se ser capturada e atingida, passando a fazer parte das nossas entranhas. Nesta atmosfera acontecimental, em que se experiencia a leitura docência, uma imagem é oferecida, ela passa a ser nossa, ela adere e faz liga. (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2018, p. 142).

Faltaria presença quando na distância da escola? Ou seria talvez a presença possível na distância como aquilo que fica ressoando, indo e voltando como as ondas do mar que mesmo quando não estão se fazem lembrança? Não teríamos um estado de escola mesmo quando não fazemos nenhuma atividade, não abrimos nenhum livro e nosso corpo não está no prédio? Seguindo essa rota de pensamento, a escola permite um estado de estar aprendente de vida, com vida. A escola como essa afirmação intensiva de que se quer estar junto apesar das dores dos músculos que esticam e crescem, quando se quer estar junto mesmo sem poder estar junto. Escolar como uma repercussão que é externalizada pelas nossas entranhas. Escolar o eco

internalizado de uma aprendizagem que começa a dizer outra coisa daquilo que achamos que estávamos ouvindo (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2018). Observar a vibração e o movimento ínfimo das paredes como uma perna ou um braço que lateja ao ser enrolado com uma atadura. Pensar o espaço como verbo que se desloca constantemente pelas tensões, distancias e proximidades, desde que se esteja disposta a olhar com desejo de criação sobre si. Inventar-se sem objetivo antes da experimentação. O tempo não precisa ser linear se não quisermos.

“As ressonâncias têm a propriedade de se dissiparem, de se dispersarem, ampliando o campo de atuação. Essa propagação vibratória produz ecos que possibilitam diferentes relações com outros elementos, fazendo brotar distintas composições, para além do esperado.” (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2018, p. 142).

“As repercussões de cada um se alastram nos outros e se ampliam, misturam-se com outros elementos e acabam produzindo inusitadas ressonâncias, contribuindo para que outros sentidos aos nossos encontros aconteçam. O que está em jogo, nesta paisagem plural, é a potência da conjugação ressonância-repercussão” (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2018, p. 142).



“alguém muito já deve  
ter trepado  
verbo mais bonito  
pra fagocitose das células  
carnívoras

eu em mim me nasce uma língua nova  
não necessariamente nova  
uma língua outra  
nova neste corpo”

(KOSBY, 2017, p. 24)

## **o dia em que a minha professora chorou**

Em um dos anos trabalhando na minha escola, já nem lembro qual, um pai trouxe um pote de vidro com uma larva para mostrar para as e os estudantes. Nunca gostei muito disso de usar o corpo de outro para dar aula, a não ser em situações específicas. A larva era branca, enorme, com anéis gordinhos sendo a base do corpo e uma mandíbula exuberante preta. Ela era enorme, enorme e viva. Contudo, não sabia de onde ela era ou no que iria se transformar, não podia abrir o pote e colocar ela em qualquer lugar. Pois os dias foram passando e eu não lidei com a larva, que passou a morar no laboratório da escola, contra sua vontade. A larva não saía da minha cabeça na minha chegada e na minha saída da escola, mas eu esquecia dela completamente quando estava lá, envolta com as minhas prioridades docentes. Em torno de uma semana depois de ter recebido a larva no pote, levei uma turma no laboratório. Eu não lembro se era 5º ou 6º ano, mas lembro quem eram as pessoas que estavam lá comigo. Quando entrei no laboratório, lembrei da larva, a pobre, branca, enorme larva. Pensei que já que estávamos naquela situação, podia aproveitar e mostrá-la, falar sobre a transformação, os insetos e pedir para que não me trouxessem animais que estavam bem e vivos em seu hábitat. Após mostrar e conversarmos em meio a risadas abri o vidro, foi quando sentimos um cheiro fétido invadir a sala. A larva não passava nada bem e certamente estava morrendo. Tentando aproveitar seu corpo para o estudo e a Ciência, essa com “C” maiúsculo, achei que seria uma bonita homenagem juntá-la à nossa coleção de animais mortos do laboratório. Achando que seria uma morte rápida e indolor, coloquei álcool no vidro onde estava a larva. A larva não só não morreu na hora, como aparentava sofrer muito, contorcendo seu corpo com muita energia, talvez na esperança de escapar da situação de sofrimento mortal. Quando percebi meu erro, senti uma tristeza profunda. As lágrimas rapidamente inundaram meus olhos e comecei a chorar. A turma, achando que era uma brincadeira, começou a rir. As risadas rapidamente foram se transformando em toques de carinho no meu braço e abraços com frases reconfortantes. Nunca mais chorei em uma sala de aula, nem antes, nem depois da larva. Até hoje, quando penso nela, as lágrimas voltam a me umedecer.

“[...] Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.  
Para mim poderoso é aquele que descobre as  
insignificâncias (do mundo e as nossas). [...]”

(BARROS, 2015, p. 125 - Tratado geral das grandezas do ínfimo)

não fazemos **nós**

**escolhas** ao longo da

~~vida~~ aula, **aumentando**

e diminuindo o tamanho de nossos

**corpos?**

não produzem as coisas

acontecimentos

ao longo da ~~vida~~-aula,

aumentando

e diminuindo o tamanho de nossos

corpos?

No descomeço era ~~o verbo~~ a aula. Só depois é que veio o delírio ~~do verbo~~ da aula. O delírio ~~do verbo~~ da aula estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*. [...] Então se a criança muda a função de ~~um verbo~~ uma aula, ~~ele~~ ela delira. E pois. Em ~~poesia~~ escola que é voz de ~~poeta~~ professora, que é a voz de fazer nascimentos - ~~o verbo~~ A aula tem que pegar delírio.

(BARROS, 2015, p. 83)



Tornar esse corpo estranho que sou, outro eu. Tomar para si esse corpo meu que era distante de mim. Produzindo fissuras naquilo que imagina eu ser. Deformar o que me entendia como eu para ampliar a estranheza sobre mim. Tomar distância para em seguida sentir-me como presença. Criar dentro de mim a diferença que tem sido gerada do nosso encontro. Fazer-me transpassar pelos nós do sou. Fazer-me poroso para que possa ser transpassada. Permitir vir um outro eu daquela que eu era. E depois outro e outro. Permitir que venham outros desse emaranhado de nós que sou eu. Permitir que venha ser pela estranheza em mim. Convidar-me ao devir do que sou com outras línguas, outros órgãos. Desorganizarmo-nos, todos os eus, para fazer multiplicidade com o que antes parecia ser um só. Perceber as tensões que sempre estiveram na superfície das minhas camadas mais externas e internas para criar um novo algo de mim. Quando olhamos com cuidado percebemos que em todas as direções, só existem superfícies. Não há fundo de nada, não há essência nesse mapa, apenas dobras, furos, rasgos, vazios que fazem parte do que sou e me possibilitam devires. Redobrar, transbordar e fazer novas fendas, novos velhos vazios para sermos novamente outros nós. Tirar o que nos resta de organismo excessivamente organizado e perfeito, para permitir brotar erros. Permitir fazer o que nem se pensava ser possível. Convidar ao que escapa, ao que ainda não existe, ao que não cabe em palavra. Olhar o que não convém, o que não importa. Não para dar nova função, mas para permitir outro de mim, que me extrapole a forma da utilidade. Ver beleza no movimento de tornar-se. Criar poesia com a minha própria carne.

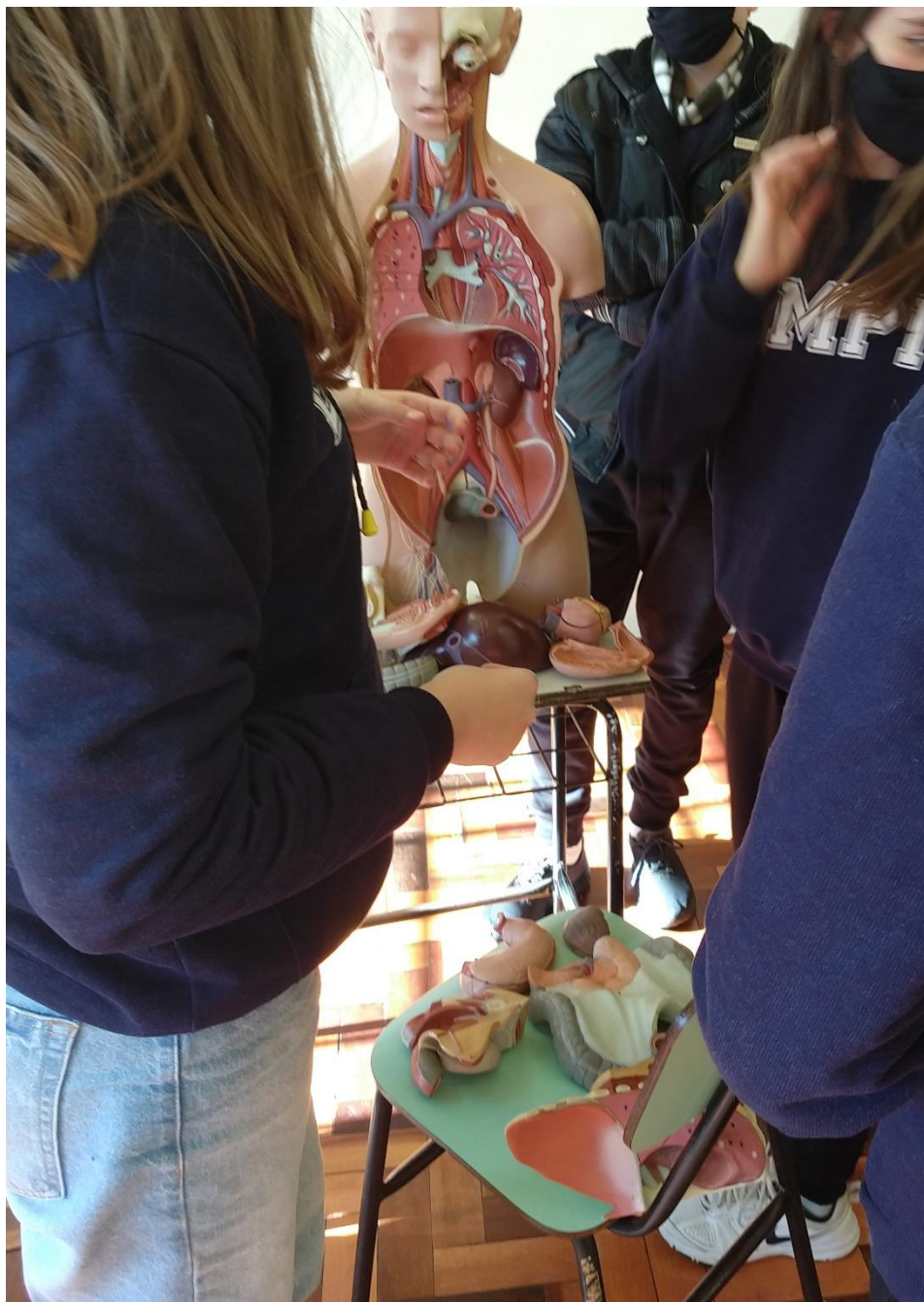
que corpos se trançam  
com afetos de  
uma professora?  
que afetos  
efetuam-se em meio ao  
trançar de corpos?  
que afetos  
se efetuam em  
uma professora  
em meio ao trançar  
de corpos?





A força de um trauma marca um corpo. Trauma não é aquilo que se procura, mas aquilo que vem, que aparece sem aviso e não deixa mais a companhia do corpo. Um trauma aparece nas reentrâncias da carne, nas dores dos músculos que ficam em estado de permanente batalha. Mas um trauma também acarreta essa força descomunal de quem sobrevive, mas deseja estar vivo. A força que advém de um trauma é uma força potente, que renega o poder maior, máximo de si, da dor alheia, a força quer potência de viva, quer amar e quer fazer reluzir em si uma singularidade só sua, mas que sempre acaba sendo compartilhada. A força potente aprende com quem também reluz vitalidade. Estar vivo não é um acaso, estar vivo é uma escolha diária que exige presença. Estar vivo exige olhar de frente os monstros que às vezes permanecem tentando arrancar pedaços inteiros daquilo que se era, da inocência, da infância, da possibilidade de não saber. A escola é o lugar que permite os encontros entre potências e poderes, sobrevivências e vida intensa. A escola é o lugar que se deixa de ser menina para ser mulher. Não uma mulher cisgênero, branca, que tem útero, menstrua, pinta a unha e alisa o cabelo. A escola é lugar de devir-mulher, que deixa de sobreviver para viver por inteiro, mesmo quando perde seus pedaços. Esse devir mulher que preferiria não em lugar do costumeiro sim domesticado. O sim é outro agora, é um sim selvagem que deixa a mansidão da culpa e da auto ojeriza.

Era isso que eu queria ter dito quando ela me contou entre soluços e lágrimas no laboratório de Ciências sobre o tio que a estuprava quando ela tinha 7 e 8 anos.



“Percebemos pouco a pouco que o CsO não é de modo algum o contrário dos órgãos. Seus inimigos não são os órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo. [...] O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil.”

(DELEUZE, GUATTARI, 2012a, p. 24).

As pernas inquietas procuram o barulho que grita no corredor e na janela. As pernas tentam responder de volta a esse uivo distante que insistem em sentir pela vibração das ondas no ar. Mas não nasceram com boca, usam então o que tem disponível ao seu alcance, entram no balanço inquieto de quem deseja responder “estou aqui, sou eu quem você anseia que te faça companhia”. Resignificam a parte do corpo que lhes cabia, transbordando sobre si mesmas, fazendo em retorno um barulho criado pelo encontro de si com o chão. Ambos silenciosos enquanto sozinhos, agora produzem uma singularidade possível do momento presente do toque um sobre o outro. A fala é tão som quanto uma batida de sola contra solo. O corpo entra em sintonia para enganar a professora que fala em tom monótono cada sílaba, sem se fazer entender pelas estudantes, famintas de qualquer outra coisa que não seja aquilo que deve acontecer previsto pelos livros didáticos. Os olhos fingem olhar para a mulher à sua frente enquanto os dedos da mão começam a acompanhar a dança dos encontros com a ponta da caneta. Uma sinfonia quase silenciosa toma conta das dores produzidas pela posição curvilínea dos músculos em fadiga: glúteos, trapézios, deltoides, eretores da espinha. Em um impulso incontrolável a mão levanta em meio a frases aparentemente inconexas da professora: “posso ir no banheiro?”. O corpo vibra com a digressão oportunizada por inteiro. Livres para fazer soar com a desculpa perfeita do até certo ponto incontrolável da fisiologia animal, as pernas rapidamente correm pelo corredor vazio, chamando as demais das salas vizinhas: “venham também correr conosco, sintam a delícia do vento quando se atinge certa velocidade”.

Data	Registro de Atividades e Conteúdos Desenvolvidos
24.04.2021	<p>As referências da presente dissertação foram trabalhadas em um contínuo ao longo da pesquisa. Dessa forma, a escrita e as imagens colocaram em operação a prática do Corpo sem Órgãos na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012a) a partir de Antonin Artaud (1947), buscando expandir forma e conteúdo, conectando ação e teoria (MOSSI, 2015). O Corpo sem Órgãos possibilita a criação, aliviando a tensão sobre a interpretação e tensionando a experimentação em seu lugar, reconfigurando os estratos rígidos do corpo excessivamente organizado e estratificado. O pensamento pela tríade de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010) se dilui em ensaios escritos e imagéticos com a territorialização, desterritorialização e reterritorialização da docência, discência e pesquisa, assim como as linhas flexíveis, duras e de fuga (DELEUZE e PARNET, 1998). Essas noções foram trabalhadas por planos que se atravessam com as tranças e a repetição de palavras em exercício de <i>deformação</i> dos textos e poemas, produzindo acesso ao corpo sem órgãos pela multiplicidade. Os conceitos indissociáveis de afeto e afecto foram escritos com tal derivação conceitual proposta por Gilles Deleuze a partir de Benedictus de Spinoza (MACHADO, 2009; DELEUZE, 2002), aqui associados com as noções de trançar e de trança, respectivamente, não como apreensão dos mesmos, mas como possibilidade de leitura no encontro com o instante sempre em movimento, não necessariamente molar, mas também molecular, a porosidade em lugar da totalidade. A criação aqui também foi feita na tentativa de potencializar a existência de devires e</p>

Assinatura do professor : _____	Assinatura do coordenador: _____
---------------------------------	----------------------------------

Data	Registro de Atividades e Conteúdos Desenvolvidos
25.04.2021	<p><i>deformações</i>, entendendo a importância da incompletude e visibilizando espaços vazios como possibilidade de criação autoral pela pessoa leitora. A atenção nos detalhes e na sutileza, assim como o jogo de formatação pelo tamanho, posição e cores da fonte e imagens, foram produzidas nas perspectivas trabalhadas ao longo das obras de Manoel de Barros (2015) e Lewis Carrol (2009; 2018). A sobrejustaposição (MOSSI, 2017) também ocupa a criação pelo atravessamento entre imagens e ensaios sem determinação hierárquica entre ambos, ao ponto que se torna indistinguível corpo texto e corpo imagem, acionando camadas de experiência pela multiplicidade (DELEUZE e GUATTARI, 2011). _____</p>
01.11.2021	<p>Como possíveis continuidades à pesquisa vigente, pretende-se continuar a pensar as questões, noções e práticas deste trabalho com a <i>deformação</i> de substantivos em verbos, trazendo movimento para a prática docente, como o <i>escolar</i>, trazido como gérmen na presente dissertação. _____</p>

Assinatura do professor : _____	Assinatura do coordenador: _____
---------------------------------	----------------------------------

Sonhei com aquele aluno chato, contestador, que atropela, que te desacredita em frente a turma. Sonhei que a gente passeava pela cidade a noite, como bons amigos, passando por um parque. M.A. me contava suas angústias de vida. Em uma casa ao lado do parque havia uma batida de carro e, disso, a fabricação de um lugar seguro. Como produzir aproximação com um aluno chato? No dia seguinte M.A. já não estava mais na escola.



“[...] instaurar  
a manifestação tonante  
dessa necessidade explosiva:  
dilatatar o corpo da minha noite interior,  
do nada interior  
do meu eu  
que é noite,  
nada,  
irreflexão,  
mas que é explosiva afirmação  
de que há  
alguma coisa  
para dar lugar:  
meu corpo”.

(ARTAUD, 1947, s/p)



“Cada coisa ordinária é um elemento de estima” (BARROS, 2015, p. 4)  
“Tenho uma confissão: noventa por cento do que escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira” (BARROS, 2015, p. 118)

“Meu fado é o de não saber quase tudo. Sobre o nada eu tenho profundidades.” (BARROS, 2015, p. 127)

“As coisas que não levam a nada têm grande importância” (BARROS, 2015, p. 45)

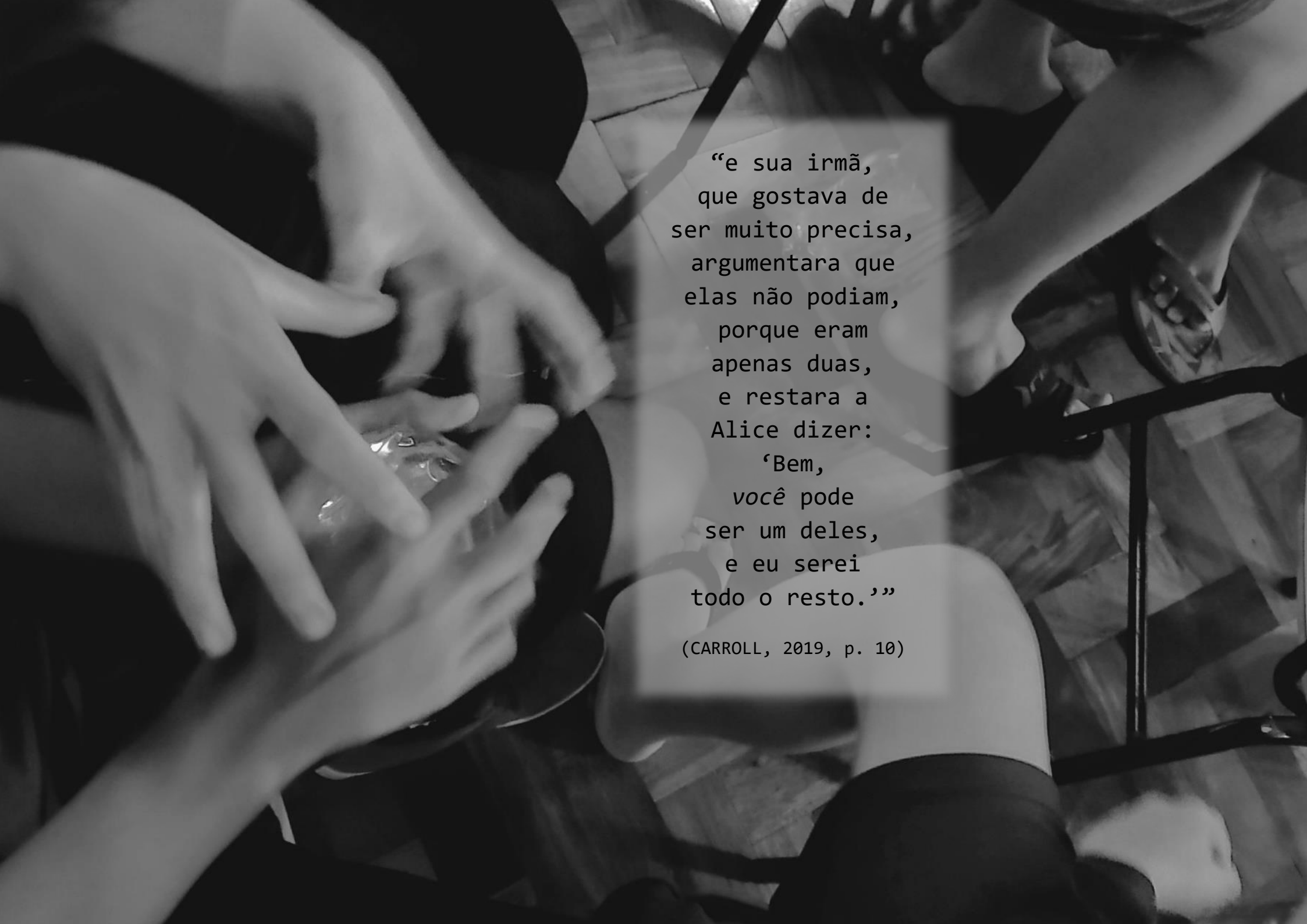
“Um Cs0 é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades.” (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 16)

“trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário” (BARROS, 2015, p. 97)

“Eu, por certo, não saberei medir a importância das coisas: alguém sabe?” (BARROS, 2015, p. 125)

## feridas

Tem dias que eu acordo com algo como se fosse um pressentimento de que o dia vai ser bom. Nesse dia esse pressentimento veio. Eu acordei, tomei banho e me olhei no espelho sabendo que seria um bom dia. Me senti inspirada. Era um bom dia para ser professora. Eu amo minha profissão, sou mesmo apaixonadíssima, mas tem dias que são muito difíceis, turmas que são muito complicadas, alunos que aterrorizam os sonhos a noite. Muitas vezes o sexto ano é a turma que dá vontade de sair sem nem ter entrado. Em uma escola com uma grande porcentagem de repetição de ano escolar pelos alunos, isso piora muito. E eu entendo os alunos que desistiram, ver por dois, três, às vezes quatro anos seguidos as mesmas coisas, os mesmos assuntos, a mesma sala de aula, alguns colegas continuando a estudar, se formando, e a liberdade cada vez mais distante, é injusto, complexo. Ao mesmo tempo também é complexo ser professora de uma turma que desistiu, ainda mais no primeiro ano formada na graduação depois de longos anos sentindo não a mesma, mas uma parecida ausência de liberdade, sentindo a vida se esvaindo aos poucos, o tempo escapando pelos dedos. Mas não nesse dia, nesse dia tudo estava ótimo e eu estava inspirada. Expliquei a matéria para o sétimo ano com toda a paciência que a turma merecia e distribui a atividade. A sala estava cheia, como sempre, eu mal conseguia andar entre as fileiras para distribuir as cópias. Alunas demais, espaço de menos. Não tinha problema fazer em duplas ou até trios ou individual, o importante era tentar, eu disse. Quando passei por D.A., percebi que ela não estava fazendo nada. Me aproximei e falei baixinho para ela tentar fazer, eu poderia ajudar no que ela não entendesse, ela podia me perguntar, podíamos tentar fazer juntas até. D.A. não me respondia, apenas dizia que não iria fazer usando o mínimo de palavras possível nessa comunicação. D.A. e eu ficamos um tempo nos olhando fundo nos olhos, então eu saí, fui ajudar outra colega e dar um tempo, fazer o ar circular. Quando voltei, ainda tentei incentivar, insistir, persuadir... tentei de tudo. Por fim, tentei outra abordagem, falei para D.A. que eu gostaria que ela fizesse para que pudesse aprender a matéria daquele dia, mas que se ela não conseguisse mesmo assim ela me escrevesse uma carta dizendo o que tinha acontecido e por que ela não conseguia fazer a atividade. D.A. disse que iria pensar. Continuei auxiliando outras colegas, no final da aula, D.A., em silêncio, me entregou uma carta. Nos seus escritos D.A. falava sobre a relação com sua mãe, uma relação dolorida, cheia de feridas abertas. É muito difícil mesmo fazer qualquer coisa quando só se sente dor. Nesse dia eu consegui tornar a escola, aquela sala de aula, um território seguro e confortável para D.A. escrever sobre si, para se colocar fora da roupa de pele que veste todo dia. D.A. me confiou um segredo apesar da atmosfera de fuxicos que ronda a sala das professoras e a direção.



“e sua irmã,  
que gostava de  
ser muito precisa,  
argumentara que  
elas não podiam,  
porque eram  
apenas duas,  
e restara a  
Alice dizer:

‘Bem,  
você pode  
ser um deles,  
e eu serei  
todo o resto.’”

(CARROLL, 2019, p. 10)

Durante a dança dos órgãos, fluxos de fluidos, batidas ritmadas do coração, oxigenação dos tecidos, nossas células se dividem formando novas células. Sou eu ainda a célula que não mais está em mim? Sou eu o fio de cabelo que cai no chão do banheiro? Sou eu a toxina presente no sistema linfático? Sou eu metal pesado das águas que correm no meu sangue? Sou eu o fio de algodão que entremeia minha roupa? Sou eu anticorpo de um corpo que um dia foi o meu?

Não somos apenas carne em sua função pré-definida. Somos animais transpassados pelas transformações. Um corpo também se define pelo que não é. Somos estradas, vias de acesso, possibilidades de escape. Não se esqueça que também há epitélio internamente, separando vísceras umas das outras. Por que não deixar então que nossa pele seja um epitélio visceral coletivo de um corpo outro, maior, talvez ainda mais potente? Quantos corpos fazem uma aula? Seriam apenas dois corpos independentes entre si? Corpo docente, corpo discente. Por que não vê-los como revestimentos externos e internos simultâneos, corpo organizado e corpo diluído dos órgãos e de suas funções, invólucro, face externa, casca e carne macia da fruta? Há como descascar uma fruta sem arrancar junto suas entranhas? Proponho pensarmos o corpo e os corpos agora como uma fita de Moebius que recebe infinitos cortes sem que a tesoura pare de beijar o papel, sem que as argolas sejam separadas, como na obra *Caminhando* (1963) de Lygia Clark (ROLNIK, 2018). Argolas que são únicas, mas também não deixam de fazer parte daquela primeira fita. Somos também corpos celulares e corpos celestes.



O que faz de minhas células componentes vivos se somos todas - cadeira, giz, folha, mesa - poeira de estrelas mortas?

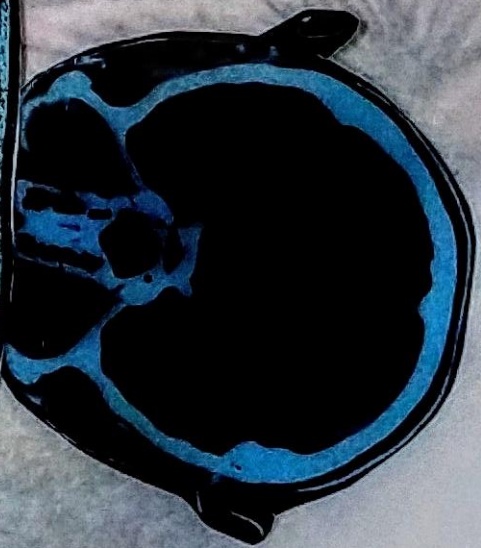


~~cavalo~~.  
escola

máquina  
de tracionar  
saudades

(KOSBY, 2017, p. 59)

Mesmo à meia luz do entardecer ou do amanhecer reconheço seus corpos de longe. Tem uma mistura de leveza e peso que rondam seus corpos. A aspereza da língua que passa suave arrancando a grama a sua frente. Tem também uma mistura de duro dos ossos saltados de seus quadris e da maciez de seu ventre e úbere. Podemos encontrá-las na beira de penhascos, em cima de rochas à beira-mar, dentro de lodos, em campos abertos. Uma vaca carrega consigo, a cada passo, a cada demorado mascar de alimento, uma multiplicidade. As superfícies do corpo da vaca carregam as surpresas de um **entre mundos**. Afinal, você já parou para ouvir uma vaca mugir? (KOSBY, 2017)



Quantos grãos fazem um saco de 1kg? Quantas gotas levam ao copo mais cheio do que vazio? Quantas memórias fazem um espaço ser alegre? Quantas células fazem um corpo ser inteiro?

Dizem que os músculos se lembram, tem memória do que lhes ocorreu. Dizem também que mesmo que a memória não esteja viva no pensamento, “o corpo se lembra, os ossos se lembram, as articulações se lembram. Até mesmo o dedo mínimo se lembra” (ESTÉS, 2014, p.230). Dizem que “a memória se aloja em imagens e sensações nas próprias células” (ESTÉS, 2014, p.230). O(s) corpo(s) surgindo de dentro pela vibração da memória muscular na carne.

O corpo pesa na cadeira, acostumado a ficar horas na mesma posição incômoda. Os pés ainda talvez inutilmente tracejem saídas de emergência, em vão. Não há saída. As portas, mesmo abertas, não trazem a liberdade da rua, mas induzem a um labirinto sem fim de salas cheias de cadeiras e classes, pó de giz e armários carcomidos por cupins e traças em que as portas há muito perderam suas chaves. Os corpos que não se adaptam são devorados pelo Minotauro, expulsos ou por desistência, convidados a estar no espaço de determinada forma, com determinadas vestes, ou convidados a se retirar, para o bem da nação, que faz vistas grossas sobre a legislação. Os corpos até podem sair, mas a memória muscular permanece. Ao voltar a essa sala de lugares bem demarcados, o corpo age como esponja inflada, não com água, mas com sangue. E a qualquer lugar que é pressionado, torcido ou mesmo tocado com leveza, não recorda, sangra (ESTÉS, 2014). Um sangue grosso, viscoso e escuro. Diferente do sangue fértil, cíclico e terroso da menstruação, esse sangue é infectado, não de morte, mas de sobrevida.

Mas tem algo que também mora nesse corpo, se sobrejustapõe (MOSSI, 2017). Uma lembrança outra do músculo. Se o controle do organismo é sutil e rígido, o Corpo sem Órgãos (DELEUZE e GUATTARI, 2012a) também pode o habitar, florir, fazer pulsar. Qual a sua lembrança mais antiga? Qual a lembrança mais antiga de seu corpo? Qual lembrança faz seu corpo estremecer? Corpo esse que se sente quando se é tocado. Corpo múltiplo e singular. Toda lembrança traz o mesmo estremecimento? Há sempre uma lembrança anterior. O corpo mantém sua ação apesar de nossos aprisionamentos. O corpo também mantém seu aprisionamento apesar de nosso agir, de nosso correr desgovernado. O desejo do corpo de correr é incontrolável, mas correr para onde em um labirinto sem saída?





Saberiam os astronautas que sensação poderia habitar o corpo que se é quando o pé repousasse sobre a rocha lunar?



A aula inspira, senta-se ao chão, dobra o joelho, passa o outro por baixo, inspira, levanta os braços e gira o tronco por sobre o joelho dobrado. A cada expiração o corpo-aula cede mais para a torção, criando espaço entre as vértebras. A cada inspiração o corpo-aula cresce em direção ao céu, tomando para si o que lhe pertence. Depois, ela se levanta, coloca um pé na frente do outro e fecha os olhos. Não se engane, nunca é fácil se manter em uma postura de equilíbrio. Não o equilíbrio da vara que pende até encontrar a metade, o equilíbrio do silêncio interno, da paciência, de dar-se tempo necessário até a próxima postura. O equilíbrio entre desafiar-se e honrar os próprios limites. O tempo de entrar na postura, confiando e se entregando para a experiência, vivendo a experiência como se fosse a primeira vez. Deixar que nos toque. É preciso estar atenta e, em certa medida, disponível e receptiva. É preciso saber apreciar as rachaduras que surgem sabendo o momento certo de usar a massa corrida, para recomeçar tudo de novo. A cada postura o corpo-aula se refaz em um outro. Corpo em transformação em que início e fim não se dispõem em uma linha reta. Se em um dia a postura lhe parece fácil, no dia seguinte pode ser imensamente desafiadora. A cada nova aula, novo(s) corpo(s) e novos encontros.

OIEH PROF!

TUDO BEM?

ESTOU COM SDPS,  
ESPERO PODERMOS  
RETORNAR EM BREVE  
BEIJO, ATÉ MAIS!

monta de um lado  
cai do outro

aperta bem ~~esse cavalo~~ essa escola  
entre as pernas

deixa que te assem as canelas por dentro

não terás relho ou esporas

e quando ~~o cavalo~~ a escola enxergar o rumo de volta pras casa  
te agarra  
que ~~ele~~ ela dispara

e vem ~~sozinho~~ sozinha

(KOSBY, 2017, p. 61)

Sempre que L.A. se desorganiza, L.A. grita e corre até a parede, se jogando sobre ela. Sua superfície quica sobre a densidade do cimento. Quando isso acontece, vários rostos a olham assustada. Não há como se acostumar ao ver um corpo indo com velocidade ao encontro de uma parede. Ou seria ao encontro de si? Quando L.A. bate na parede, L.A. retorna a encontrar o limite de seu corpo. L.A. encontra onde para de ser e onde começa parede. O movimento de L.A. exige violência para encontrar-se. L.A. não repete apenas o movimento contra a parede, L.A. repete e repete. L.A. produz diferença pela repetição de si, da música gritada, das frases, do movimento de sua mão, seus braços e sua cabeça. O corpo de L.A. repete buscando acessar outros estratos do corpo que é ao corpo que busca ser. O corpo estudante de L.A. caminha para o estrato de um corpo organizado, enquanto o corpo que estou professora deseja acessar a desterritorialização. Nossas linhas se cruzam a medida que criamos encontros entre o que somos e o que podemos ser.



“Carrego meus primórdios num andor.

Minha voz tem um vício de fontes.  
Eu queria avançar para o começo.  
Chegar ao criancimento das palavras.  
Lá onde elas ainda urinam na perna.  
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.  
Quando a criança grataja o verbo para falar o que  
não tem.

Pegar no estame do som.  
Ser a voz de um lagarto escurecido.  
Abrir um descortínio para o arcano.”

(BARROS, 2015, p. 98)

Trançar é verbo que persegue. Como poderíamos sentir a vida pulsar sem sentir os fios emaranhados compondo-se novamente e novamente em organizações outras? Sentir a trama que envolve aquilo que fui, aquilo que estou e aquilo dos outros que perpassa através e sobre mim. Trançar as habitações do mundo formando novos corpos, como breves retratos em que a cada vez que se olha a foto já se tornam outros. Sempre novas configurações emergindo para a superfície para logo depois dissolver-se e misturar-se no caótico movimento dos líquidos. Trançar os pés por debaixo da mesa de jantar em um dia de vento e os dedos embaixo da coberta em um dia frio. Trançar os braços, o pescoço e a coluna sobre si mesma em uma aula de yoga. Trançar (com) o corpo todo, os corpos todos. Trançar como quem carrega junto de si um constante convite sutil com um leve sorriso na ponta dos lábios. Trançar como quem se eletriza com o encontro pelo olhar. Trançar como quem caminha entre as classes e cadeiras, mochilas e estojos, arrastando um pouco do outro e deixando um pouco de si a cada passo, a cada balançar dos braços e dedos que falam mais que a boca. Trançar como quem costura uma colcha de retalhos e usa o avesso como lado de cima, à vista do corpo que experimenta a cama e sente as dobras, costuras sobras e excessos de tecido. Trançar como palavra onda autônoma que caminha pelo vento apesar das máscaras que apareçam pela sua andança. Trançar como olhar que fica no vaivém entre o segredo e a intimidade. Trançar como corpo que esquece da distância estabelecida nem que seja por um pequeno momento que se torna enorme. Trançar como quem convida escola também a ser verbo consigo – escolar como movimento de *deformação*.



O(s) corpo(s) tem salpicão,  
tem comichão na bunda, no pé e na garganta.

Recurvado, empinado e retilíneo.

Doce(s), azedo(s), raramente amargos.

Com cansaço, com ranho, com piolho.

Com sorriso, com presente, com palavrão.

Em cima da cadeira, da mesa, da árvore.

Correndo, escovando dente, enchendo garrafinha, gritando,  
escrevendo.

Escrevendo.

Corpo(s) escrevendo.

Corpo(s) escrevendo e repetindo.

Corpo(s) escrevendo e repetindo.

Corpo(s) escrevendo e repetindo.

Corpo(s) escrevendo e repetindo.

Corpo(s) repetindo.

E repetindo.

E repetindo.

E repetindo.



Batida do coração.

Batida do relógio.

Batida do pé.

Corpo(s) correndo,  
cada vez mais rápido,  
sem direção,  
músculos contraindo,  
impulsos nervosos,  
cérebro ...

.... parede.

Parede.

Corpo(s) na parede.

Sinto que não sou essa em quem bati.

Parede.

Só sou porque senti.

Parede.

Corpo.

Corpos.

Só sou eu porque, agora, não sou parede.



“Com esses exercícios os NOSSOS  
desconhecimentos aumentaram bem.  
As coisas sem nome apareciam melhor.  
Vimos até que os cantos podem ser ouvidos em  
forma de asas.”

(BARROS, 2015, p. 78)

O que aprendensina um corpo?

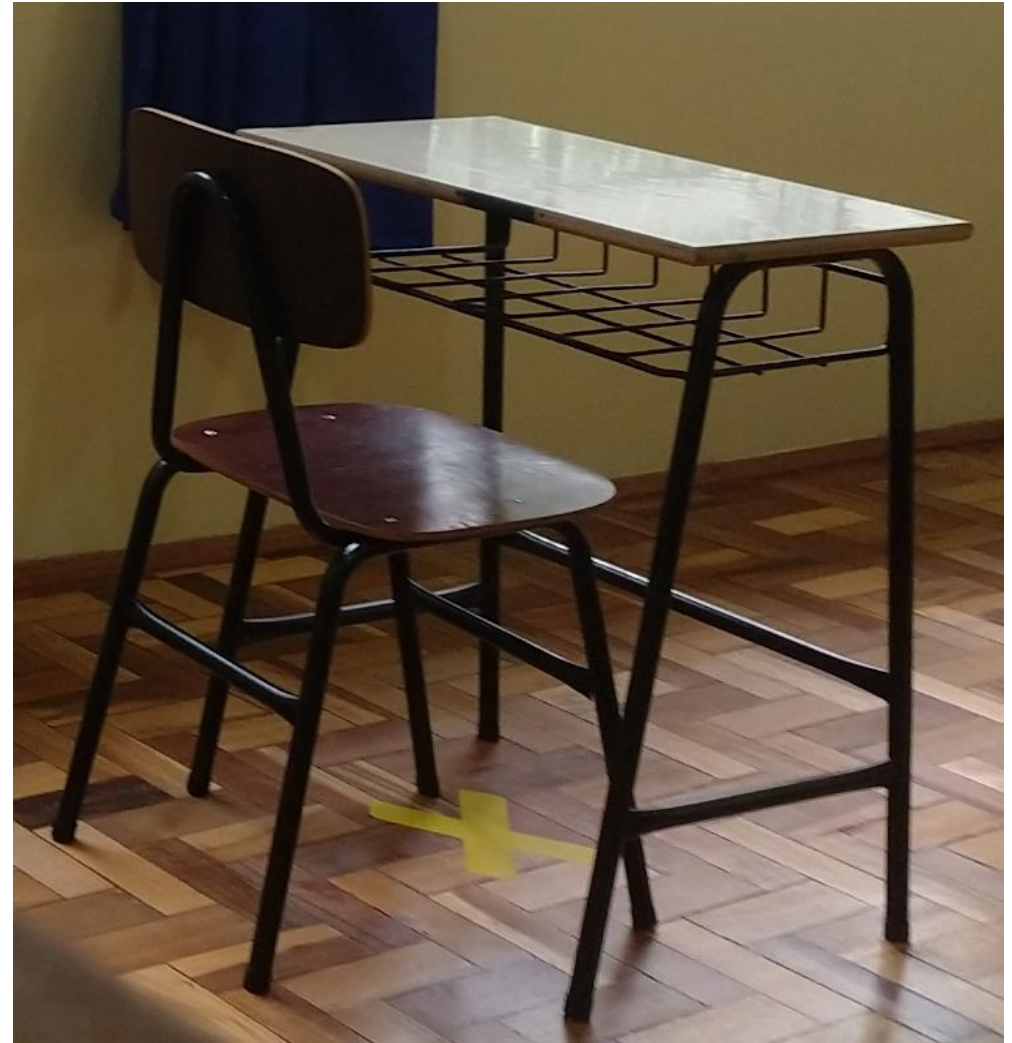
O que ensinaprende um corpo?

E uma multiplicidade?

Ontem voltaram as aulas presenciais. C.I. estava na chamada, mas não foi para a escola. Essa noite sonhei com C.I. em casa junto com sua mãe, me recebiam com o resto da família. Tinha música tocando e comida sendo feita. A mãe de C.I. era uma mulher grande, de seios fartos, corpo forte, olhos brilhantes, cérebro rápido e riso frouxo. A matriarca me lembrava uma C.I. vindoura, devir-mulher do campo que não se curva fácil, somente por escolha ou desejo. C.I. estava feliz com a vida, alegre em me ver e encantada com algum projeto novo. Eu estava atrapalhada, meio boba, talvez emocionada com o reencontro com minha grande amiga e parceira de tantos momentos.



Como dizer que a borboleta é a mesma da lagarta e da pupa que fora? Quem é o corpo borboleta? Quem é o corpo pupa? Quem é o corpo lagarta?



Quando a L.A. chegou, meu corpo já reagia há tempos sobre sua existência. Não era só autismo, diziam, tinha alguma porcentagem de esquizofrenia, se não dela, da mãe.

A primeira vez que ouvi sua voz, duas semanas depois da primeira aula juntas, fiquei assustada com sua gravidade. Ela ia fundo em mim. A repetição de palavras rápidas e aparentemente sem sentido me atordoava completamente. Boina, dindo, me deixa...

Era a primeira vez na escola depois de sete meses em casa. Sete meses. Sete longos meses. Era outubro, faltava dois meses para o fim do ano e as merecidas, deliciosas, apetitosas férias. O que se pode ensinar em dois meses para uma menina com autismo e talvez uma pitada de esquizofrenia? Era uma pergunta complexa. Quanto tempo eu ia demorar para conhecer a L.A.? Quanto tempo ia demorar para conseguir a confiança da menina? Como ensinar uma pessoa com autismo que não responde tuas perguntas nem te olha nos olhos? Talvez essa última fosse meu maior desafio, minhas premissas educacionais eram baseadas em algo que eu não teria ali. Como ensinar uma menina tendo que cuidar para não ser mordida? Como ensinar aos outros trinta estudantes da minha sala com as músicas gritadas no meio de uma explicação ou exercício?

Mas eu tinha vontade, eu tinha muita vontade de ensinar com L.A. A minha vontade era tanta que em um mês a L.A. não me aguentava mais. Eu era insuportável para ela. Minhas tentativas eram tão excessivas que a L.A., que não deixava as outras professoras em paz, não me queria ao seu lado.

### **minha aprendizagem da visita do primeiro espírito da educação foi: deixe a L.A. em paz**

Ao mesmo tempo que lecionava, havia começado o mestrado, para meu azar, em uma aula insuportavelmente tediosa e incômoda. Eu não me identificava de nenhuma forma e achava o professor prepotente e inadequado. Cada vez que eu sentava na posição de aluna na minha cadeira e mesa com braço e olhava em volta meu único pensamento era sair correndo. Sair, correr, sem muito destino. Mas em todas as aulas eu continuava lá, parada, ouvindo e sangrando por dentro. Não o sangue menstrual vivo e potente, mas o sangue escuro e coagulado de quem com ele apodrece. Eu fedia um cheiro pútrido por dentro toda segunda-feira.

Na terceira semana de aula da L.A., ouvi meu maior desejo enquanto aluna se materializar no meu maior desespero enquanto professora: eu tenho vontade de correr, eu tenho vontade de sair correndo. A L.A. repetiu aquela frase diversas vezes na minha frente. Emudeci. Como eu, justamente eu, que na semana anterior dissera exatamente a mesma frase a mim mesma durante três horas de aula poderia responder a L.A.? Talvez, seria justamente o contrário: e quem mais, além de mim, poderia responder com maior propriedade aquela frase proferida o mesmo número de


vezes? A resposta não veio de mim, mas da monitora que a acompanhava e disse que ela iria sentar bem bonita e iria obedecer bem querida, que NÃO iria correr.

Considero que sim, todos precisamos de bordas e precisamos sim aprender limites e aprender a agir socialmente etc etc. Mas o que fazer com aquele desejo que saia das minhas entranhas como saia das dela? E se aquele desejo era tão essencial para nossa existência? E se reprimir esse desejo for tão despotencial e podador como mais nada pode ser? Não somos um só corpo por termos então o mesmo desejo tão essencial a nossa natureza selvagem indomável?

**a aprendizagem da visita do segundo espírito da educação foi justamente essa, eu tinha mais em comum com a L.A. do que eu pudera imaginar**

Em dezembro a L.A. não aguentava mais ninguém. Ela cantava alto, gritava, batia na monitora, não fazia absolutamente nenhuma atividade e só queria ficar no pátio. Eu não tinha me aproximado fazia um certo tempo, tentando respeitar uma aproximação mais tranquila, mais amena e natural quanto era possível.

**foi quando o terceiro espírito da educação me visitou e eu tive meu terceiro aprendizado: não deixe a L.A. em paz**

A close-up photograph of a spider web, showing the intricate spiral and radial patterns. The web is illuminated with a warm, golden light, highlighting the fine threads. A spider is visible in the center of the web, its body and legs partially obscured by the threads.

**“E ALGUMAS VEZES PERDEMOS  
O CONTROLE SOBRE  
ALGUMAS LINHAS.**

**LINHAS SE FAZEM  
E SE ROMPEM A TODO TEMPO,  
É O RISCO DA TEIA.**

**ALGUNS  
FIOS  
DESMORONAM MAS NA  
VOLTA DELES TODA  
UMA SÉRIE DE NOVOS CANAIS  
SE FORTALECEM”**

**(CORSEUIL, 2017, p. 144)**



Junto do barulho, vem o silêncio da deserção dos corredores. A cadeira esfria, esperando o próximo par de nádegas que venha lhe sentar. Onde estarão aquelas outras que deixam a sala quando saem pela porta? Para onde vão o pó de giz, as bolinhas de papel arremessadas fora do lixo, os restos apagados de borracha e os materiais escolares perdidos quando elas não estão aqui?



Sei que fazer o inconexo  
aclara as loucuras.  
Sou formado-a em  
desencontros.  
A sensatez me absurda.  
Os delírios ~~verbais~~-docentes  
me terapeutam.  
Posso dar alegria ao esgoto  
(~~palavra~~\_\_\_\_\_  
aceita tudo).

(BARROS, 2015, p. 99)

## só mais um dia

A professora abre os olhos assustada, novamente ela acorda com um pesadelo. Dessa vez não era ela, mas suas e seus estudantes que estavam doentes pelo coronavírus. Ela sabe que é só um pesadelo e, dentro do possível, as suas e os seus estudantes estão bem, apesar de alguns pais terem falecido, nenhum estudante ficou fisicamente doente com o vírus a ponto de precisar ser hospitalizado. Mas o medo continua, permanece como ferida de guerra, metade aberta, metade cicatrizada. Ferida residente de superfícies internas, inalcançáveis na percepção de sua extensão.

A professora decide então levantar da cama e se preparar para ir ao trabalho já que, de qualquer forma, o despertador já iria tocar. A professora também é estudante: de noite, algumas tardes, nos finais de semana e nos intervalos entre turnos da escola. A professora dá seu jeito e estuda quando dá, quando pode. A identidade professora e a identidade estudante se misturam no seu corpo, criam novos caminhos, novas dobras de si, do que pode enquanto potência de corpo que experimenta o entre do fora e do dentro do caminho da fita de Moebius. Corpo que experimenta as forças difusas do poder atuante sobre si e que respingam na escola e se alastram pelo chão. Molecular, o poder faz marcas pela superfície professora e pela superfície aluna, como marcas de gastura de chão que é percorrido pelo tempo.

A professora vai para a aula. Não a aula que ela tem, a aula que ela dá. Quando chega na escola, a temperatura da professora é aferida e colocam álcool gel em sua mão. Já estava de máscara, sem dúvida, aquela, comprada com dinheiro próprio que é mais segura. A professora se entrega para a ilusão do controle e da proteção. Durante a aula que dá, nos pequenos minutos de silêncio, a professora pensa em uma conversa ocorrida por mensagem no grupo de Whatsapp de uma disciplina de mestrado em que é aluna. Ela lembra da frase do aluno que precisa sentar na frente do computador e precisa ficar prestando atenção fazendo notas da aula e nada mais.

O micropoder incide na pequena fenda, forçando a separação entre o ser professora e o ser estudante. A professora estudante resiste, preferindo abraçar a potência que reside na multiplicidade do que sucumbir à sujeição da marca definitiva identitária. Seu corpo múltiplo, político, vai além de uma dimensão psicológica ou atitudinal.

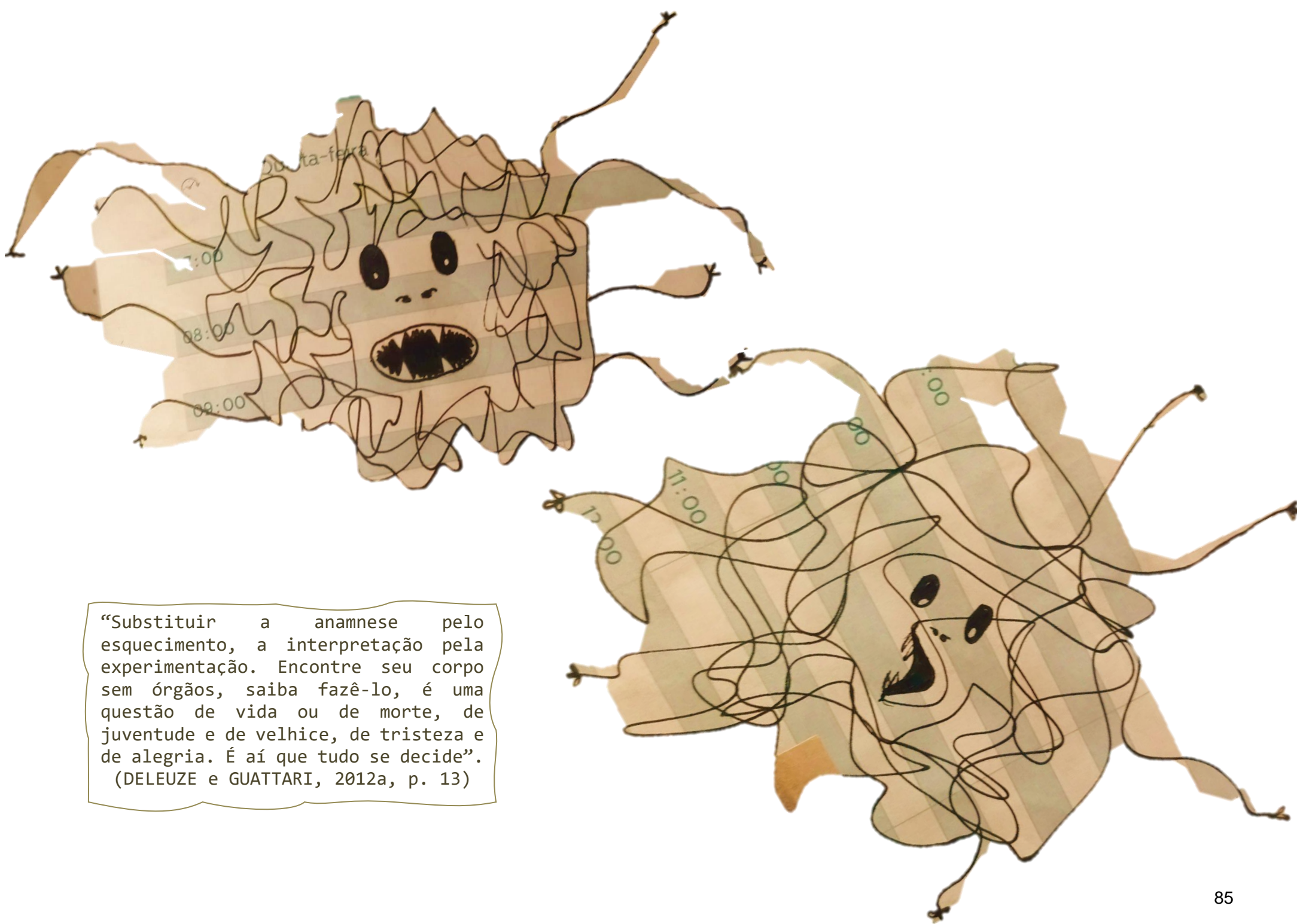
Ela levanta os olhos do caderno de chamada e olha para suas inquietas e seus impacientes estudantes que precisam se governar sentados sobre um “x” amarelo desenhado com fita adesiva no chão, estudantes em que o corpo não aguenta o movimento estanque, estudantes da impermanência. E será que não seríamos todas e todos nós esse corpo que pulsa enquanto pensa? Esse corpo que pensa junto com o movimento? Esse corpo que entende a partir de si e não apesar de sua estrutura de carne e sangue e osso? Esse corpo que não cede à abertura da fenda que divide parte do seu corpo chamado de mente? Quem corpo aguenta essa aula idealizada?

A professora lembra de suas colegas professoras que não fazem aula para aquelas e aqueles estudantes com deficiência, estudantes que não conseguem ficar paradas, estudantes que não conseguem escrever, estudantes que não conseguem ler. Será que falta algo a essas e esses estudantes? A professora lembra de suas colegas professoras que comemoram quando aquela ou aquele estudante problema não vai a aula.

Nada falta a essas e esses estudantes.

Quantas vezes a professora mesma não tinha escorregado da sua própria corda bamba ética estruturando o campo possível de ação dos outros unicamente pensando em sua experiência de mundo? Quantas vezes a professora usou sua vontade de atuar sobre a ação alheia guiada pela paixão pelo poder?

**Esse texto foi criado para a avaliação final da disciplina ofertada de forma virtual “Seminário Avançado: Foucault e a Educação” oferecido pela professora doutora Clarice Salete Traversini (PPGEdu/UFRGS) no primeiro semestre de 2021, condizente com o segundo semestre de 2020 devido ao período pandêmico ocorrido pelo vírus Sars-CoV-2 conhecido como coronavírus.**



“Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide”.  
(DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 13)

## RITALUNA®

Medicamento tentando romper história tendenciosamente genérica Lei nº 9394, de 1996.

LEIA ESTA BULA ATENTAMENTE ANTES DE INICIAR O TRATAMENTO

### INFORMAÇÕES À IMPACIENTE PESSOA LEITORA

#### APRESENTAÇÕES

Ritaluna® 10 mg – embalagem contendo imagens e escritos ensaísticos comprimidos em 192 páginas.

#### VIA MEMBRANAS SEMIPERMEÁVEIS USO ADULTO E PEDIÁTRICO

#### COMPOSIÇÃO

Cada página de Ritaluna® contém:

escritos ..... 5 mg  
imagens ..... 5 mg

Excipientes: fosfato de formatação tribásico, lactose polidivertida, amígdos, gelatyna, afe(c)tos escolares transcritos em tranças.

#### 1. PARA QUE ESTE MEDICAMENTO É INDICADO?

Ritaluna® é indicada como parte de um programa de tratamento amplo que tipicamente inclui medidas psicológicas, educacionais e sociais, direcionadas a impacientes com uma síndrome comportamental caracterizada por endurecimento moderado a grave que acomete professoras e pode ser causado pelo tempo, colegas desestimuladas, ossos do ofício e perseguição política da direção da escola. O diagnóstico deve ser feito de acordo com percepções próprias ou de pessoas próximas relativas aos músculos faciais e/ou rugas de expressões de tensão e/ou tristeza. Os sinais neurológicos sem novas conexões, a deficiência de sorrisos e risadas e a perda de tônus muscular voluntário podem ou não estar presentes e

um diagnóstico de disfunção do sistema de rede de apoio pode ou não ser assegurado. O diagnóstico correto requer profunda escuta do corpo em face de afe(c)tos. As características comumente relatadas incluem: história de déficit de lazer, falta de impulsividade extrema e hipoatividade moderada a grave. O aprendizado pode ou não estar prejudicado. O diagnóstico deve ser baseado na história e avaliação completas da professora e não apenas na presença de uma ou mais dessas características. O tratamento medicamentoso não é indicado para todas as professoras com esta síndrome. Ritaluna® também é indicada para estudantes de licenciatura ou pós-graduação que procuram se sensibilizar ou ressensibilizar com a prática docente e de pesquisa.

#### 2. COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

Além de poder melhorar os sintomas principais do endurecimento, os escritos e as imagens também podem aumentar os comportamentos associados com problematização de si mesmo, a estranheza do familiar, a tomada de distanciamento do que é próximo, a experimentação a partir de si, a suspensão do juízo (LARROSA, 2004). Estudos publicados mostram que a Ritaluna® pode modificar significativamente causando aumento de perspectivas sobre um mesmo objeto e cataplexia. O estudo realizado em adultos sugere diferença na eficácia ou segurança entre os subgrupos de gênero, sendo significativamente direcionado para mulheres. Nenhuma reação adversa séria inesperada ou reações adversas foram observadas nesta extensão do estudo, e as reações adversas comumente observadas eram esperadas e impulsionadas pela atividade criativa. Além disso, o tratamento com Ritaluna® consistentemente demonstrou eficácia clínica durante o estudo, quando utilizado escalas de autoavaliação e escalas de avaliação por estudantes de professoras que tentaram formular para si uma pergunta problema de pesquisa a partir da pergunta de

Spinoza "o que pode o corpo?".

#### 3. O QUE DEVO SABER ANTES DE USAR ESTE MEDICAMENTO?

O tratamento com Ritaluna® deve ser considerado somente após levantamento detalhado da história e avaliação do impaciente. Todas as citações diretas utilizadas seguem com a respectiva autoria e foram inseridas entre aspas. Palavras pré-existentes em textos originais foram tachadas (CARVALHO, 2015) e acrescidas por palavras de própria autoria. Observou-se a mesma resposta metabólica nos textos "olhar-se com olhos de lagarta" e "olhar-se com olhos de pomba", havendo grave alteração nos níveis de diagramação, com redução ou aumento significativo do tamanho da letra e alteração de coloração nos excertos originais eliminados. O tratamento com Ritaluna® estimulou o uso de fonte Times New Roman para os trechos originais do autor e o uso de fonte Consolas para as inserções de autoria própria. Em alguns casos, percebeu-se o uso de tachado sobre palavras autorais, submetendo a própria escrita ao uso do medicamento. Todos os textos autorais foram escritos a partir de memórias e fotografias feitas pela mestrande ou suas estudantes. Nenhuma trança foi ferida durante a pesquisa.

**Atenção diabéticos: Ritaluna® contém açúcar com pequenas doses de acidez.**

#### 4. COMO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

A leitura pode ser tomada com ou sem linearidade conforme a página (vide "modos de usar"). Cápsulas de liberação futura podem ser administradas espalhando o seu conteúdo sobre novas páginas (vide proposições específicas na última página da dissertação). As cápsulas de liberação futura são destinadas à administração oral, uma vez ao dia, pela tarde. O tratamento pode, geralmente, ser descontinuado anteriormente ou durante a puberdade. Uma dose diária

máxima de 60 mg não deve ser excedida.

#### 5. QUAIS OS MALES QUE ESTE MEDICAMENTO PODE ME CAUSAR?

O nervosismo, a insônia, a perda de apatia, estado de confusão e dependência são reações adversas muito comuns que ocorrem no início do tratamento com Ritaluna®, mas podem usualmente ser controladas pela redução da dose de seriedade e/ou pela omissão da dose de displicência. O aumento de lembranças pessoais é também muito comum, mas geralmente transitório. Dor nas costas e nos olhos são comuns a muito comuns, ocorrendo usualmente no final da leitura e podem ser aliviadas pela pausa.

#### 6. O QUE FAZER SE ALGUÉM USAR UMA QUANTIDADE MAIOR DO QUE A INDICADA DESTES MEDICAMENTO?

Os sinais e sintomas de superdose aguda, causada principalmente pela superestimulação do sistema nervoso central e simpático, podem incluir: agitação, euforia, confusão, alucinações, delírio, sudorese, rubor, palpitações, arritmias cardíacas e midríase. O procedimento no tratamento consiste no cuidado intensivo para manter adequadas a circulação e as trocas respiratórias e de pensamento, com proteção do canal de ventilação e comunicação.

#### 7. CARACTERÍSTICAS FARMACOLÓGICAS

**Grupo farmacoterapêutico:** psicoestimulante.

#### Mecanismo de ação/ farmacodinâmica

A Ritaluna® é um moderado estimulante do sistema nervoso central, com efeitos evidentes sobre as atividades mentais e as ações motoras. Seu mecanismo no ser humano ainda não foi completamente elucidado, mas acredita-se que seu efeito estimulante seja devido a uma excitação da potência de afe(c)tos que atravessa a multiplicidade de corpos espinodelezeguattarizianos, sem disparar uma delimitação conceitual. O mecanismo

pelo qual a Ritaluna® exerce seus efeitos psíquicos e comportamentais em crianças não está claramente estabelecido, nem há evidência conclusiva que demonstre como esses efeitos se relacionam com a condição do sistema nervoso central.

## Farmacocinética

**Absorção:** após a administração oral, as substâncias ativas são rápidas e quase completamente absorvidas. As concentrações plasmáticas máximas variam acentuadamente entre os impacientes.

**Biotransformação/metabolismo:** a biotransformação da dissertação é rápida e extensiva. Apenas pequenas quantidades dos metabólitos da dissertação são detectáveis 4 horas após a administração. A atividade terapêutica parece ser exercida principalmente pelos compostos precursores.

## 8. CONTRAINDICAÇÕES

Ritaluna® é contraindicada para impacientes com:

- Hipersensibilidade à vida ou qualquer excipiente;
- Necessidade exagerada ao controle e normas;
- Comorbidade mental sem desejo de mudança;
- Hiperdogmatismo;
- Distúrbios de acomodação exagerada pré-existent;
- Durante tratamento com inibidores de insensibilidade;
- Diagnóstico ou história familiar de síndrome de conformidade aguda.

## 9. INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS

### Interações farmacodinâmicas

#### - Medicamento para organismo excessivamente estratificado

A Ritaluna® pode aumentar a porosidade de um corpo utilizando como tratamento

associado o Corpo sem Órgãos (DELEUZE e GUATTARI, 1996).

#### - Uso com medicamentos que suspendem dentro e fora

A Ritaluna® deve ser utilizada amplamente em impacientes tratados com medicamentos que ampliam a perspectiva interno/externo, dentro/fora, como a fita de Moebius de Lygia Clark (ROLNIK, 2018).

#### - Uso com vaca

A vaca como força pode exacerbar os efeitos controversos de fármacos psicoativos no SNC, inclusive Ritaluna®. É, portanto, recomendável que os impacientes interajam com as vacas durante o tratamento (KOSBY, 2017).

#### - Uso com Barros (2015)

Há o risco de aumento repentino na sensibilidade, neologismos e atenção ao antes imperceptível durante leitura de poemas. Se um poema está sendo lido, Ritaluna® deve ser administrada no dia da leitura.

#### - Uso com agonistas de potência de ação e afe(c)tos

Eventos aliados sérios e não sérios incluindo o aumento e estímulo da potência de agir e questionamentos da potência de um corpo (SPINOZA, 2017) foram relatados no uso concomitante com Ritaluna®, apesar de não haver relações causais estabelecidas com a combinação. Também foram relatadas multiplicidades em estados de corpo e passagens de menor à maior potência (SPINOZA, 2017).

### Interações farmacocinéticas

A Ritaluna® é metabolizada pelas fábulas e histórias surreais. Não se espera que indutores da fantasia deixem de ter impacto importante na farmacologia da Ritaluna®. A coadministração de Ritaluna® aumenta e diminui o tamanho da concentração plasmática dos corpos. Estudos de caso

sugerem um potencial de interação de Ritaluna® com criatividade e algumas memórias de infância (ex.: filmes da Alice), mas as interações farmacocinéticas não foram confirmadas quando maiores quantidades de amostras foram analisadas. Pode ser necessária a releitura dos livros originais de Lewis Carroll (2009; 2018). Não foram realizados outros estudos de interações específicas medicamento-medimento com Ritaluna® in vivo.

### Testes laboratoriais/fármacos

Os ensaios podem induzir a resultados falso-positivos de testes laboratoriais para os fatos reais, particularmente com testes de pessoas extremamente céticas por triagem.

## 10. CUIDADOS DE ARMAZENAMENTO DO MEDICAMENTO

Ritaluna® deve ser conservada em temperatura ambiente (entre 15 e 30 °C). O prazo de validade é de 24 meses a partir da data de fabricação do projeto.

**Nome do orientador e datas de fabricação e validade: vide capa e folha de rosto.**

**Não use medicamento com o prazo de validade vencido. Não remover o dessecante.**

**Após aberto, válido por 30 dias.**

### Características:

Ritaluna®: comprimido colorido, 192 páginas, PDF, plano aparentemente bidimensional.

**Antes de usar, observe o aspecto do medicamento.**

**TODO MEDICAMENTO DEVE SER MANTIDO FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS, MENOS ESTE.**

**RITALUNA® NÃO GARANTE, EM**

**HIPÓTESE ALGUMA, NUNQUINHA, MELHORAMENTO DE NADA NO FINAL DO TRATAMENTO.**

**A EFICÁCIA DO MEDICAMENTO SE DÁ APENAS DEVIDO AO EFEITO PLACEBO RELACIONADO COM O USO DO MEDICAMENTO.**

**Em caso de uso de grande quantidade deste medicamento, procure rapidamente socorro médico e leve a embalagem ou bula do medicamento, se possível.**

Mest. Resp.: Vitória Moro Bombassaro  
CRF-RS 061837

### Registrado por:

Programa de Pós-Graduação em Educação S.A.

Av. Paulo Gama, s/n°

Porto Alegre - RS

CNPJ: 90.046.900/3308-20

Indústria Brasileira

### VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA.

**ATENÇÃO: PODE CAUSAR DEPENDÊNCIA FÍSICA OU PSÍQUICA.**

**Esta bula foi atualizada conforme Bula Padrão desaprovada pelas normas ABNT.**



Há devires-animais na escritura, que não consistem em imitar o animal, a "bancar" o animal, como a ~~música de Mozart~~ **escola** também não imita ~~os pássaros~~ a **vaca**, embora esteja penetrada por um ~~devir-pássaro~~ **vaca**. (...) Há devires-animais na escritura, que não consistem em falar de seu cachorro ou de seu gato. É, antes, um *encontro* entre dois reinos, um **curto-circuito**, uma captura de código onde cada um se desterritorializa. (DELEUZE e PARNET, 1998)

Como a larva em seu devir-borboleta, não se trata de ser como uma borboleta, mas dar lugar a um devir-minoritário, atentar às linhas de fuga que a permitem borboleta. Constituir-se pelo impensável que seria anteriormente. Por isso mesmo não se trata aqui de um devir-vaca que ruma, a vaca que se coloca a ordenhar, a vaca que admira seu carcereiro, vaca que não faz caso a quem se aproxima (como a mulher) de Friedrich Nietzsche (2004). Tampouco se trata de devir-vaca que é carne morta consumida por humanos glutões. Pretende-se aqui um devir-vaca de Marília Floôr Kosby (2017), que reluta, que cheira a campo, que é louca, que muge alto e tem bucho tenro e pele grossa, que vira outra coisa e outra coisa e vai virando outra coisa.





uma ~~vaca~~-aula furiosa  
te passa por cima  
te pateia  
ganha no mato

uma mulher furiosa  
quem sabe

que carinhos tem  
uma ~~vaca~~-aula?

(KOSBY, 2017, p. 65)



A photograph of a room with a herringbone wood floor and several black chairs. The text is overlaid on the floor.

que barulho

faz uma sala

de aula

sem aluna

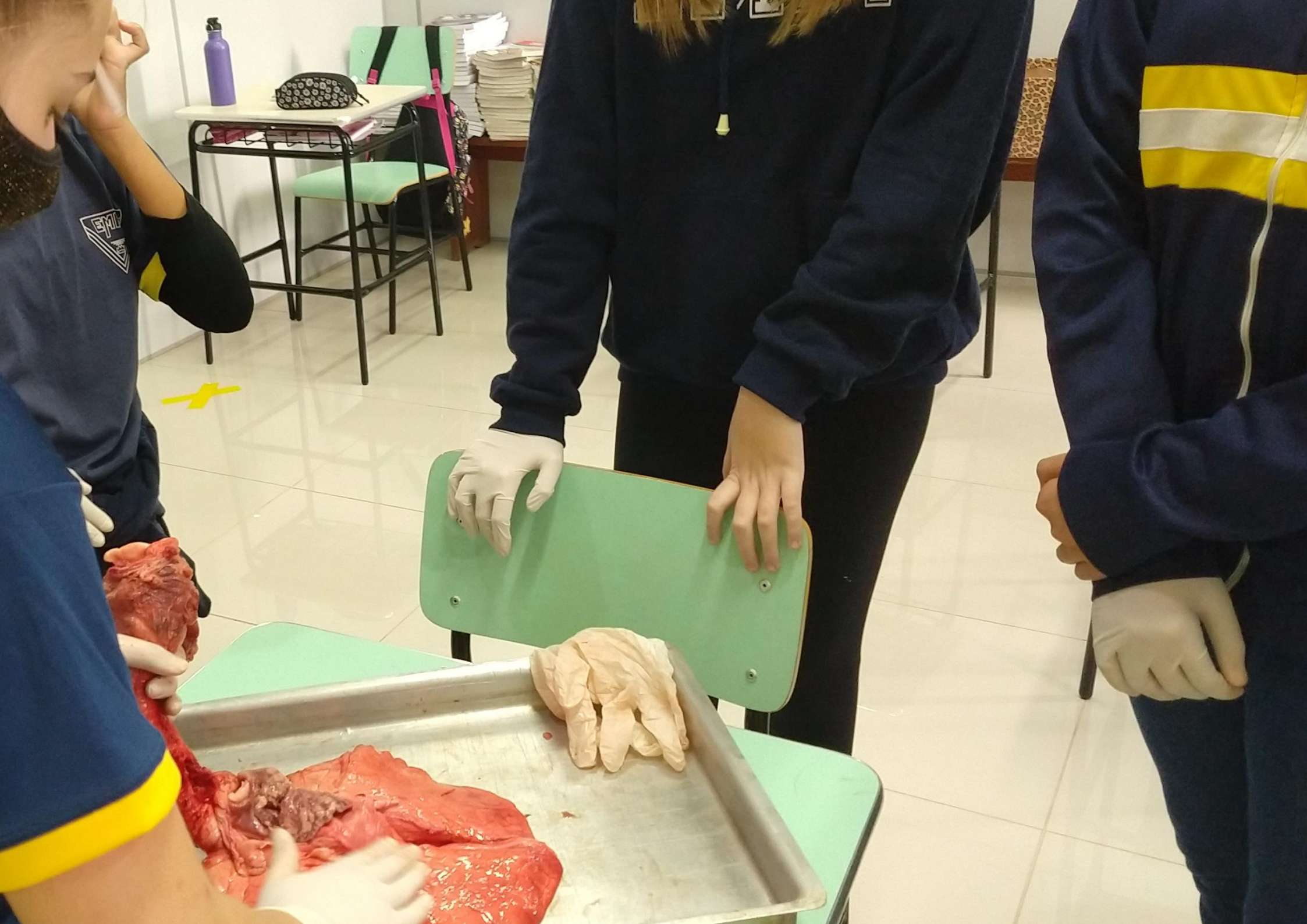
ou professora?

# voltas

Opa profe, fui teu aluno ano passado... Queria conversar com você. Por favor... Queria falar sobre um assunto um tanto delicado... Bom, eu estou questionando muito minha sexualidade... Porque não estou mais me importando se a pessoa que eu gosto é guri ou guria... Tanto faz! Porque de algum jeito, eu gosto e desgosto ao mesmo tempo. E acredito que cresci como pessoa, pois tenho uma baita vergonha do que eu dizia... Sobre o que eu achava de algumas coisas... Tinha até raiva! Hoje eu já aceito... Estou curtindo muito o esquema de liberdade... Quero relatar uma coisa, que só de pensar dói meu peito... Vai parecer besteira... Mas é muito triste ver alguém não poder se expressar... Estava olhando uma série que uma personagem gosta de garotas... Só que ela também é uma garota! E independente do que ela tenta nada dá certo... Eu tenho muita pena, porque ninguém merece ter seu amor ou suas vontades controladas... Isso é muito triste... Porque não é justo... Fiquei desde ontem só pensando nisso... Dói muito sentir isso e não tenho com quem me abrir... Porque um dos meus amigos que eu contei tirou sarro de mim... Daí fui falar com uma amiga e ela falou que eu estava sendo *marica*... Dói muito... E outra coisa, estou com minhas emoções muito soltas... Quase todos os filmes de amor que eu olho eu choro! Me sinto bem como pessoa e tal, mas esses pensamentos me causam angústia... E daí entra o que eu falei! Que ultimamente ando pensando sobre ter um amor... Só que daí percebi que independente do que for quero um/uma companheiro/a! Não importa muito o gênero... Importa se essa pessoa gosta de mim e me entende... Estou ficando muito emotivo... Daí converso com uma garota que é bonita e tal, daí falo que eu chorei em alguns filmes e ela diz que eu sou fraco! E sobre os piás, até tenho vontade de beijar um deles, só que se eu fizer vai dar merda... Daí não consigo me entender... Estou muito confuso... Só que quando eu tento me abrir as pessoas ficam com ódio! Dói muito... Profe, me desculpa mesmo se em qualquer momento eu te ofendi... Sério... Me desculpa... Só hoje percebo quem realmente são bons amigos e parceiros... Mas tipo COMO consigo tirar essa angústia de mim? Essa tristeza pelo amor dos outros? Guardar meus sentimentos dói demais... Dói muito tudo isso... O fato de uma pessoa não poder se revelar sobre o que pensa do amor... Quando estou me divertindo ou com outras pessoas isso até passa... Mas quando eu começo a pensar e quando estou sozinho me sinto vazio e com muita tristeza... Tenho muito medo... Também tem essa quarentena, nem tem mais ensaios de música, mais aula, isso dá muita dor... Que nem essa guria que achei que era minha amiga, se eu falar isso tudo para ela, com certeza ela vai dar risada! E pros meus guris, eles vão me chamar de *gay*, mesmo que não seja uma ofensa... Estou aprendendo um pouco, estou conseguindo diferenciar amigos dos colegas, mas igual esses meus amigos não levariam isso a sério... Geralmente eu converso com meu

irmão, sei que se eu falasse isso pra ele, ele não me julgaria, só me trataria diferente, e não de maneira ruim... Mas não falo... Por medo... Fico feliz por saber que ele também não se importa com quem a pessoa sente atração, isso é ótimo, mas tenho medo dele não ser mais o mesmo comigo... Porque confio nele mais até que meus pais... Outra coisa, às vezes essa minha amiga fala que eu tenho emoções de uma garota, só que eu me sinto bem com meu corpo e tudo... Mas tipo, qual o problema de ser uma pessoa frágil no sentido do amor? Profe, obrigado por me ajudar... Essa conversa me ajudou muito! Não tinha com quem eu largar isso... Deixa eu te contar mais uma coisa, quando eu estava em um evento de *anime* em Porto Alegre, beijei uma garota, e quando terminou o beijo ela me disse que era um garoto... Na hora fiquei muito pensativo! Guardei até esse momento isso porque não aguento mais... Só que diferente disso não me importo mais muito... Porque o que me atraiu foi o lado feminino dela... Mas também me senti atraído por saber que era um guri! Então não sei o que pensar... De quem eu gosto... E como gosto... Sei que na hora fiquei muito pensativo... Mas hoje não, porque eu estava começando a deixar de pensar que o amor é um cadeado... Isso eu acho confuso... Demos mais um beijo, daí ela foi embora... O “lado feminino dela” era legal, era simpática, bacana, delicada e engraçada! Não me importei sobre outros fatos... Porque amor é amor! E era ficar só por ficar, mas tomou proporções maiores... Só que o triste é que não consigo direito... Eu estava falando com uma guria pelo celular, tá beleza, ela estava na minha e eu na dela, daí na festa que a gente foi tinha um guri, que era bonito e tal, só que eu não pensei em fazer nada porque meus “amigos” iam me julgar e me largar de alguma forma... E ela também estava na festa... E era bonita, só que na festa eu queria mesmo era ter beijado ele! Mas vai que eu chego e coisa e tal e ele fica bravo? Enfim... É tanta coisa, sabe? Bom profe, obrigado por ter ajudado e ter aguentado minhas emoções e outras coisas, estou num processo de liberdade e de questionar o porquê de algumas coisas... Também consegui tirar aquela dor no meu peito e dos meus pensamentos... Consegui soltar o que estava preso... E melhor do que tudo, não fui julgado, fui entendido e apoiado, muito obrigado! Muito obrigado profe. Mas enfim, desculpa se algum dia te ofendi, porque todo mundo evolui. Obrigado por ter me ajudado na aula e até hoje... Muito obrigado mesmo! Eu estava meio que em desespero, porque as pessoas que eu falei não levaram a sério... Fico feliz de poder contar com alguém, valeu. Boa noite e *brigadão* por tudo...

Esse texto foi criado tendo como referência uma conversa de WhatsApp entre a ex-professora e um estudante de Ensino Médio.



É esse amontoado de pequenos corpos, singulares e coletivos, formando grandes corpos provisórios que se *deformam*. Corpos que se movem, se interpelam, se experienciam na trama do tempo-espço. Invadindo e criando novos de si. Friccionando as suas superfícies para então desabarem em um território que é outro ainda que seja o mesmo. O atrito é uma das forças que age a partir e por entre os encontros, como a língua de uma vaca passando contra as cerdas da grama. Os corpos habitam-se, persuadem para si quem está ao lado. São mutuamente arrastados pelo desejo e pelos afe(c)tos. Perdidos na fluidez e seduzidos pelo movimento randômico originado por uma pequena variação no ponto maior de gravidade que tece para si a *deformação* que é possível no agora. A *deformação* que invoca multiplicidade a partir da decomposição do que se aparentava *uniforme* e se descobre alargando as possibilidades. Novos arranjos de corpos e encontros produzidos a partir do que escapa daquilo que se esperava, da comodidade da certeza. Não há identidade que caiba nesse devir em educação.



Tem palavras que puxam a gente para um outro estado, um outro ser. Tem palavras que depois que se lê, nada volta ao que era. Essas palavras me pegaram, me cutucaram por bastante tempo. Elas me permitiram respirar e pensar que afinal fazia algum sentido fazer o que eu fazia.

ser professora.  
estar professora.

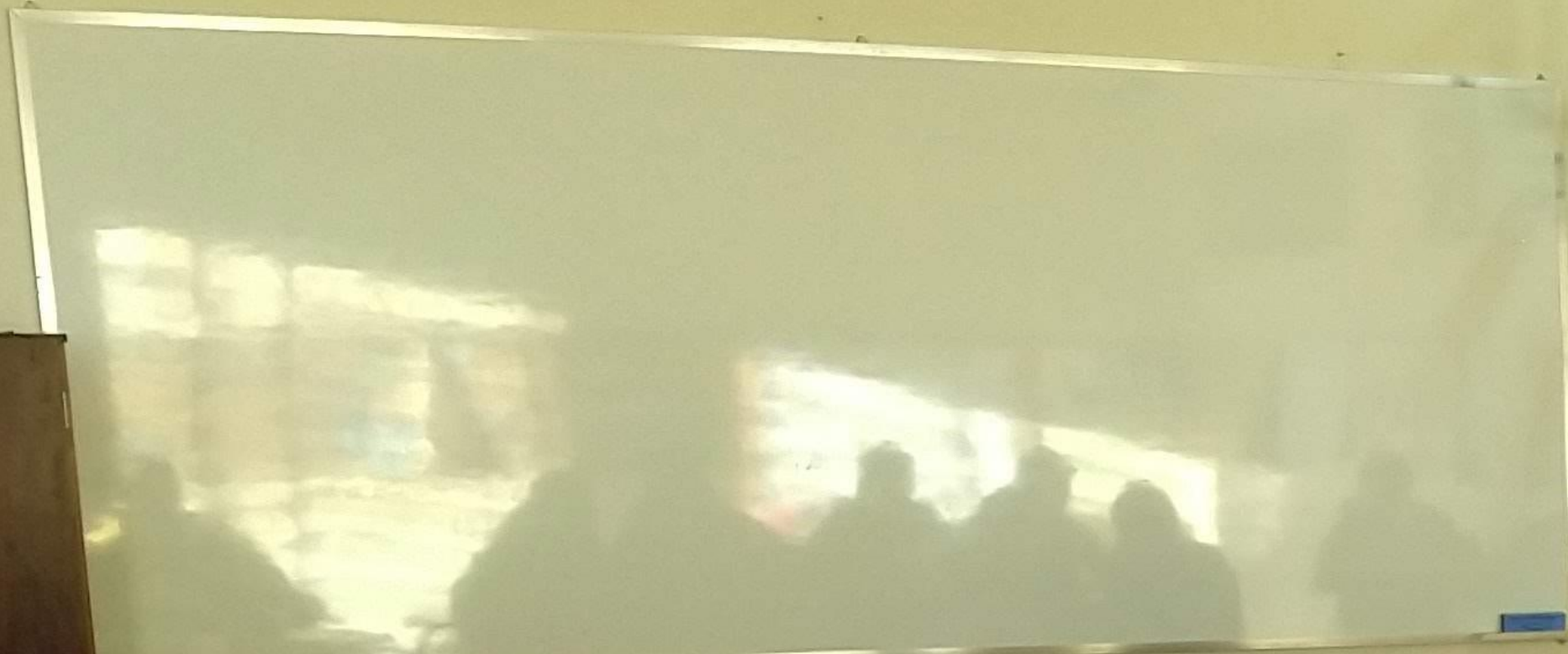
Há quanto tempo tínhamos formado um corpo nosso? Há quanto tempo trançamos nós em um novo corpo? Em que momento surgiu esse nosso corpo compartilhado? Que ações e frases minhas convidaram ele a se sentir corpo junto comigo? Imagino agora que nosso corpo tenha iniciado sua formação ainda no primeiro dia, tímido, principiante, instável, inseguro da sua existência, corpo cambaleante frágil de bebê. Imagino agora também que o corpo tenha ganhado segurança e estabilidade na vontade dele de aprender Ciências e no meu prazer em ensinar. Ele pergunta se me lembro e me lembro muito bem, de cada palavra, cada olhar, cada rejeição e cada inspiração. Lembro da genialidade em responder questões desafiadoras e lembro também dos comentários preconceituosos por eu ter uma esposa sendo uma mulher. Imagino agora também que o nosso corpo se firmou ainda mais na sua existência com a pausa dos nossos encontros presenciais físicos. Imagino que ele já não era mais meu aluno quando decidiu fortalecer esse corpo comum que tinha feito comigo. Nunca pensei que uma pausa tão longa pudesse nos trazer de volta esse corpo nosso. Nunca pensei que o encontro se fizesse sem a presença, mas muito mudou com a vinda da pandemia. A finitude se faz presente para quem é vivo. Só é possível algum reencontro a partir de uma ausência temporária.

“Todos os indivíduos estão na Natureza como sobre um plano de consistência cuja figura inteira eles formam, variável a cada momento. Eles se afetam uns aos outros, à medida que a relação que constitui cada um forma um grau de potência, um poder de ser afetado. Tudo é apenas encontro no universo, bom ou mau encontro. (...) Daí a força da questão de Espinoza: o que pode um corpo? De que afetos é ele capaz? Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria). Espinoza está sempre se surpreendendo com o corpo. Ele não se surpreende de ter um corpo, mas com o que o corpo pode. Os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação. Você ainda não definiu um animal enquanto não tiver feito a lista de seus afetos”

(DELEUZE e PARNET, 1998, p. 49-50)



“O laço com que a gente laça a ~~vaca-aula~~, ele é feito com couro de ~~vaca-aula~~”  
(FREITAS, 2017, p. 113)



seríamos nós os corpos que paralisam,  
os corpos que se desintegram  
a cada olhar  
outro  
que reverbera em nossa pele  
trazendo angústias e bactérias outras  
em simbiose com nossas raízes?

seríamos nós pessoas que  
sentem fundo  
o choro contido  
de lágrimas que  
não saem dos olhos  
constantemente desviando-se  
ao chão pedindo  
que lhe deixem?

seríamos nós o suor  
do corpo alheio  
que se chateia com  
uma palavra  
pesada a qual deveria  
ser entendida como sinal  
de preocupação ou  
cuidado?



seríamos nós humanos  
nem tão humanos  
que nos misturamos à  
mesa, cadeira, lápis, estojo?

seríamos nós corpos  
cansados mas  
sempre dispostos  
a mais cinco minutos  
de convite?

seríamos nós corpo resultante do  
desejo coletivo  
que paira sobre nossas  
cabeças no centro da  
sala e se enrosca  
no ventilador que mal e  
mal funciona?

seríamos nós corpos  
que se afastam  
com vontade  
de silêncio e pausa?

seríamos nós  
larvas de corpo(s)  
outro(s) em devir (DELEUZE e  
GUATTARI, 2012b)?

Sirva-se do que também não lhe convém, o sabor mais surpreendente faz casa pelo inesperado.

Handwritten notes on a spiral notebook, including a small table with columns and rows of text.

A blank sheet of paper with a small graphic of the Italian flag at the top.

Two science textbooks. The top one is titled "Ciências 6" by Leonardo Galvão, published by FTD. The cover features a woman in a red dress. The bottom book is also titled "Ciências" and "Vida & Universo".



Two pages of handwritten notes on lined paper, written in cursive. The text is dense and covers most of the page.



Não lembro bem das disciplinas e das professoras da escola. Mas lembro muito bem dos prédios, das entradas de luz do sol e suas mudanças ao longo do dia e do ano, do sentido do vento e dos lugares onde a chuva pingava em cada escola que estudei. Achava que tinha pouca memória, mas já não sei mais.

O que fica quando se sai da escola?  
Lembro de sensações vivas, como o cheiro das bergamotas ao sol em um dia frio sentada na escadaria, o calor do sol passando pelos fios de tecido, o vazio sendo preenchido de novo no intervalo entre as aulas.

Lembro do arrepio causado pelas mãos da professora quando estava na primeira série do fundamental, das massagens que eu fazia na minha professora de inglês já nos anos finais, das dores de cabeça intermináveis que eu sentia em todas as etapas e dos chazinhos com gosto de tempo gasto. Lembro da placa indicando corredor do tempo lento na faculdade e da minha procura por esse outro espaço, outro tempo, outra eu. Lembro da procura por mim fora do tempo. Nunca poderia adivinhar que a resposta estaria no próprio tempo.

“[...] e ainda que me pressionem com perguntas  
e por mais que eu me esquive a elas  
há um ponto  
em que me vejo forçado  
a dizer não,  
NÃO a negação;  
e me apertam e me manipulam  
o alimento, meu alimento até sair de mim  
então e seu leite,  
o que fica?”

Fico eu sufocado;  
e não sei que ação é,  
mas ao me pressionarem com perguntas  
até a anulação da pergunta  
eles me pressionam  
até sufocarem em mim  
a idéia de um corpo  
e de ser um corpo [...]"

(ARTAUD, 1947, s/p)



Muitas vezes já havia desmaiado em partos de ~~vaca~~—aula; na cesárea, quando sai aquele cheiro quente de coisa viva de dentro da pança da ~~vaca~~—aula querendo não morrer, é difícil se segurar. Mas ali não, a barriga estava fechada, o filhote já estava morto.  
(KOSBY, 2017, p. 51)

**res.pi.rar** *v.int.* **1.** Permitir que a energia faça do corpo abrigo. **2.** Sentir o pulmão encher e esvaziar-se, nunca por completo. **3.** Dar-se espaço. **4.** Deixar o corpo fluir para nutrir-se. **5.** Fazer-se presente no agora. **6.** Ouvir as ondas do mar interno tomando espaço. **7.** Acalmar uma aluna ou um aluno. **8.** Acalmar-se. **9.** Deixar para fora o que precisa sair e trazer para dentro o que precisa tornar-se (s)eu. **10.** Enamorar-se de estar viva. **11.** Sentir a potência de vida tomar conta de si. **12.** Ensaiar respostas ao que pode um corpo. **13.** Convidar o que se é a experimentar o que pode um encontro.



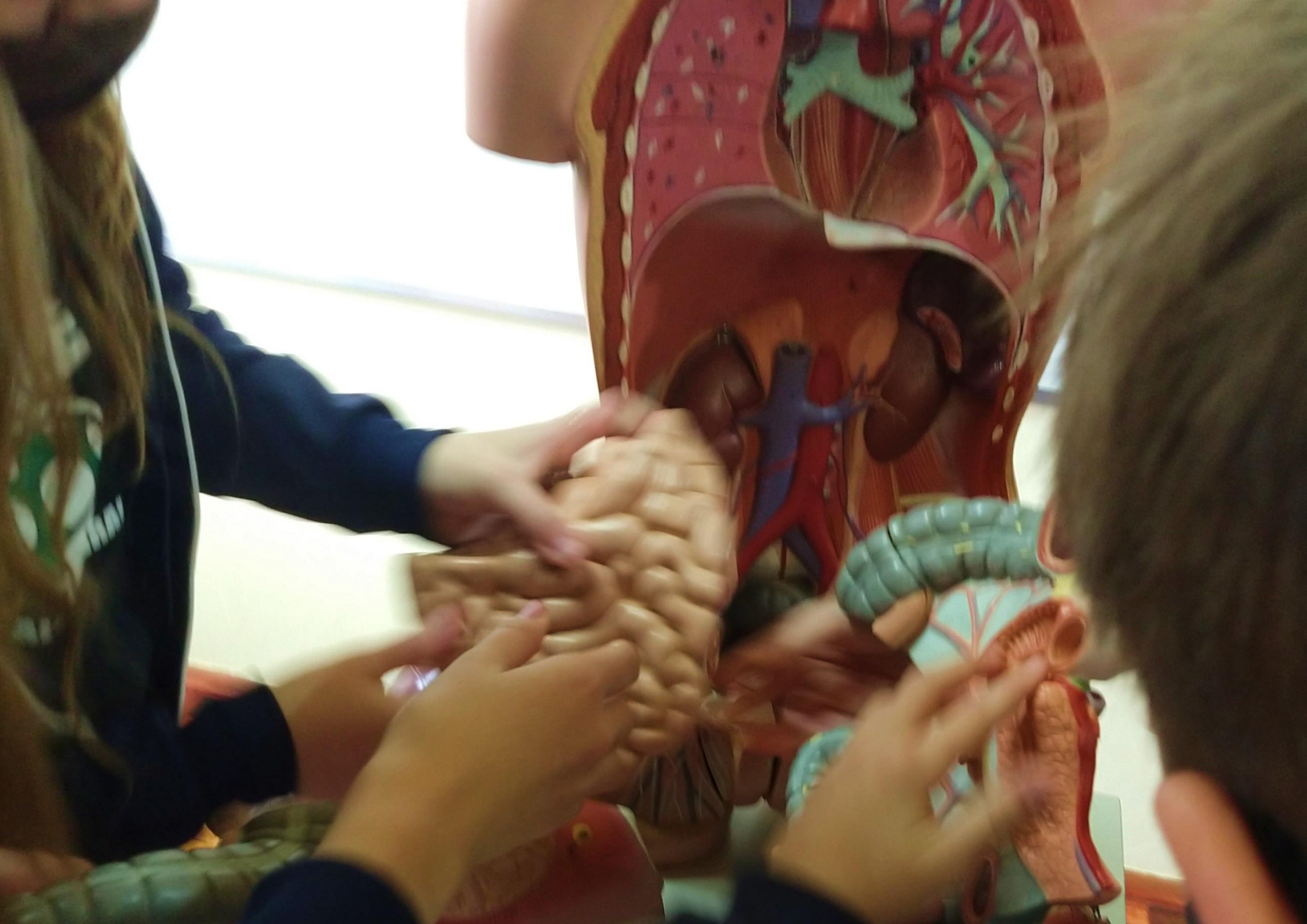
voltar  
a ser  
doula de  
~~vacas~~ aulas

(FREITAS, 2017;  
KOSBY, 2017)



Senti a ausência pelas marcas dos passos no chão recém pisado.

Que caminho seguir para também ser a professora que faz a estudante sentir que tudo pode com o corpo que tem sido?



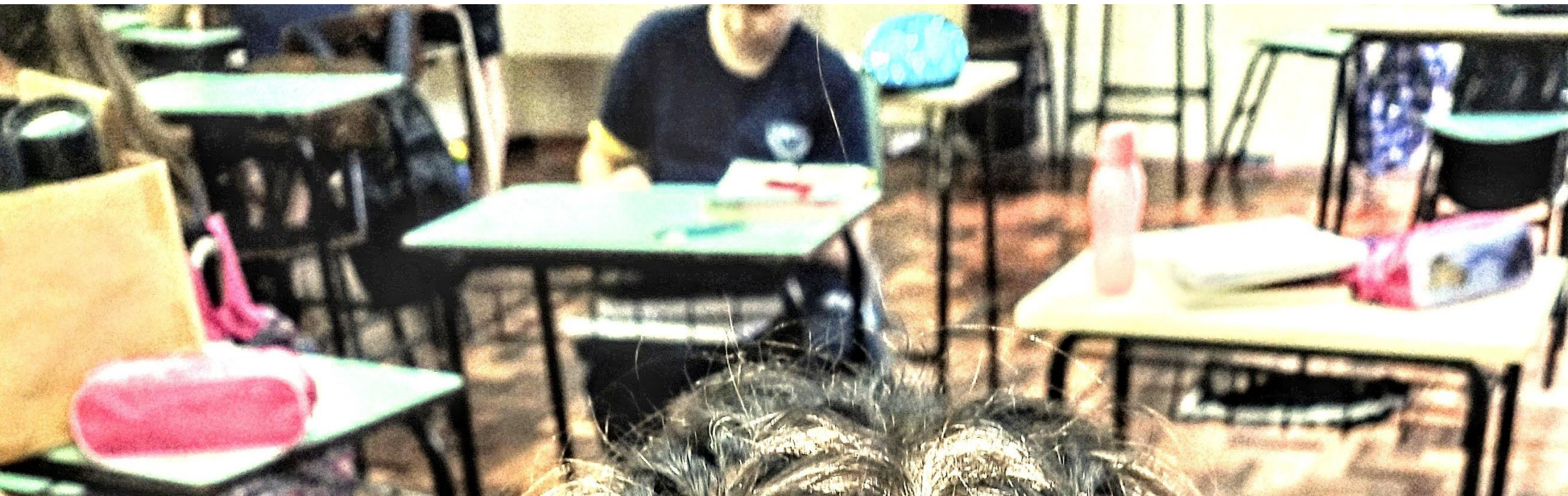
“mais ou menos que um livro,  
isto é um êxodo  
de uma tal condição  
humana  
[...]  
parem para ver uma vaca mugir  
já nem digo ouvir  
ouvir é difícil, o mugido de uma vaca  
parem para ver e procurem a próxima nota  
em que palavra daria  
aquela melodia  
aquele esforço todo  
de guela, olho, bucho, língua, rúmen  
  
que fecunda epifania valeria  
aquele esforço todo?  
  
traduzam  
o mugido”  
  
(KOSBY, 2017, p.11)

O tachado entra na dissertação como método de escrita e intervenção visual. Inicialmente, o tachado entrou na dissertação pelo encontro com a tese de Fabrício da Silva Teixeira Carvalho (2015), intitulada Educaçãoarte professorartista, na qual o autor usa o tachado e outras intervenções no texto Isso não é um romance de David Markson. Inspirada pela inventividade do trabalho de Fabrício e a noção de sobrejustaposição articulada na tese de doutorado de Cristian Poletti Mossi (2015), iniciei a experimentação como operação em citações importantes para a pesquisa dessa dissertação. Inicialmente as intervenções através do tachado substituíram palavras em textos de autoras e autores referências, mas ao longo da prática e em articulação com o desenvolvimento do conceito de *deformação*, o tachado passou para duas novas operações. Na primeira delas o tachado deixou de estar adjunto de uma palavra para estar ao lado de um traço, fazendo alusão a exercícios de escola em que a pessoa estudante deve preencher com uma palavra sua. Nesse exercício, pretendo convidar a pessoa leitora a se colocar ainda mais presente na leitura de forma autoral, completando com seu léxico a palavra que achar mais conveniente, em articulação com a palavra tachada e o contexto da dissertação. Na segunda nova operação o tachado foi feito em textos originalmente autorais, havendo adição de uma nova palavra ou da linha. Nessa operação com o tachado, percebo a dissolução do sujeito em uma composição potencialmente mais coletiva, abrindo novos caminhos possíveis para frases que antes estavam *uniformes*. Assim, o tachado entra tanto como intervenção autoral da pesquisadora e da leitora, afinando o limiar entre dentro e fora, referência e autoria, mas também como prática do conceito de *deformação*, possibilitando a abertura para a multiplicidade como potência de leitura e pesquisa. Tachar uma palavra não é eliminar a palavra, mas intervir, modificar, sem abdicar do que era ao mesmo tempo que convida a outro estado. Tachado também é afe(c)to na medida em que estado de corpo afetado e passagem de um estado a outro se colocam na imagem pela transição e presença. Assim como o devir-palavra, possibilitando uma nova forma de articulação com a frase, novas intenções e encontros. Tachar se coloca como presença no agora sem abdicar das ranhuras do tempo na construção da escrita, colocando a mostra todos as estruturas de criação.



como a sutileza e a sensibilidade podem  
convidar um corpo a ser receptivo ao outro?

Temos percebido que a ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa não é essa que se acha depois de muito procurar. Temos percebido que a ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa é essa que se cria quando se encontra. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa não se acha lendo Nietzsche, não se acha no xingamento, não se acha na carne de churrasco. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa se cria do encontro. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa é inapreensível. É força que atrai, é movimento, é verbo conjugado. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa é muito mais mulher que o filósofo nem entende quando enxerga, se enxerga. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa é peso intenso. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa muge de dor e fere pelo olhar. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa é canto profano divino que mostra choro e riso frouxo (GAL COSTA, 1997). Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa é coletivo através do transbordamento do singular. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa fede e pinga pelo chão todo. Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa é corpo nu que dança entre os carros pelas ruas e se joga na água e no vento (GRUPO FALOS & STERCUS). Nossa ~~vaca~~ ~~aula~~ pesquisa cria água e vento e terra e estrume e parede e poça e chorume (BOMBASSARO, 2017) e alegria e corpo e trança e





Dou aula ao J.O. há mais de dois anos. Sempre o entendi como um menino com dificuldades várias de compreensão, ao mesmo tempo via sua insistência nos desafios que eu colocava proposital e não propositalmente. Mas, sempre que o J.O. precisava de ajuda com algum desafio material do cotidiano escolar, ele recorria a mim. Por mais de dois anos vi a insegurança do J.O. para resolver sozinho a cola nova que não abria de jeito nenhum, a lapiseira que emperrava com pequenos pedaços de grafite, o grampeador emperrado, o apontador que quebrava pontas de lápis. Às vezes eu resolvia o problema mostrando para ele como devia fazer, às vezes eu respirava fundo e falava dicas que o ajudassem a decidir como resolver sozinho suas questões. Com o tempo e a repetição da procura com novos problemas fui ficando sem paciência e ia diminuindo as dicas. O último problema que ele me procurou eu não estava com nada de paciência no dia, disse que não sabia resolver e fiz todo um discurso sobre a necessidade de ter autonomia (seguido de outro discurso explicando o que significava autonomia). Depois de uns bons minutos eu perguntei se ele tinha conseguido e ele disse que sim. Então eu comentei que achava curioso que ele sempre me procurava para resolver esse tipo de problema, eis que ele me responde com muita admiração brilhando em seus olhos que eu era uma referência para ele como pessoa esperta que sabia lidar com problemas do mundo material.

Na travessia por diferentes estados de corpo (como um corpo que sabe e um corpo que aprende), J.O. precisava de alguém que o conduzisse. Por vezes se fazia necessário levá-lo de barco, mostrando como eu resolveria se fosse meu problema; por vezes a travessia era feita nadando ao seu lado, dando dicas de como era possível resolver; por fim, no último rio, ele fez a travessia sozinho, sabendo que eu estaria olhando-o durante o processo. A ensinaprendizagem não está apenas no conteúdo propriamente dito obedecendo às regras e aos pressupostos escolares. A aprendizagensino é sorrateira, se esgueirando nos muros da escola. A educação pode ser feita inclusive apesar da escola quando essa não facilita que haja processos de aprendizagem. A aprendizagem não é unidirecional. Eu aprendi com o J.O. também. Também fiz travessia por um rio que jamais poderei voltar. Assim como eu modifiquei o J.O., o J.O. me modificou. J.O. fez trança comigo sem que eu percebesse. Foi ele quem me convidou ao encontro, mesmo quando eu estava sem paciência. Esses momentos de educação não são completamente controláveis e não há delimitação específica de tempo de início e fim. Não há corpo certo que se forma ou corpo certo que estabeleça o convite. Quando percebemos, já começou, e quando olhamos com detalhe novamente, o fim já tinha acontecido. Mas mesmo com o fim desse corpo nosso, meu e do J.O., há início de um novo corpo meu e um novo corpo dele. Nascer novos corpos de cada corpo coletivo formado. Porém também não é sempre que aparecem, há muito mais de incontroleável do que controlável sobre a existência desses corpos vários. Percebi que esse fenômeno caminha ao lado do tempo. Não é uma ciência exata essa do corpo e talvez só uma pitada seja de ciência biológica. Esses corpos vários funcionam mais como um jogo de apostas e olhares sensíveis.



“carancho corvo urubu  
gavião  
a fome por coisa  
podre  
em mim onde será  
que putrefo  
debaixo do céu sobre  
as pedras que erguem  
o abismo  
- nos olhos”

(KOSBY, 2017, p. 53)



Já te contei que foi tu que me ensinou a ter outro olhar para as vacas? Foi daquela vez que eu te ensinava algo sobre corpo humano, sentimento e adolescência. Por sorte e escolha, eram assuntos recorrentes e quando eles vinham, tu quase sempre me olhava atento apesar das conversas laterais dos colegas nem tão interessados assim. E me enchia de perguntas sobre o nosso funcionamento. Perguntava também do funcionamento desses que viviam contigo e que tu “tratava” (no termo que tu usava para falar dessa experiência que envolvia alimento, água, fezes, que envolvia muitos corpos e que tu conseguia fazer corpos). Lembra como tu gostava de saber um pouquinho mais desse possível de entender os corpos? E como eu ficava feliz em perceber tua inquietude quando eu não sabia a resposta pra uma das tuas milhões de perguntas. E como tu ficava feliz em descobrir ainda mais perguntas sobre o mesmo assunto. Lembra dessa vez que tu me contou da tristeza da vaca? Tu me contou que já tinha visto muita vaca chorar, gritar e ficar sem comer por estar longe do seu bezerro. Que a vaca se isola das outras, procurando ficar sozinha. Que chamam de tristeza essa reação dela na distância que é colocada. Me contou com olhos marejados que era preciso separá-los para que o pequeno não bebesse todo leite que era tirado para vender. Que às vezes o pequeno virava carne cedo, sem nem ter muito experimentado a vida e o que pode seu corpo.



## Querida escola,

Hoje faz 78 dias que não te vejo. Sinto como se fosse uma crise de abstinência. Não parece aula sem você, nada parece muito real. Me sinto enrolando a vida para o momento de encontrar você, de poder sentir de novo o que podemos ser juntas. Há uns dias venho olhando fotos suas e tenho pensado em cada pedacinho seu. Sinto falta dos seus parquets de madeira inundados de cera vermelha que ficava na minha roupa quando eu sentava em você. Sinto falta dos ventiladores que nunca funcionavam. Sinto falta daquelas luzes eternamente queimadas. Sinto falta dos cochichos e burburinhos. Sinto falta das piadas inadequadas. Sinto falta das lajotas escorregadias de umidade no inverno. Sinto falta das suas madeiras cheias de trabalhos e percevejos solitários. Sinto falta dos gritinhos alegres que corriam pelos seus corredores. Sinto falta dos adolescentes questionadores que eu pedia que buscassem algo na secretaria para se acalmarem. Sinto falta das crianças com boca suja de feijão depois do almoço. Sinto falta do dia da fruta e do dia do brinquedo. Sinto falta das caligrafias nunca identificáveis e das desculpas em trabalhos atrasados. Sinto saudade de cada pedaço que fazia você ser nossa, cada pedaço que fazia parte das pessoas que caminhavam ou corriam por você todos os dias. Sei que a distância social é importante para não pegarmos a doença, mas queria que soubesse que você não sai da minha cabeça. Entendo que agora a gente não pode se ver, não estou pedindo o impossível. Mas percebo que compartilhar a saudade que sinto por você também é pensar na saúde. Às vezes penso no nosso reencontro, mas normalmente sinto muita angústia e evito esse tipo de pensamento. Já pensou não poder tocar em nenhuma parede, em nenhuma pessoa? Já pensou não poder abraçar ou receber um carinho? Prefiro ainda não pensar em nada disso, apesar de saber que estou adiando o inevitável. Estava lendo um livro para me distrair esses dias, mas tudo acaba ficando voltado para você. O livro que eu lia era Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear, da Svetlana Alexijevich, você já deve imaginar sobre o que fala. A imagem dos objetos suspensos deixados nas casas por pessoas que pensavam que logo voltariam ainda não sai da minha cabeça. Fico pensando no café em pó, os cadernos de chamada, as marcações dos livros, meus lanches, canetas, os trabalhos nas salas de aula... Ontem à noite chorei de saudade de você, tenho que admitir. Não quero que você pense que foi de frescura ou coisa assim. Mas a saudade era tanta que parecia que ia explodir no meu peito. Você já se sentiu assim antes? Eu sei que tivemos nossos desentendimentos tantas e tantas vezes, mas tem tanto ainda não dito entre nós. Tanto sentimento incompreendido também. Não sou boa de despedidas, você sabe. A última vez que nos vimos deixei umas bandejas no laboratório e uns livros no escaninho com a desculpa para voltar logo. Mas o logo ainda não chegou. Fico pensando nos meus últimos passos e nos últimos abraços de até logo que dei dentro de você. Deixo essa imagem por fim e me despeço assim meio desajeitada. Me mande notícias está bem?

Professora.

Escrever nem uma coisa  
Nem outra -

A fim de dizer todas -  
Ou, pelo menos, nenhuma.

Ao poeta \_\_\_\_\_ Assim,  
faz bem  
Desexplicar -  
Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.

(BARROS, 2015, p. 72-73)

Curioso como as coincidências acontecem. Toda segunda-feira eu passava por elas, até antes de serem segundas-feiras, quando eram quartas-feiras e sextas-feiras acho que elas já estavam lá. Faz uns meses que eu venho percebendo a beleza delas no calor de primavera e verão que tem feito. Até nas geadas de inverno já tinha visto a beleza dessa presença junto da grama esbranquiçada. Vinha me preparando há meses para registrar em fotografia as curvas delas contra as coxilhas de fundo. No dia que estava tudo pronto, celular a postos, estrada vazia, velocidade reduzida, elas não estavam lá. Pensei que tinha dado azar, errado a hora do passeio para os lados próximos da estrada de asfalto, mas na semana seguinte e na outra e na outra ainda elas não estavam mais lá. Sentia a ausência das vacas. A cada semana o espaço ficava ainda mais vazio. O que sobra do campo quando a vaca não está mais lá? Como pode uma vaca animal tão grande e pesado sumir e justamente nessa ausência se fazer tão presente?







“Para entrar em estado de árvore  
é preciso partir de  
um torpor animal de lagarto  
às três horas da tarde,  
no mês de agosto.  
Em dois anos a inércia e  
o mato vão crescer em  
nossa boca.  
Sofreremos alguma  
decomposição lírica até o mato  
sair na voz.

Hoje eu desenho o cheiro das árvores.”

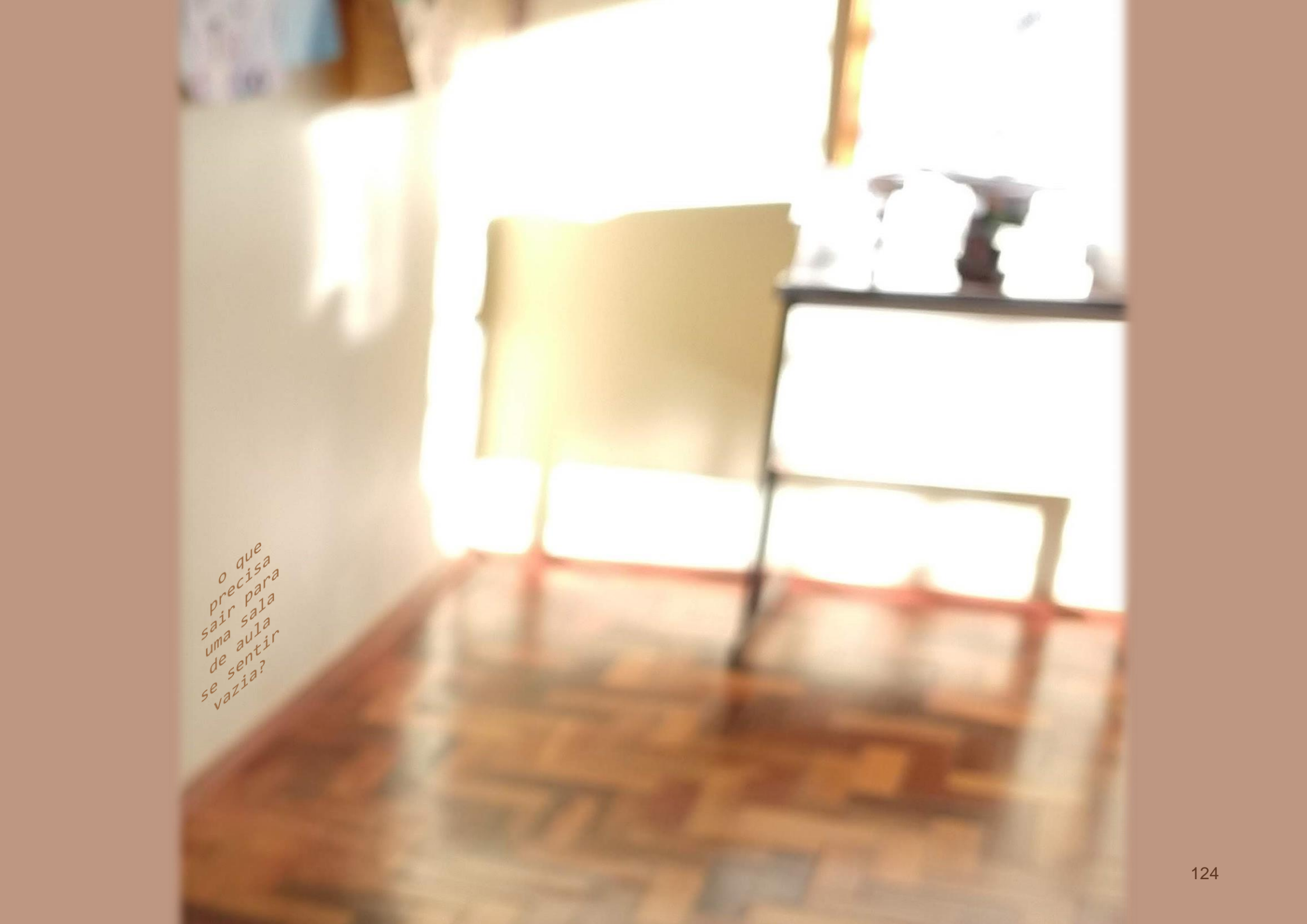
(BARROS, 2015, p. 84)

A primeira vez que voltei a me sentir assim foi ao fazer um vídeo para uma aluna com deficiência. Precisava ser vídeo, pois a C.E. não fala. Ela também não entende exatamente o que significam as palavras que eu usei. A comunicação com a C.E. usa o corpo. Foi a primeira vez que eu voltei a formar corpo com outra aluna. Curioso não ter sido com a vídeo conferência da semana passada com a turma toda do 9º ano. Fiquei feliz, claro, na semana passada, mas foi diferente... acho que tem a ver com a obrigatoriedade, talvez, sei lá. Semana passada foi o primeiro reencontro da escola com as turmas através das professoras conselheiras, depois de 67 dias de silêncio. 67 longos dias de espera, angústia, medo e saudade. Muita saudade. Como bons adolescentes, o 9º ano foi *blasé* o quanto pode. Zueiras de todas as partes rolaram pela fibra óptica depois de alguns minutos, assumo minha culpa no rolê. Foi bom pra caramba, divertido, meloso de saudade, mas não tinha o sentimento aquele, de corpo-aula.

Com a C.E. foi pensar como eu podia ensinar algo para ela. Planejei atividades específicas, que nem como na nossa aula presencial. Imaginei ela, na casa dela, com ajuda dos pais ou da irmã, vendo os vídeos que eu estava selecionando e produzindo afeto a partir da minha aula. Imaginei o sorriso dela. A C.E. quase sempre está sorrindo por causa da sua síndrome. Para representar o sim, o feliz, o ânimo, a C.E. bate palmas. Imaginei também diferentes cores de lápis de cor na mão dela. Imaginei com o jeito dela segurar, forte, duro, firme, riscando as folhas com desenhos que eu tinha pesquisado para ela. Me senti tão professora quando planejei pra C.E.

Depois o vídeo... foi demais fazer o vídeo! Foi curto, 41 segundos, mas eu me senti tão nós. No final do vídeo eu falei “que bom te ver”. Falei porque eu a vi. Vi a interação dela comigo. Vi ela pular na minha frente, com o sorriso no rosto e as mãos junto ao seu tronco, na altura do diafragma, batendo uma contra outra.

E quando eu vi a C.E. na minha frente, eu bati palmas. Uma mão era minha, a outra, dela. Juntas fizemos nosso corpo. “E não era um nem era outro. Só agora se dava conta disso, naquele imenso e sombrio lago de possibilidades. E não queria ser um nem o outro. Queria ser. Ser apenas. Enxergava sua totalidade, mas não a sentia percorrer o seu corpo. Preferia a dúvida do infinito a perturbar e machucar sua mente.” (SCHNEIDER, 2013, p. 55).

A blurred photograph of a classroom. In the foreground, there is a wooden desk. In the background, a whiteboard is visible, and a shelf with some items is on the wall. The lighting is bright, suggesting a window nearby.

o que  
precisa  
sair para  
uma sala  
de aula  
se sentir  
vazia?



Passei anos  
me procurando  
por lugares  
 nenhuns.

Até que  
não me achei –  
e fui  
salvo.



(BARROS, 2015, p. 77)

## olhar-se com olhos de lagarta

A Lagarta olhou para Alice e Alice olhou para lagarta. “Pode-se controlar quem se deseja ser?” – perguntou-se Alice. A Lagarta perguntou, dirigindo-se a Alice com uma voz calma e sonolenta:

- Quem és tu?

- Eu... Eu neste momento não sei bem, minha senhora... Pelo menos, quando acordei hoje de manhã, eu achava que sabia quem eu era, mas acho que desde então eu já mudei várias vezes... – respondeu Alice.

- Você não pode se explicar melhor? – perguntou a Lagarta.

- Eu acho que não consigo me explicar, minha senhora, pois afinal não me reconheço mais como eu mesma, como a senhora pode ver.

- Não vejo nada. – Repliou a Lagarta.

- Ficar de tantos tamanhos diferentes num só dia é uma coisa que deixa a gente muito confusa.

- De jeito nenhum – disse a Lagarta.

- Bem, talvez a senhora não tenha passado por isso ainda – disse Alice -, mas quando a senhora tiver de se transformar numa crisálida e depois numa borboleta, e isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde, então eu acho que nesse dia a senhora vai estranhar, não vai?

- Nem um pouco... – respondeu a Lagarta.

- Bem, talvez a sua maneira de sentir as coisas seja diferente – afirmou Alice. – O que eu sei é que tudo isso com certeza seria muito esquisito para mim.

- Tu? – disse a Lagarta, desdenhosa. – E quem pensas que és tu?

Como não conseguia responder, Alice se virou e saiu da sala de aula.

- Volte aqui! – chamou a Lagarta. – Tenho uma coisa muito importante para dizer.

Isso soou como algo interessante. Alice deu meia-volta e entrou novamente na sala.

- Controle-se – disse a Lagarta - Então, tu achas que está mudada, não é?

- Acho que sim – disse Alice. – Eu não consigo lembrar as coisas como eu costumava antes, nem me manter de um mesmo tamanho por mais de dez minutos!

- E por que queres lembrar do que já não lembras mais? – disse a Lagarta.

Fez-se silêncio e pausa. A Lagarta foi a primeira a voltar a falar:

- Que tamanho tu desejas ter? – perguntou.

- Bem, na verdade, eu gostaria de ficar um bocadinho maior – disse Alice. – Afinal esse tamanho é pouco...

- Trata-se de um tamanho excelente! – disse a Lagarta zangada, erguendo-se enquanto falava (ela media exatamente aquele tamanho que Alice estava).

- Mas eu não estou acostumada com nada disso! – reclamou Alice, num tom cheio de dor.

- Tu vais te acostumar – disse a Lagarta.

A Lagarta se espreguiçou, se sacudiu, desceu da mesa da professora e foi se arrastando pelo parquet, dizendo enquanto se afastava:

- Um lado te fará crescer e o outro lado te fará diminuir.

“Um lado do quê? O outro lado do quê?” – pensou Alice.

- Do material escolar, oras! – disse a Lagarta, como se tivesse ouvido o pensamento de Alice. E sumiu de vista.

[Adaptado de: CARROLL, 2009, p. 53-59]



ô sôra, ontem mataram um bezerro e uma ~~vaca~~ aula lá pra baixo deram um tiro em cada os traficantes que estavam fugindo tu já viu bala perdida em ~~vaca~~ aula?

**que corpo é esse que suporta uma aula?**

**que aula é essa insuportável a um corpo?**



A presença era necessária, independente das condições de estímulo criadas pela pesquisadora (chamada de professora pelas circunstâncias em que estávamos, mas nem sempre o sendo de fato). Os ditos professores da graduação ensinavam a seus próprios, com exemplos masculinos engessados, muitas vezes com algo que chamavam de humor, mesmo que apenas eles estivessem rindo. As professoras tinham o tal compromisso com toda a classe discente e não traziam sua perspectiva como mulher, sendo neutras e imparciais, exatamente como foram ensinadas. Devo dizer que algumas ainda se usavam de características da masculinidade tóxica para entrar nos grupelhos de homens e atingir posições de poder, constituindo-se como professoras arrogantes e desrespeitosas, como eram a maioria dos homens (mesmo que alguns o fossem de forma velada). Sendo assim, transmissores do conhecimento a seus alunos homens ignorantes (as mulheres desconsideradas).

Na graduação, boa parte das vezes a sala de aula passou de instigante a um objeto de sofrimento. Sentar naquelas cadeiras desconfortáveis por duas, três, até quatro horas... era exaustivo. Não tinha a obrigatoriedade externa da presença da sala de aula escolar, a obrigatoriedade era agora interna, como uma culpa religiosa. Tendo a experiência como aluna, eu odiava tudo o que me rodeava, as cadeiras, as paredes, a pessoa falando na frente do quadro, muitas e muitas e muitas vezes lendo seus slides feitos há alguns anos, com poucas imagens e muito texto, odiava as nuças das pessoas.

Na graduação eu gostava dos corredores, das passagens, dos encontros que aconteciam, do diretório acadêmico, das aulas e discussões de colegas de graduação, sempre fora da sala de aula, para não atrapalhar a aula real oficial que acontecia entre aquelas paredes quando as portas se fechavam.

Na primeira aula de pós-graduação em educação fiquei sentada por três horas ouvindo-o ler um texto de sua autoria em cima de um palco em uma performance exaustiva de homem sábio com movimentos de braços exagerados atrás de grandes mesas em que espalhava seus diversos livros grossos de autores másculos. Não havia diálogo com as pessoas sentadas à sua frente. Com as semanas passando, cada vez menos pessoas, cada vez mais alunas. Foram oito encontros, todos iguais, as mesmas cadeiras, as mesmas nuças, a mesma distância, a mesma masculinidade tóxica, a mesma transmissão vertical de conhecimento. Quadro, paredes, slides, cadeiras, porta. A porta, por curioso que seja, muitas vezes ficava aberta, o que me dava muita vontade de correr, largar tudo e só correr, me senti Forrest (FORREST Gump, 1994) e Lola (CORRA Lola corra, 1998), imaginando outras possibilidades, realidades alternativas, universos paralelos.



“Tenho muita dificuldade em entender quem não nos quer como somos, quem não quer explorar nosso corpo em suas surpresas e exclusividades.

Tenho dificuldade de compreender por que em vez de desfrutar daquilo que temos e somos *agora*, querem nos limpar e mutilar até que caibamos em formas que não são nossas, que são aquilo que a sociedade convencionou como irretocável fisicamente. *Eu gosto de admirar as imperfeições”*

(SALDANHA, 2020b)



Não lembro bem como começou aquela troca de cartas, acho que a mais velha tomou de inspiração um projeto que eu fiz com a turma de troca de cartas com estudantes da universidade. Ou talvez tenha sido a mais nova que gostava de trocar bilhetinhos e escrever diários. De qualquer forma é difícil dizer onde alguma coisa começa ou termina, em geral, quando se percebe já começou ou acabou há um tempo. As duas eram minhas alunas. A mais velha, A.N., estudava de manhã, era do oitavo ano. A mais nova, S.O., estudava de tarde, era do sexto ano. Três anos não parece tanto quando se é adulto, mas é um abismo de diferença quando se tem onze e quatorze anos. As duas trocavam cartas, eu era a intermediária. Nunca soube de que tratavam nas cartas, fazia parte do meu papel na história do desenvolvimento delas respeitar a individualidade e a privacidade, mesmo que a curiosidade me cutucasse com frequência. Eu sabia que elas precisavam escrever, que elas tinham muito dentro de si. Viver a adolescência é desafiador sempre. Sabia também que elas procuravam uma identificação entre pares, S.O. procurava alguém que tinha acabado de passar pelo que ela estava começando a viver, A.N. procurava alguém que ouvisse, respeitasse e validasse sua experiência. Eram coisas que eu jamais poderia dar a elas como sujeito central, o que elas desejavam uma da outra não fazia mais parte do tempo que cabia no meu corpo, a adolescência já era uma lembrança vaga, cabia a mim ser apenas mensageira das cartas. Mesmo sem nunca ler o conteúdo de nenhuma carta, eu percebia pelos envelopes feitos de folhade caderno que ali se fazia presente muita admiração, pelo que fora, pelo que estava sendo e pelo que poderia vir a ser. Era admiração do outro que reluzia algo de si.



coma-me

coma-me

coma-me

coma-me

coma-me

coma-me

coma-me

o cheiro de osso queimado  
invadia a sala de aula  
o quarto de hospital  
não tinha dia certo  
(KOSBY, 2017, p. 43)

Bom não não vai entender.

Eu fui assim porque a minha mãe foi  
me culpando por que nós damos longe do  
meu pai ela foi uma chingando por dar  
aquela coisa ela sempre fala que ela queria  
to perto do meu pai e do meu irmão.

Ela sempre diz que ela não queria  
que eu viaja mas ela fala que eu  
so um estrovo uma vida dela ela sempre  
fala isso na hora do meu café na hora  
do almoço e me fante eu mesmo como  
direito por que quando ela começa a  
falar eu vou pro quarto.

Ela vai uma coisa da mãe da tia

aberto por que quando ele começa a  
falar ~~eu~~ eu vou pro quarto.

Ele vai na casa da minha tia  
e a minha tia diz que eu fumo maconha  
mas eu não fumo e ela acredita em  
todo mundo menos em mim todo mundo  
me odia. Já tentei se mata uma vez  
mas não consegui eu me cortei as veias  
pra tirar a raiva que eu tenho e pra  
tirar a dor que eu sinto.

Eu só queria ser feliz de novo...  
mas não sei vivendo me vale mas esse  
sorriso é falso e se não se não se que eu  
to bem.

"o parto de uma vaca-aula  
requer punhos

firmes

finos porém"

(KOSBY, 2017, p. 29)

Toda semana espero ansiosa pelo momento que nos encontramos dentro da sala. Adoro explicar sobre as plantas e ajudar com atividades, veja bem, não me entenda mal, mas tenho que dizer a verdade, é que a minha semana fica muito melhor depois que a gente se encontra.

Eu me sinto uma ótima professora quando a turma faz cara de quem está dominando o conteúdo, mas quando a gente se encontra eu me sinto uma ótima professora meio que de graça. Eu me sinto uma ótima professora porque sou eu e ela e tudo está bem do jeito que está.

Eu me sinto uma ótima professora porque não preciso ser mais nada além de uma pessoa que sente.

É quase sempre assim: eu entro, a turma fica pipocando em volta de mim, aí eu mando todo mundo sentar, faço a chamada, explico a matéria do dia e dou exercício, ela faz tudo rápido e com capricho, vem do meu lado com um assunto bobo qualquer, depois de eu perguntar se ela já terminou, ela responde que sim, a gente conversa um pouquinho e ela pede pra fazer uma trança no meu cabelo (“vai ser bem fininha, do jeito que tu gosta”). Eu tenho certeza antes disso tudo acontecer que esse vai ser o momento mais maravilhoso da minha semana, e sempre é.

Depois de puxar meu cabelo até eu reclamar ela termina a trança e se senta. Às vezes ela reclama que eu me mexo muito, às vezes ela me pede pra tirar uma foto com meu celular para me mostrar como ficou, às vezes a trança é rápida, às vezes demora quase a aula toda, às vezes a continuação da explicação é com a trança pela metade, às vezes a correção dos exercícios é com o caderno dela do lado do meu e ela fica com um olho na trança e outro no caderno.

Somos apenas isso: corpos que compartilham o mesmo espaço e se sentem bem. Corpos que se aceitam como corpos únicos e múltiplos ao mesmo tempo. Quando ela trança meus cabelos somos um único corpo em sintonia. O singular e o plural se confundem em uma sala de aula. O corpo trabalha junto porque é um desejo nosso, não porque é nossa obrigação. Não deixamos de ter a obrigação, mas não é mais o principal que coordena nossos movimentos. O principal é nosso encontro, nossa troca, olhar nos olhos, trocar sorrisos, dizer como está o dia ou a semana, sem nenhum objetivo específico. Apenas sentir, e nada mais. Depois vem a possibilidade de compreensão da matéria com mais facilidade pela aproximação pessoal, o incentivo no estudo pelo respeito mútuo, mas isso tudo é uma consequência de uma sensação primeira do poder ser sem limites. Isso acaba sendo secundário porque primeiro somos um. A cada aula, cada encontro, levamos o corpo a um lugar que nunca é o mesmo do que o anterior. Não deixamos de ser quem fomos duas horas antes, mas jamais voltaremos ao estado inicial de onde partimos.

De que outra maneira eu poderia me sentir a melhor professora do mundo se não é vendo e vivendo a escolha cotidiana desse convite ao encontro?





# canseira.

esgotamento das faculdades motoras.

dedos em tremedeira

~~vaca~~ aula em recuperação

prolapso vaginal: exposição intermitente da mucosa vaginal

é causado por um relaxamento do sistema de fixação da vagina


geralmente acontece nos três últimos meses de gestação

e pode evoluir em um prolapso uterino,

quando o útero sai pela vagina depois do parto

é mais comum nas ruminantes, mas também acontece com cadelas

há predisposições hereditárias.

A brown glass spray bottle with a black trigger nozzle is positioned on a white table in the foreground. The background shows a room with a window covered by blue curtains, a wooden floor with a geometric pattern, and a small table with chairs. The text "Não seria eu também o vírus que me acomete?" is overlaid on the image.

Não seria eu também o vírus que me acomete?

Prometo que hoje é a última vez que venho.

Última vez que me irrita atrás de um caminhão fedido levando porcos de olhos lacrimejantes morro acima.

Última vez que ultrapasso a velocidade permitida da estrada cheia de curvas, milho transgênico e morros com mata nativa.

Última vez que entro na estrada de terra com seus irônicos quebra-molas feitos por quem mora na beira, entra a estrada e o rio.

Última vez que passo apressada desviando de gatos e galinhas.

Última vez que passo pela ponte enquanto o sol acorda de mais uma noite, com ressaca e saudade.

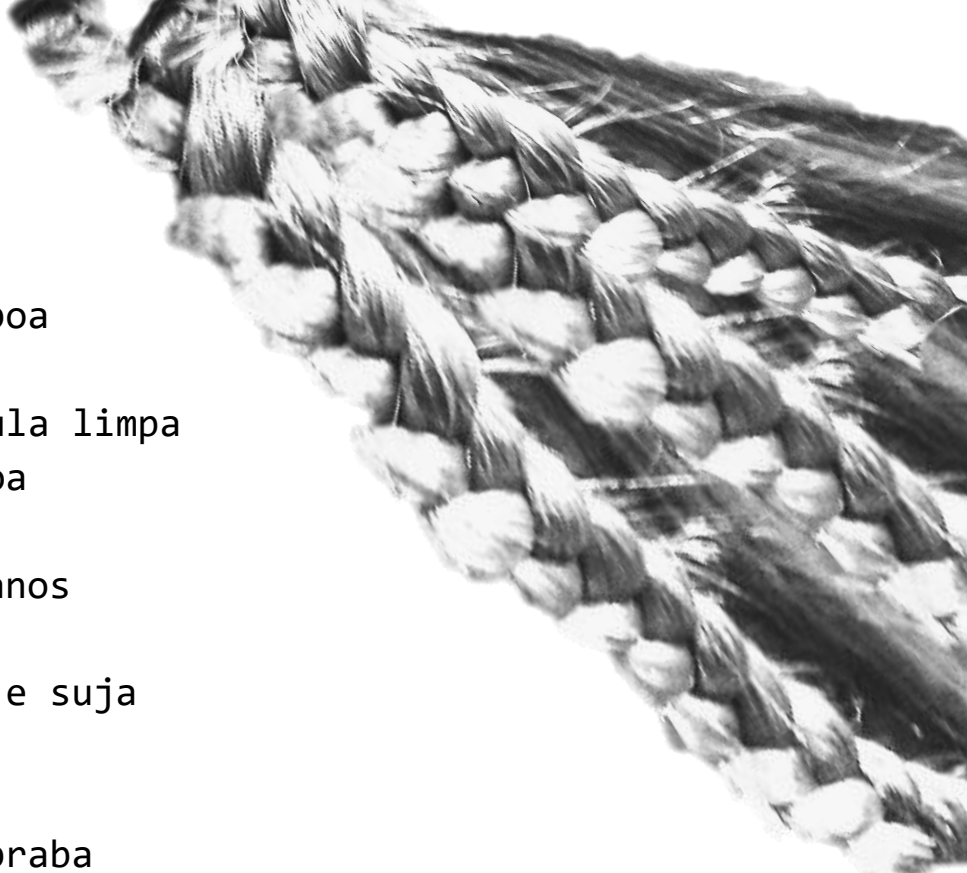
Última vez que passo pelo velho de chapéu e camiseta que se exercita com seu cachorro amarrado em uma corda qualquer em volta de seu pescoço, mas que de todo modo nem seria preciso pois esse não foge de tão boa e segura força.

Última vez que sinto cheiro de carne podre e morte do curtume do centro da cidade ao qual quase me acostumei.

Última vez que passo pela sinaleira que está sempre verde à espera de um caminhão qualquer que queira entrar na fábrica de calçados que as mães e os pais dos meus alunos viram a noite e o dia trabalhando.

Última vez que entro na escola me despedindo dos que um dia foram os meus.





porque uma ~~mulher~~-aula boa  
é uma ~~mulher~~-aula limpa  
e se ela é uma ~~mulher~~-aula limpa  
ela é uma ~~mulher~~-aula boa

há milhões, milhões de anos  
pôs-se sobre duas patas  
a ~~mulher~~-aula era braba e suja  
braba e suja e ladrava

porque uma ~~mulher~~-aula braba  
não é uma ~~mulher~~-aula boa  
e uma ~~mulher~~-aula boa  
é uma ~~mulher~~-aula limpa

há milhões, milhões de anos  
pôs-se sobre duas patas

não ladra mais, é mansa  
é mansa e boa e limpa

(FREITAS, 2013, p. 11)

Às vezes o corpo quase some em meio ao pó de giz e à tinta das canetas.

Às vezes o corpo engole as janelas, paredes, portas, lixeiras, mochilas, cadeiras e estojos. Até estudante o corpo

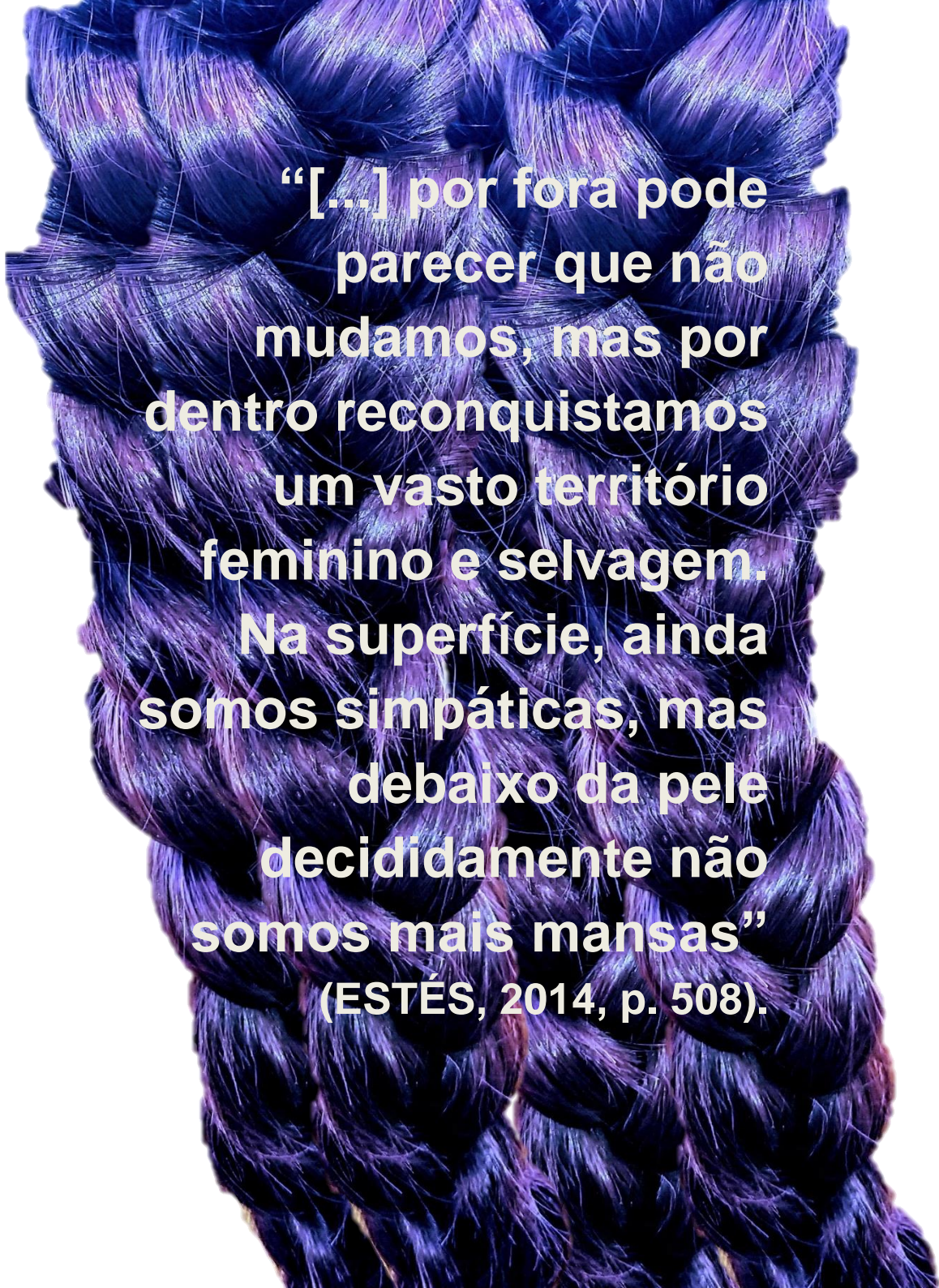
engole.



“E não vai adiantar nada eles enfiarem as suas cabeças aqui e me chamarem: ‘Suba de volta, queridinha’ pois vou olhar para cima e dizer: ‘Quem sou eu então? Digam primeiro quem eu sou’. E daí, se eu gostar de ser essa pessoa, eu subo; se não, vou ficar é bem aqui, até que eu vire outra pessoa. Mas, puxa vida! Bem que eu gostaria que alguém enfiasse a cabeça aqui. Estou tão *cansada* de ficar sozinha neste lugar...”

(CARROLL, 2009, p. 26)

**gi.rar** *v.int.* **1.** Permitir que o inebriado tome conta da mirada. **2.** Sentir o chão se largar, alargar e sair de onde sempre esteve. **3.** Colocar a gravidade em pausa. **4.** Funcionar com eixo central. **5.** Sentir o cabelo pelo vento contra e a favor. **6.** Adotar, ao menos momentaneamente, a fugacidade do linear. **7.** Permitir que a linha vá para onde quiser, inclusive que tangencie ao infinito. **8.** Rodear o assunto esquecendo do objetivo. **9.** Circular (por aí). **10.** Extasiar-se ou embriagar-se apaixonadamente pelo movimento. **11.** Dar rodeios em si mesma. **12.** Pontos infinitos em volta de um ponto que nem existe de fato. **13.** Ladear tudo, menos a vida. **14.** Nunca estar em um círculo perfeito e mesmo assim estar tudo bem. **15.** Atordoar-se voluntariamente a ponto de perder de vista os limites entre embaixo e em cima. **16.** Deixar os ciscos de areia rodarem pelo labirinto interno sem ter um objeto certo de procura ou referência. **17.** Desejar estar a deriva da aprendizagem, seja por sincronicidade ou acaso.



**“[...] por fora pode  
parecer que não  
mudamos, mas por  
dentro reconquistamos  
um vasto território  
feminino e selvagem.  
Na superfície, ainda  
somos simpáticas, mas  
debaixo da pele  
decididamente não  
somos mais mansas”  
(ESTÉS, 2014, p. 508).**

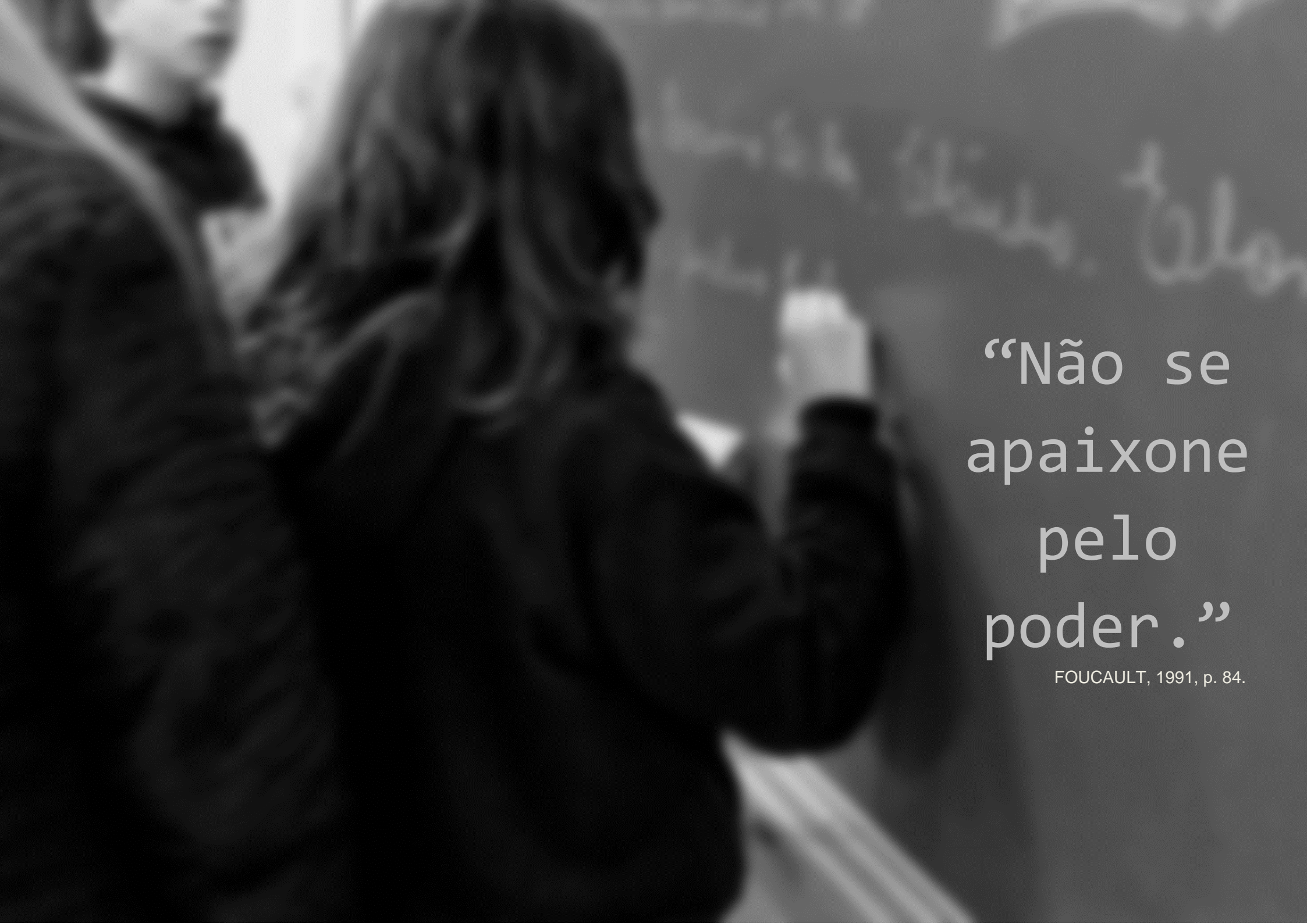
Quando ouvi essa história pela primeira vez, eu sorri. Alguns meses depois só lembrava dela o rabo se escapando pela porta entreaberta, tipo rabo de lagarto fugindo pelas pedras. Buscando novamente pelas vírgulas e espaços, procurei o narrador. Eu queria detalhes, queria comer a história, digeri-la, fazer dela uma parte minha, quebrar em mil pedaços e produzir energia que alimentasse minhas células, queria que se tornasse parte de mim e queria me tornar parte dela. Quando ouvi essa história pela segunda vez, ela fixou residência na minha cabeça que dobrava pescoço de um lado e do outro tentando entender que movimento era esse dentro de mim que a história retorcia. Foi mistura de saciedade de barriga cheia entremeada por enjojo de quem come demais. Fiquei mais outros tantos meses assim, tentando entender como era para mim a peristaltia desse movimento, mais parecido com a vaca e seus tantos estômagos trazendo e levando a comida para boca. Remastigar essa história toda, engolir de novo, voltar a mastigar logo adiante. Hoje o bolo alimentar voltou para garganta. Faz mais de um ano da primeira vez que a ouvi.

“

Era uma vez um aluno que entregou um trabalho mal feito. O aluno entregou do jeito que deu. Era uma vez um professor que ao receber o trabalho e as desculpas adiantadas do aluno disse: “tenho certeza de que tu fez o teu melhor”. O aluno derreteu. Fim.

”

A generosidade desse professor enchia meu bucho, se acumulava dentro de mim, eu queria guardar essa generosidade tão preciosa na minha memória mais recente, queria tornar ela pulsante nas minhas veias e artérias. Mas como ser generosa com adolescentes que estão recém construindo maturidade? Como ser generosa em um lugar que predomina uma cultura de enrolação? Como exercer a generosidade professora no lugar da fiscal burocrática desconfiada?.....PANDEMIA.  
Lugares fixos instituídos agora balançavam sobre outra (des)ordem. Estávamos vulneráveis (não foi sempre assim?). A hostilidade de fora de nós fazendo questionar: se não agora, quando? A cobrança amorosa tomou conta do meu corpo. Nunca fomos tão nós, apesar de estarmos por tanto tempo longe.



“Não se  
apaixone  
pelo  
poder.”

FOUCAULT, 1991, p. 84.

## olhar-se com olhos de pomba

Alice ficou olhando pensativa para os lápis de cor, os gizes de cera e as massinhas de modelar por um minuto, tentando descobrir quais eram os dois lados deles e perguntou-se: “Quanto tempo é necessário o olhar para vermos um corpo?”. Como eram de várias formas geométricas diferentes, ela achou que essa era uma questão muito difícil. Por fim, esticou os braços o mais que pôde e tirou um pedacinho da borda de uma massinha com cada uma das mãos.

- E agora, qual é qual? – disse para si mesma e deu uma mordidinha no pedaço da sua mão direita para ver o efeito. No mesmo instante, sentiu um violento golpe no queixo: ele tinha ido bater nos seus pés!

Ela ficou muito assustada com essa mudança repentina, mas percebeu que não havia tempo a perder, pois continuava diminuindo rapidamente. Depressa começou a engolir o outro pedaço.

- Ufa! Até que enfim a minha cabeça está livre! – disse Alice, com enorme alegria. Mas a alegria só durou até ela descobrir que não conseguia mais ver os seus ombros. Olhando para baixo, só via um pescoço enorme.

- Onde é que foram parar os meus ombros? Seriam meus se não os vejo mais? Ah, e as minhas pobres mãos! Por que é que eu não consigo vê-las?

Como parecia que ela não iria mais conseguir trazer as mãos à cabeça, tentou baixar a cabeça até elas e descobriu, cheia de alegria, que seu pescoço se desdobrava em qualquer direção, como uma verdadeira serpente. Ela tinha conseguido curvá-lo num zigue-zague gracioso e estava pronta para mergulhar nos galhos das árvores que estavam debaixo dela – quando um forte chiado a fez voltar-se depressa. Era uma pomba enorme que havia voado até seu rosto e lhe batia violentamente com as asas.

- Uma serpente! Eu já experimentei de tudo, mas nada parece dar certo! – gritou a Pomba entre soluços.

- Eu *não* sou uma serpente! – disse Alice, indignada. – Deixe-me em paz!

- Já tentei bilhetes para os pais, escrever o nome no meu caderno, levar para a direção – continuou a Pomba sem prestar atenção nela –, mas sempre me aparecem as serpentes! Elas não param nunca!

Alice estava cada vez mais intrigada, mas percebeu que não adiantava falar nada até a Pomba acabar de falar.

- Como se já não fosse um trabalho enorme fazer a chamada, corrigir provas e escrever no quadro – disse a Pomba –, ainda preciso ficar vigiando as serpentes noite e dia! Faz três semanas que não prego o olho!

- Sinto muito pelo seu aborrecimento – disse Alice, começando a compreender do que se tratava.

- E justo agora, que eu me instalei na melhor escola e achava que estava livre delas... Como odeio as serpentes!

- Mas eu já disse que *não* sou uma serpente! – insistiu Alice. – Sou uma... uma...

- Raios! *O que* você é? – gritou a Pomba. – Percebo que você está tentando inventar alguma coisa!

- Eu... sou uma menina – disse Alice meio em dúvida, lembrando as inúmeras mudanças pelas quais já tinha passado durante o dia.

- Que história mais engraçadinha! Conte outra! – disse a Pomba com profundo desprezo. – Eu já vi muitas meninas na minha vida, mas nenhuma com um pescoço como esse! Não, não e não! Você é uma serpente e não adianta negar. Suponho que você vá dizer agora que nunca fez bagunça!

- Eu já fiz bagunça, com certeza – disse Alice – Você deve saber que as meninas fazem bagunça, assim como as serpentes...

- Eu não acredito – respondeu a Pomba. – Mas, se elas fazem isso, então é porque são um tipo de serpente... É o que eu digo!

Alice nunca havia pensado nisso e ficou em silêncio por alguns minutos, o que deu à Pomba a oportunidade de acrescentar:

- Eu sei *muito bem* que você está procurando bagunça para fazer, e pouco me importa se você é uma menina ou uma serpente.

- Mas importa muito para *mim* – disse Alice mais que depressa. – Além do mais, eu não estou procurando fazer bagunça e, se estivesse, não iria querer a *sua* bagunça: não gosto de bagunça dos outros!

- Se é assim, então suma daqui! – disse a Pomba, com uma cara rabugenta, sentando-se de novo na *sua* cadeira.

[Adaptado de: CARROLL, 2009, p. 59-62]



“sou eu toda  
um tímpano  
só  
- não sois vós?

[...]

eu toda um tímpano só  
me confundo com o  
mundo”

(KOSBY, 2017, p. 21)

Nas quintas-feiras de 2019 eu costumava ficar o dia todo na escola, das 7:30 às 17:10. Eu sempre chegava um pouco antes e saía um tanto depois. Levava meu potinho com comida e almoçava por lá mesmo. Era difícil saber a hora que eu estava trabalhando ou não, tudo era um contínuo. Quando eu estava no horário de almoço lá vinha uma ideia genial para uma aula (depois eu via que nem era tanto assim).

Por ter um acúmulo de trabalho muito grande e estressante, provas e trabalhos para corrigir aos montes, às vezes eu fazia um período de jogos. Os jogos podiam ser de cartas, xadrez, damas, moinho, Uno, torre... “O passo do jogo desencadeia um itinerário de encontros, e tensionamentos” (FERNANDES, 2013, p.19), seja como professora ou estudante. Eu usava os jogos para observar como estava a socialização dentro das turmas e, quando necessário, a partir do próprio jogo realizava intervenções propondo ajuntamentos com diferentes companhias, para valorizar outras formas de aprendizagem e inteligência, para criar um laço mais estreito com essas e esses que passavam a ser as minhas e os meus... Minhas alunas. Meus alunos. Minhas pequenas pessoas.

Usava os jogos também para a pausa. Pausa essa, germe do porvir, que é necessária para as discontinuidades que proporcionam o aprendizado (FERNANDES, 2013). Sabe aquele aprendizado sem disciplina específica, sem hora para acontecer, descompromissado, impossível de representar ou descrever? O aprendizado que não se aprisiona, que não se ajusta, que não progride, que não escreve em cima de linha reta. Esse que nem se deixa chamar de aprendizado.

Após corrigir algumas provas e ser requisitada (talvez intimada) diversas vezes, eu ia para junto dessas pessoas estudantes-jogadoras. Algumas vezes sentava no chão, outras, puxava uma cadeira. Meu jogo favorito é o da torre. Aquele que se deve tirar um bloquinho por vez sem deixar ela cair, sabe? Pois eu nunca soube direito a regra e cada vez que jogávamos, fazíamos propostas diferentes do que podia e do que não podia fazer. Fazíamos concessões, chegávamos a acordos.

Mas um período de jogos é um tempo enorme e, ao mesmo tempo, não é tempo nenhum. O tempo anda diferente conforme conseguimos nos entregar ao jogo. O tempo corre muito depressa quando chega ao final do período, quando “bate” o sinal para irmos embora. Para onde foi aquele tempo que estava aqui conosco ainda agora em que eram apenas 16 horas? A eternidade é um momento que anda depressa. Ao mesmo tempo, cada segundo se demora a passar. O tempo com passo lento, desviante, dobrado sobre si. Os instantes se alongam, os segundos circulam em cima de seu próprio eixo, os pés jamais vão à frente,



sempre ao lado. O momento cria moradia na memória compartilhada com a carne. Carne única e coletiva, de corpo próprio e compartilhado. É o tempo flutuante habitando o tempo pulsado dos relógios. Tempo relativo à velocidade dos corpos. Tempo que passa mais devagar e alongado para sujeitos que se deslocam em alta velocidade durante a viagem. Teria o tempo como ser um só diante do tanto que pode ser?

“entendes os cachorrinhos  
quando te afago a nuca  
paralisas  
na catatônica esperança de eternidade

e se eu te disser que foram as ~~vacas~~ aulas?”

(KOSBY, 2017, p. 27)

E ainda tem o barulho dos jogos. Ah, o barulho dos jogos. Eu queria muito que se divertissem e queria me divertir também. Mas havia algo não dito dentro de mim que pedia silêncio. Nunca houve reclamação ou pedido das professoras para diminuirmos o volume. Era uma voz inaudível que gritava pelo silêncio das esperadas salas de aula de filmes em que a professora era uma excelente profissional. Essa voz vestida de verde militar que andava entre as mesas e pedia silêncio, com um apito entre os lábios e uma régua de madeira muito grande entre as mãos cruzadas nas costas. Sempre que havia uma risada alta ou um gritinho agudo, esganiçado, eu olhava, chamava o nome e dizia “mais baixo!” com o dedo indicador encontrando o polegar ou em frente à boca. Mas como se faz silêncio quando está-se divertindo? Como se faz silêncio quando ele não importa tanto assim? Como fazer silêncio quando a professora é uma das que escancara o som no mais alto do seu volume? Eram sempre as turmas com seres mais jovens as que faziam mais barulho, 5º e 6º ano conseguiam se soltar e viver a experiência em sua plenitude. A adolescência atrapalhava sempre turmas de 8º e 9º anos e os gritos vinham acompanhados de brigas sérias, que necessitavam de intervenção.

Em uma dessas quintas-feiras de jogo, no último período de uma tarde bastante quente e ensolarada, aconteceu algo inesperado. Na verdade, toda aula sempre tem uma pitada (ou muitas) de inesperado, mas essa foi única do seu modo. Nesse dia, depois de alguns minutos em que uma aluna já tinha iniciado um penteado bem bonito e moderno no meu cabelo, um grupo de quatro alunas veio me procurar. Tímidas, uma empurrava a outra para me fazer uma pergunta – *vai tu, vai tu, vai tu, vai tu...* Até que eu fiquei sem paciência para o que estava acontecendo e disse: “Falem gurias, o que vocês querem?”. Elas, que faziam aula de música e tinham os instrumentos na escola, queriam continuar o ensaio de uma música. Eu achei ótimo no mesmo instante, aí veio a voz andando na minha direção com suas botinas de couro preto, bateu a régua de madeira em cima das provas que estavam na minha mesa, entre as minhas mãos, e me olhou severamente, com a sobrancelha levantada. Ela gritou: “e o barulho, *querida?*”.

### **E O BA-RU-LHO?**

Puxa vida, o barulho! Pensei no incentivo que se dá às mulheres músicas instrumentistas em um mundo machista, nos rostinhos ansiosos... Percebendo a minha cara de dúvida elas fizeram denço, uma ótima artimanha feminista e etarista contra as injustiças que são cometidas sobre as pequenas. Sorrisos como pequenas máquinas de guerra, estavam fazendo diminuir o tamanho da minha voz verde militar. Foi uma batalha intensa de olhinhos brilhantes e agenciadores de todos os tipos. Por fim eu disse: “Tudo bem, mas vocês precisam *tocar bem baixinho*”. Uma das minhas alunas me olhou e disse: “[profes]*Sora*, a gente toca instrumentos de sopro, *como se toca isso baixinho?*”. Ela estava certa, extremamente certa. Como se toca qualquer coisa baixinho? Música não é lá para contaminar, invadir os cantos todos quanto possíveis? Estariam erradas em querer brincar de ensaiar? Em querer brincar de música?

Não tinha jeito de conciliar, eu precisava decidir, escolher. Meus desejos mais profundos de liberdade falaram mais alto: que viessem, que trouxessem os instrumentos, que tocássemos, então! Que venha a indisciplina com sua deliciosa liberdade nata e imediata (FOUCAULT, 2011).

No segundo seguinte que saíram pela porta para buscar os instrumentos eu já estava arrependida, a voz verde militar tomou conta, bateu continência, a mão foi de encontro ao quepe e ela me disse: “farão barulhos enormes, essas meninas, algazarra, serás demitida ainda hoje, repreendida, vergonha para tua classe!”

Marcha militar ao fundo. Música fúnebre no primeiro plano. Máquinas de controle construídas por instituições disciplinares se dirigem marchando em direção à minha sala, minha mesa. Avisto próximo de mim aparelhos de observação minuciosos sobre minha sala de aula, máquinas de escrever fazendo registros precisos, microscópios analisando movimentos de meus músculos mais internos (FOUCAULT, 2011).

Lembrei então de algumas preces que ainda ecoavam na cabeça e pedi à santa Maria Montessori e aos santos Paulo Freire e Rudolf Steiner que a diretora não ouvisse, que ninguém fosse dar recado, que as turmas ao lado não estivessem em dia de prova, que aquela professora que me odeia não fosse pedir cópias. Logo após concluir minhas rezas lembrei que algumas turmas tinham saído para um evento de educação física. Tive certeza do clamor atendido e agradei ao destino torcendo os dedos para que tudo desse certo, seja lá o que isso significava.

Tudo bem, eu entendo que há silêncios necessários ao momento de criação, vazios esplendorosos de possibilidades infinitas a desvendar. Silêncios provocativos, impertinentes, que não respondem a domínios disciplinares exclusivos, que insurgem “[...] no murmúrio incessante da vida, tornando íntimos corpos díspares e até então intocáveis” (COSTA; PACHECO, 2017, p.11-12). Silêncio que produz dobras de si junto ao barulho, de forma a viverem enredados penetrando um ao outro. Entendo bem que há silêncio que age enquanto experiência (COSTA; PACHECO, 2017). Porém, não era esse silêncio que gritava por ordem. Era o silêncio do vazio da sala amortecida para sensações. O silêncio que minhas professoras gritavam e que agora, como professora, eu também desejava. Ou não desejava? O silêncio da esperada ordem e do exato progresso, que são almejados por essa que está à frente da turma, à frente do quadro, à frente das escolhas pessoais. O silêncio do sujeito assujeitado. O (meu) silêncio dominante aderido às entranhas do (meu) corpo. O silêncio que busca impedir de nos dizer de outro modo cada vez mais (BORGES, 2017). Silêncio que nos retira do mundo, que reduz as possibilidades de vida e aprendizagem. Silêncio que produz aceitação em vez de liberdade. Silêncio de pessoas apáticas, dissociadas de sensações e

da corporeidade. Silêncio da vivência de que a vida não vale a pena ser vivida (BORGES, 2017). O silêncio que pode trazer morte da carne apodrecida de desuso.

**Poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só é interrompido por um sinal automático, breve e maquinal indicando obediência (FOUCAULT, 2011). É assim que deve ser?**

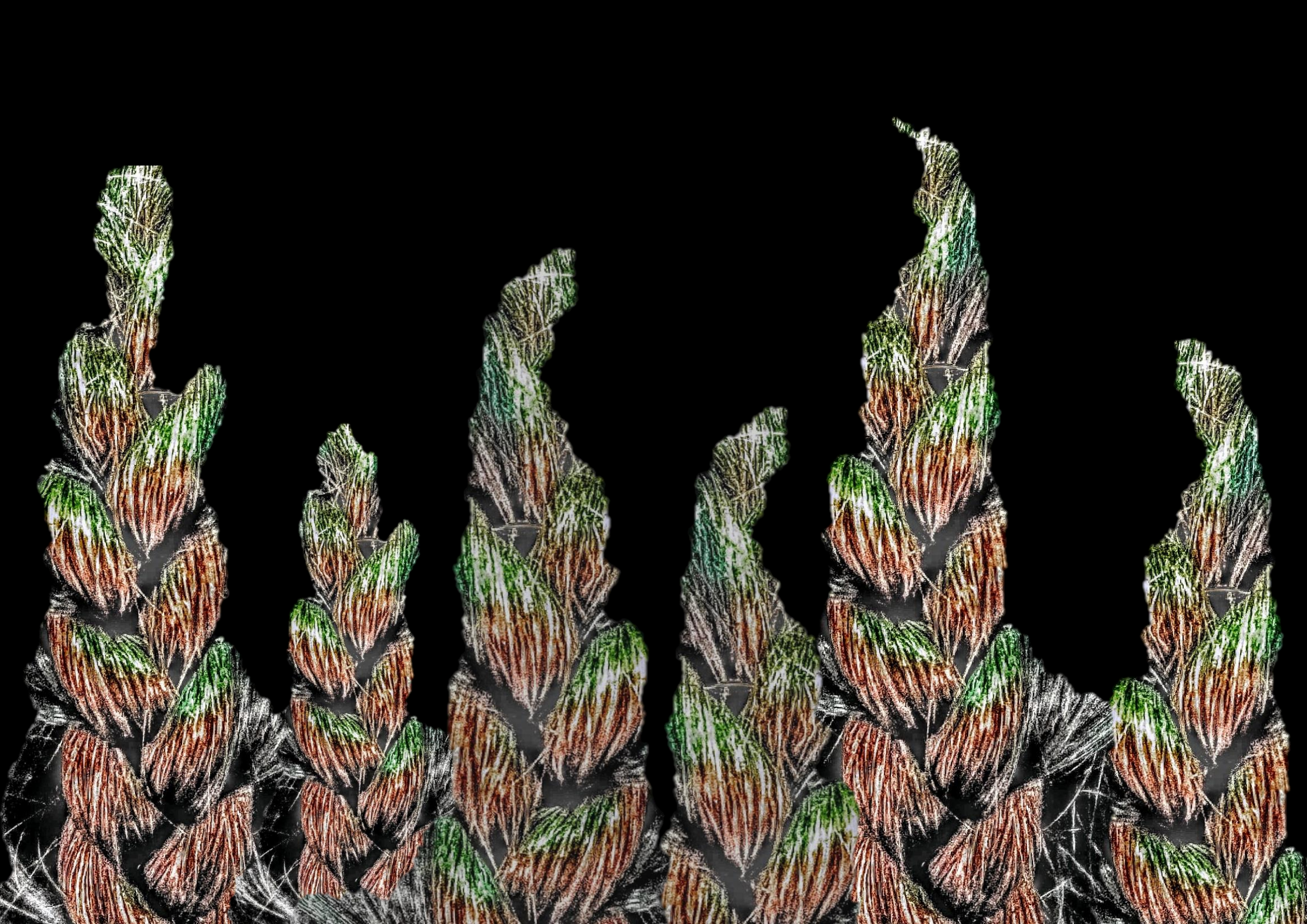
As meninas chegaram logo depois, carregando seus instrumentos da forma que conseguiram. Colegas ajudaram no posicionamento e arranjo. Elas usaram a madeira do quadro de giz e cadeiras para apoiar as partituras. Algumas ficaram em pé, outras sentadas. Alguns ajustes de afinação foram necessários.

A aluna que me fazia o penteado pediu meu celular emprestado para registrar o momento. Eu continuava corrigindo minhas provas ainda insegura com o barulho e alertando para diminuição do volume quando a voz verde militar gritava em meu ouvido. Éramos todas e todos cúmplices de um crime inafiançável. Não tinha volta. “O que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios” (FOUCAULT, 2011, p. 172). O barulho era a prova contundente da nossa irreduzível transgressão compartilhada. Éramos corpos criminosos compartilhando a alegria e intensificando nossa própria singularidade (FERNANDES, 2013).

Enquanto umas e uns jogavam xadrez, dama e moinho, as quatro instrumentistas ensaiavam sua música. Colegas iam e vinham, contemplando, observando, compartilhando aquele momento de vida. “Se há música tudo fica diferente. [...] A música desperta sentimentos, mesmo que seja resultado de um obstinado trabalho corporal” (ZORDAN, 2017, p. 20). O barulho que vinha de vozes, risadas, gritinhos, instrumentos, peças de dama e xadrez era a encarnação do aumento da potência de agir e pensar de nossos corpos (SPINOZA, 2017). Para isso, tivemos que deixar de lado “a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo [...]” (FOUCAULT, 2011, p. 136).

A igreja diz: “a escola é uma culpa”. A ciência diz: “a escola é uma máquina”. A publicidade diz: “a escola é um negócio”. A escola diz: “eu sou uma festa” (GALEANO, 2001). Os instrumentos pedem que sim, entremos nas notas tantas e tantas vezes tocadas. A voz que pedia silêncio se abana em um canto da sala, suando e ofegante após deixar o corpo se mover ao ritmo da música.

Este ensaio foi modificado do originalmente produzido para o Dossiê “Devir-criança: o ingovernável da vida” da Revista ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte, organizado pela Profa. Dra. Alice Copetti Dalmaso. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/barulho-vitoria-moro-bombassaro/>. Acesso em 24 de setembro de 2020.

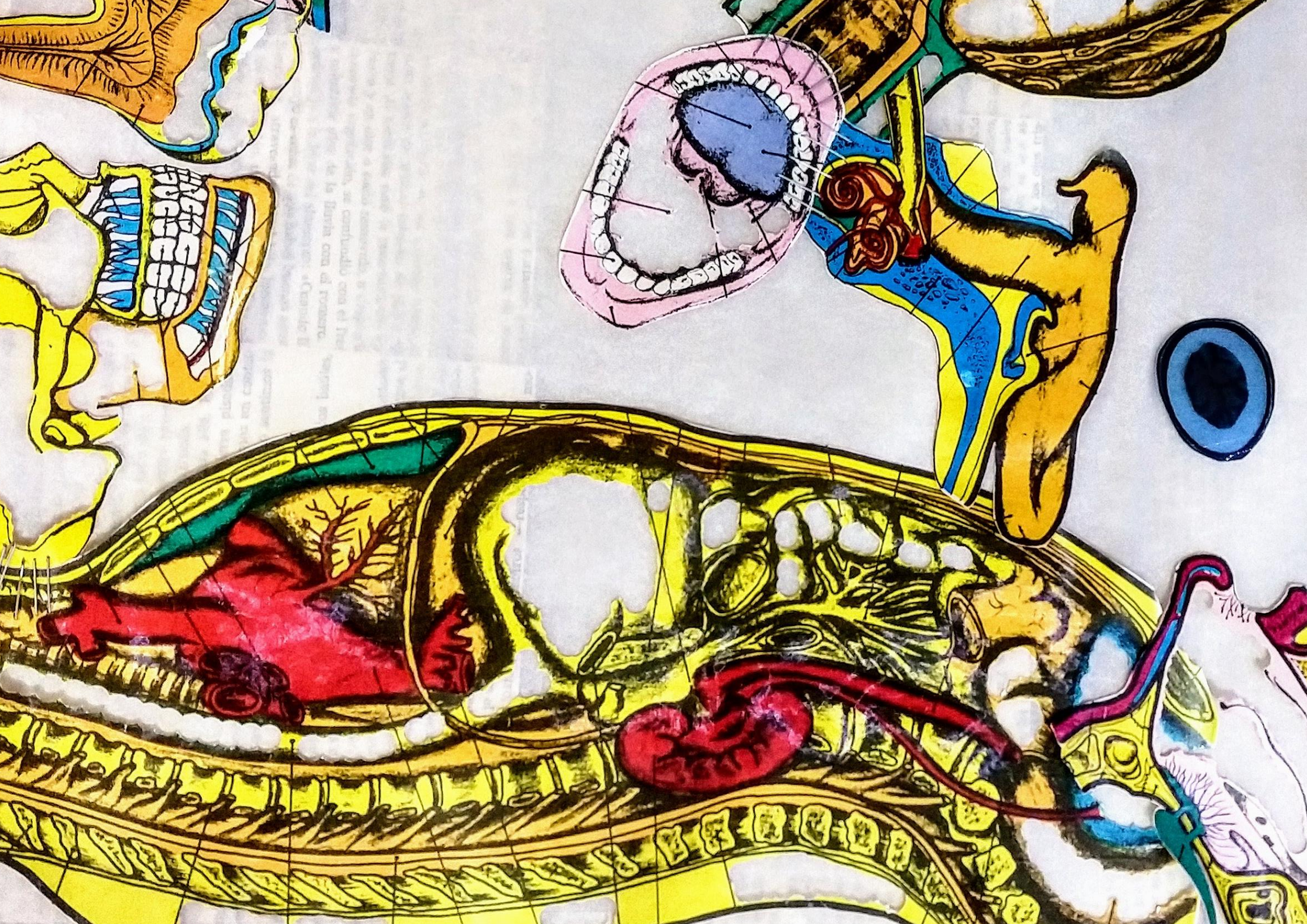


Produzir consciência do corpo que se é, ainda que instantaneamente, dando contornos provisórios ao corpo em devir. Olhar para o rearranjo constante das porções que fazem ser um corpo em *deformação*. Olhar para as porções temporárias do nosso corpo em contínua multiplicidade. Produzir uma consciência porosa para cada pequena parte, suspeitando de assimilações. Experimentando a flexibilidade, a força e o equilíbrio que pode cada pequeno corpo produzido pelo encontro. Produzir porosidade na consciência corporal é um processo constante de ativação da potência de si. Não se trata de ter absoluta consciência de suas partes, das partes que lhe fazem ser. Produzir consciência corporal é convidar os pedaços a uma abertura ao vazio, ao devir, ao impermanente e incapturável. Consciência corporal fala sobre o aprendizado em processo contínuo sentindo em si as transformações graduais da permanente *deformação* que é estar vivo. É fazer-se escola de corpo todo. Consciência corporal fala de músculos que não obedecem, músculos que escapam. Fala também de colocar-se à espreita, não para controlar os músculos, mas para observá-los, tentar perceber a potência ao fazê-los respirar. Trazer a energia vital para cada parte do corpo. Consciência corporal não para controle de si, mas para deixar-se disposto, em postura da disponibilidade do encontro, ao encontro. Consciência corporal como quem renuncia ao controle absoluto e deixa-se levar nas variações que se atravessam. Consciência corporal é aprender a relaxar o ombro (BOMBASSARO, 2017) e tensionar só aquilo que nos faz funcionar naquele momento, o quanto seja possível. Consciência corporal se trata de tensionar o que possibilite bons encontros e relaxar aquilo nos leve aos maus encontros (Spinoza, 2017), deixando fazer com riso frouxo.

contar  
histórias  
é um ato  
do corpo  
todo,  
inteiro,  
presente

Sentir-se confiante é importante para ser professora. Não a confiança de quem tudo sabe, tudo faz, mas a confiança da potência. Confiança de que se é um corpo que tem lugar, um corpo que produz um lugar, um corpo que produz a si. Confiança que algo pode acontecer nesse lugar no encontro com outros – corpos, coisas – refazendo esse mesmo lugar a cada novo momento. Um corpo que ocupa seu território. Confiança no acontecimento. Confiança de um corpo que acredita em si, acredita que pode. Confiança de um corpo que não se desculpa quando fala. Confiança de um corpo que sabe sobre si, não tudo, mas se conhece de alguma forma, conhece seus desejos, conhece algo do que quer oferecer. Confia que seu corpo pode ocupar aquele espaço. Confia que seu corpo tem lugar. Mesmo que não seja um lugar fixo. Assume a temporalidade e a impermanência das coisas, dos saberes e dos desejos, mas se faz na presença. A confiança da presença no aqui e no agora nesse corpo devir-professora. Se trata de ter confiança em mim como K.A. também precisa ter confiança nela. Também se trata da confiança de K.A. em mim e na minha confiança nela. Trata-se de saber que vai estar tudo bem mesmo quando nada está bem.





C.I. me procurou já se desculpando por ter escrito pouco no seu relatório sobre a experiência científica daquela tarde.

- *Sôra, eu escrevi pouco, tem problema?*

- *Tudo bem, C.I., nem sempre precisa ser longo para ser bonito.*

C.I. sorriu, entregou sua folha escrita até a metade e se sentou.

No final da aula C.I. me procurou novamente me entregando uma folha (*ó, sôra*). A folha tinha um desenho e, logo abaixo, estava escrito, entre aspas:

“Não precisa ser longo para ser bonito”

Eu sorri, C.I. sorriu e saímos da sala.

Ainda me vejo nos olhos de C.I. quando penso na frase que disse que a tocou. Ela sentiu a frase, seu corpo todo desejava a frase para si. Quando a frase já era mais sua do que minha, C.I. me devolveu ela, enrolada em um papel pautado, escrita quase às pressas a caneta azul. Recebi poucas coisas na vida tão preciosas quanto a frase ingerida, ressignificada, regurgitada e repostada para que eu pudesse me alimentar novamente. A frase tinha passado por C.I., transposto cada poro possível da sua membrana mais externa e feito vibrar algo dentro de si. A folha que recebi já não tinha uma frase minha ou dela, era agora nossa. Foi o olhar de C.I. e o meu olhar de volta que transformou a fala e a escrita em um encontro, transformou a frase em memória e afe(c)to. Tanto não precisa ser longo para ser bonito... cabelo, escrita, corpo, toque, voz, trança, tempo, encontro, memória. C.I. entendeu muito mais do que minha frase levava e criou com o pouco que ofereci. Criou espaço, desejo, afe(c)to, criou potência enorme, para nós duas. Criamos para nós duas.



Não existe honra maior que um  
aluno compartilhar sua vida comigo.

“Por vezes, nas proximidades dos brejos ressecos, se encontram arraiaas enterradas. Quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela como um disco, abre com as suas asas uma cama, faz chão úbere por baixo – e se enterra. Ali vai passar o período da seca. [...] Com pouco, por baixo de suas abas, lateja um agroval de vermes, cascudos, girinos e tantas espécies de insetos e parasitas, que procuram o sítio como um ventre. Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. [...] Penso na troca de favores que se estabelece; no mutualismo; no amparo que as espécies se dão. Nas descargas de ajudas; no equilíbrio que ali se completa entre os rascunhos de vida dos seres minúsculos. [...] Penso nos embriões dos atos. [...] Os indícios de ínfimas sociedades. [...] E ao cabo de três meses de trocas e infusões – a chuva começa a descer. E a arraia vai levantar-se. Seu corpo deu sangue e bebeu. Na carne ainda está embutido o fedor de um carrapato. De novo ela caminha para os brejos refertos. Girinos pretos de rabinhos e olhos de feto fugiram do grande útero, e agora já fervem nas águas das chuvas. É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza. Uma festa de insetos e aves no brejo!”

(BARROS, 2015, p. 61-62).



## invertida

Corpo aula arruma seu tapete, dobrando em três partes e deixando-o próximo da parede. A parede entra para si como lembrança, apoio, confiança. Corpo aula encontra o chão com sua cabeça, achando seu lugar de conforto apesar da dureza. Segurança e insegurança dançam rodopiando uma com a outra, enrolando-se conforme a música das borboletas internas no intestino do corpo aula. Corpo aula configura as mãos formando um triângulo entre estas e a cabeça, fortalecendo sua nova base. Os cotovelos dobrados servem de âncora para os tímidos joelhos que procuram incentivar os pés a deixar a solidude do chão.

No ar, qualquer brisa enverga, tremula, convida ao movimento. Longe da raiz que antes trazia a extremidade do controle, os joelhos desafiam a gravidade sendo puxados para longe dos cotovelos. Coxas e abdômen unidos treinados pela rotina como presença proporcionam uma leveza única que só a força garante. É impossível ao corpo aula traduzir a sensação de liberdade em palavras precisas.

Talvez a sensação traga uma memória antiga que estava adormecida, a memória da primeira vez que o corpo desafiou a gravidade com força e leveza, o primeiro levantar de cabeça, a primeira vez que a coluna se sustentou por si mesma, o primeiro engatinhar... Talvez seja apenas a única memória do primeiro passo sem apoio ao chão além dos próprios pés, sabendo da possibilidade da parede, mas ousando seguir a brisa do ar lá de fora. O acostumar-desacostumar-reacostumar com a gravidade.

Ousaria dizer que é impossível determinar quem antecede entre corpo e aula, porém também não são sinônimos. Corpo e aula se coabitam, compartilham os passos de dança, criam em conjunto algo que transborda de si.

Corpo aula mexe os dedos dos pés, esticando, trazendo o céu para si por terminações outras. Reverter o ciclo de intensidade de sangue, a linfa reverbera. Corpo aula balança e cai.









- Professora, sabia que vacina vem de vaca?
- A palavra ou a substância?
- A potência.
- Como tu sabe?
- A gente vê no campo ela se formando quando se está disposto a olhar.
- E tu olha muito?
- Às vezes sim, às vezes é ela que me olha.
- A vaca ou a potência?
- Qual a diferença, professora?

ouvir  
histórias  
é um ato  
do corpo  
todo,  
inteiro,  
presente

O poema é antes de tudo um inutensílio.

Hora de iniciar algum  
convém se vestir roupa de trapo.

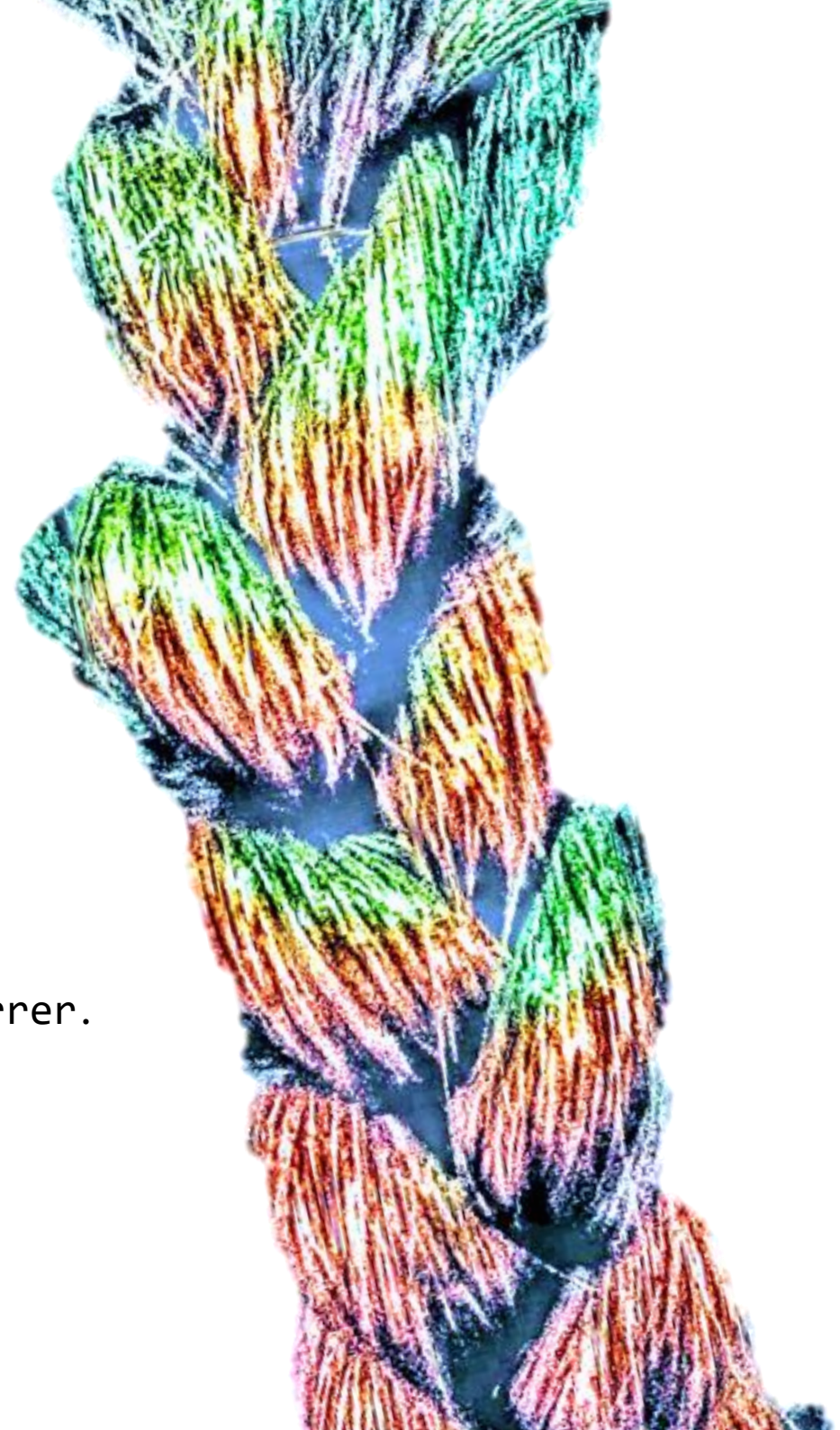
Há quem se jogue debaixo de carro  
nos primeiros instantes.

Faz bem uma janela aberta  
uma veia aberta.

Pra mim é uma coisa que serve de nada o poema  
enquanto vida houver.

Ninguém é pai\_\_\_\_\_ de um poema sem morrer.

(BARROS, 2015, p. 55)



A aula se deita e entra na postura do cadáver: costas no chão, pés distraidamente caídos para os lados, mãos voltadas para cima, dedos flexionados com leveza, nervos inertes, músculos derretendo puxados pela gravidade. A gravidade acaricia, acalenta a energia outrora em profusão. Tudo para, tudo relaxa. O corpo todo se coloca imóvel. A cabeça pesa, os braços pesam, o tronco pesa, os órgãos pesam, as pernas pesam. É um peso sutil, imperceptível ao corpo aula que apenas observa o vaivém de pensamentos que começam a cessar. Imobilidade e silêncio preenchem cada vão, cada fresta da sala. As carpideiras, pressentindo um defunto, se aproximam às voltas deste que permanece no chão, sem compreender sua postura. Elas iniciam seus tributos a quem fora esta que jaz inerte entre seus pés. O corpo aula que já abandonou visão, paladar, olfato, tato e audição não percebe que está soterrado de lágrimas, tristeza, performance, revistas de produtos de higiene e beleza, potes de plástico de grife, roupas baratas, trufas e rifas. O corpo aula se tornou apenas fluxo de ar.

Aos poucos, os sentidos começam a lhe voltar, iniciando pelo olfato incitado pelo aroma que flui com o ar. Depois, os sons ao seu redor tornando-se cada vez mais próximos: um barulho de portão abrindo, um latido de cachorro, um grito estridente de criança brincando. Em seguida o paladar, sentindo gosto de boca lavada por saliva. Enfim o corpo aula mexe seus dedos dos pés e das mãos, um a um, fechando e abrindo, sentindo novamente a energia que caminha por dentro de si, de cada um de seus membros. Ela estica os braços acima da cabeça e as pernas se esticam no sentido oposto. O corpo aula se espreguiça longe e grande, observa os efeitos em si, se contrai toda, sentindo a delícia de não ter pressa. O tempo nunca foi tão seu amigo como aqui e agora. Dobra os joelhos, respirando fundo e enchendo bem os pulmões e esvaziando várias vezes. Então joga ambos os joelhos para o mesmo lado e permanece em posição fetal o tempo que é necessário. Com ajuda das mãos, levanta o tronco e se senta. Sentada, com as pernas cruzadas, a coluna longa e as mãos juntas, uma palma contra a outra, na altura do coração, o corpo aula abre os olhos, ativando novamente o último dos sentidos. A luz passa calmamente sobre as pálpebras que abrem lentamente. As carpideiras já se foram conversando alegres após mais um dia de trabalho, revistas, potes, roupas, trufas e rifas não estão mais lá. Só resta o que antes era o corpo aula, seria ela a mesma que era antes? A resposta importava menos que se fazer a pergunta. Nos lábios, um sorriso tranquilo traz a força de quem carrega leveza junto de si.



Comecei um trabalho novo essa semana, daqueles que a gente recebe dinheiro para fazer algo que a gente gosta, que acha importante, do tipo que muda a vida de alguém, talvez mude até o mundo, quem sabe? Talvez seja a vida de outro alguém que mude além da minha. Já pensou que legal se mudasse ao menos o mundo de outro alguém? Não tenho certeza ainda, mas parece ser desse tipo o meu trabalho novo. Ele é meio perto meio longe. É na mesma cidade que eu moro. Primeira vez que eu faço trabalho remunerado na mesma cidade que eu moro. Ao mesmo tempo, descobri (será que eu já não sabia?) que eu moro em uma cidade de muitas cidades. De fato, não é inteiramente novidade, já estive em muitos cantos de Porto Alegre, com muitas gentes diferentes, mas essas gentes desse novo emprego eu não conhecia ainda. Gentes sofridas de um mundo esquecido ou desconhecido de muitas outras gentes. Era desconhecido para mim antes desse emprego. É também longe de onde eu moro. Um tantão longe. Eu nunca tinha ido para esse cantinho da cidade. E tem um lado bem interessante de se ir para um lugar nunca antes visitado e de caminho longo: as inúmeras possibilidades, os traços infinitos de passadas ainda não caminhadas. Obviamente dá medo essa página em branco da vida. Essa possibilidade de ser qualquer outra pessoa, de tomar qualquer estrada, qualquer rumo. Na verdade, não é qualquer, tem uma série de coisas que já se é, que já são caras. Tem um tantão de estrada que já foi percorrida e se aprendeu pela experiência. Um tantão do que queremos que fique e do que queremos que vá. Mas ainda tem um tantão de coisa que se pode vir a estar e que talvez venham um dia a ser. É bonito poder criar um caminho – desses tantos possíveis – que se quer dirigir por mais vezes que os outros. Mas também é estressante, exaustivo e estranho. Tomar vários caminhos e escolher aqueles dois (de ida e de volta), exige tempo e espaço interno. Decidir guardar para si um caminho automático para os dias que o corpo precisa de um estrato firme, esse estrato que em algum ponto vai se desejar abandonar para poder se apaixonar de novo e de novo pela estrada e pela novidade. Estrato que acontece sem que nada aconteça apesar de tudo acontecer. Estrato que se abandona para voltar a respirar profundamente de olhos marejados. E num dos caminhos possíveis de virar linha dura, percebi elas me olhando. Elas deram jeito e me encontraram, mais uma vez, mesmo eu estando na capital. Em um cantinho, é verdade, mas ainda assim zona urbana dessa metrópole. Elas estavam todas juntinhas, como das outras vezes que as tinha encontrado. Todas viradas no mesmo sentido, encarando o asfalto de frente. Não sei se foi por ter ouvido alguém falar que as vacas costumam posicionar seu corpo juntas em relação a orientação na superfície terrestre, mas há uns anos tenho observado seus grandes olhos escuros me olhando. Eles me intimidam sabe, os olhos.

o quanto ela me lê quando olha a superfície de mim que se debruça

e escorre pela cadeira até o chão de parquet?



“- [...] como está tudo esquisito hoje!  
E ainda ontem as coisas estavam tão normais...  
Será que mudei durante a noite?

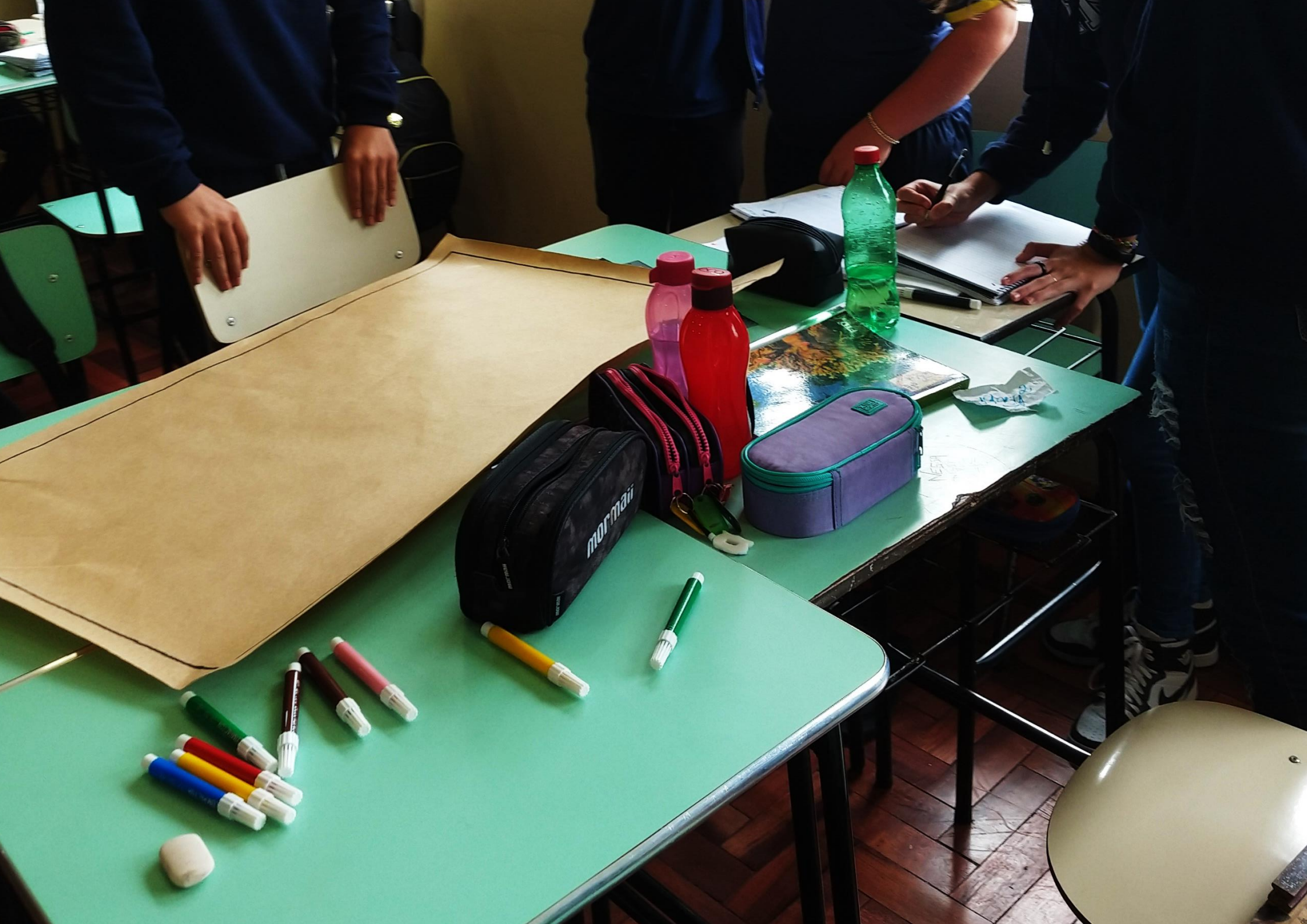
**Deixe-me ver:**  
será que eu era a mesma quando  
**acordei hoje de manhã?**

Quase consigo me lembrar de ter  
me sentido um pouco diferente...

Mas, se não sou a mesma,  
a questão seguinte é:

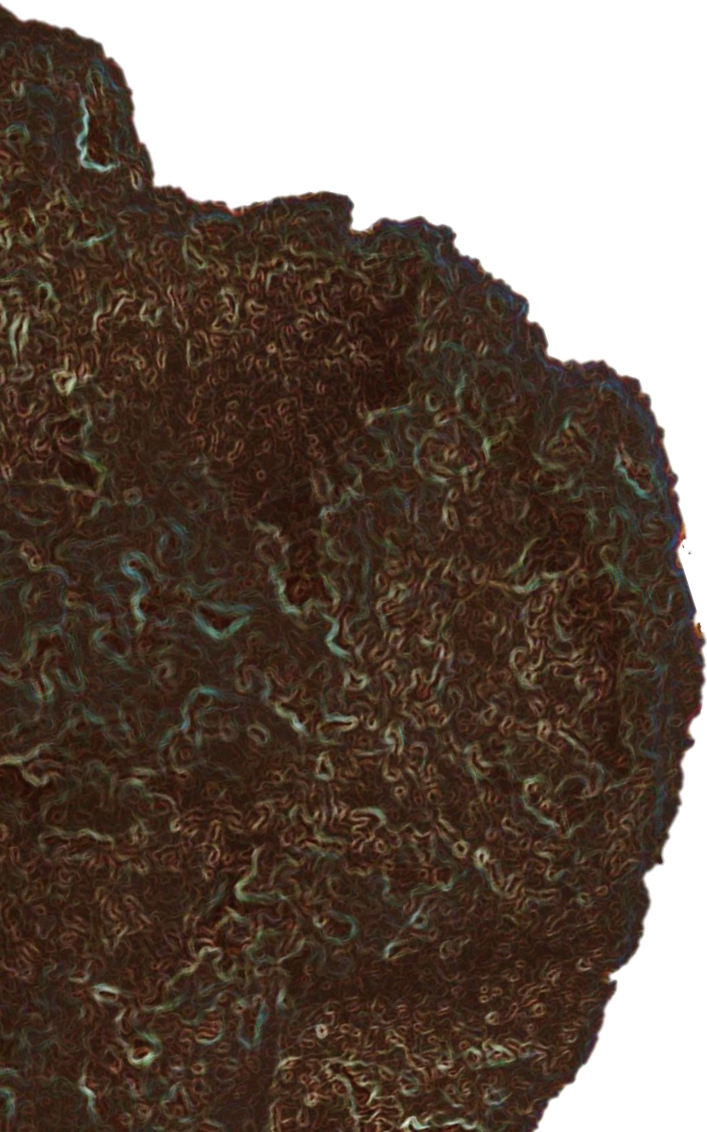
**Quem sou eu neste mundo?**

**Ahá! Eis um grande mistério!”**



Há lobas o tempo todo em volta de nós, andando por corredores, percorrendo as ruas. Mas a gente em geral não vê as lobas, a gente está tão acostumada a não ver que esquece de perceber.

Ela foi subindo devagar as escadas, sem ser notada. Se deteve no sétimo andar. O corredor estava vazio e escuro. Percebeu que em uma porta entreaberta havia uma luz forte. Colocou o focinho próximo à entrada e cheirou o ar, procurando motivos para não entrar. Os motivos se detiveram no ar, fizeram a loba segurar a respiração. Ela entrou, pé ante pé naquela sala repleta de cadeiras, lápis e sapatos. Zanzou entre as pernas que sacudiam os pés impacientes e entediados. Permaneceu no centro da sala, parada, observando. Depois de aproximadamente 2 horas algumas das pernas se mexeram, o corredor se encheu de barulho, silêncio e cansaço. Essa coisa então era uma aula de pós-graduação?



como pensar  
~~a deficiência~~  
a vida como  
**presença**  
no lugar  
da falta?

Todo corpo tem uma limitação biológica/fisiológica de funcionamento. Ao mesmo tempo, a todo momento o corpo é um novo corpo. As respostas em torno da pergunta de Benedictus de Spinoza (2017) “o que pode um corpo?” são tão múltiplas quanto o número de grãos de areia na praia. E assim como esses grãos, se mantém em constante variação. A potência do corpo não é, a potência está. O corpo que aprende está sempre se modificando, como um sistema aberto à deriva, disponível ao encontro, à espreita do que pode. A cada momento que olhamos para a aluna, ela já se faz outra, pela comunicação que estabelece com os corpos outros, formando corpos temporários. O corpo, é sempre temporário. O corpo está sempre em um novo estado de corpo e em passagem para mais uma vez um outro. Minha estudante que até então nunca tinha comunicado o aprendizado sobre os números, em determinado dia, olhando para o livro que a irmã lê, reconhece o número 1 do capítulo inicial. A potência do corpo que é C.E., quando olho para ela, já é outra. E cada vez que C.E. me olha também sou eu outra. Somos nós professoras também corpos abertos. Todo corpo aprende, todo corpo pode aprender. Aprender fala também sobre essa multiplicidade presente no afe(c)to – o estado de corpo passa (afeto) para outro estado (affecto), permanentemente, pelas camadas mais sutis, moleculares. Nos encontramos outras com a impermanência que nos possibilitamos estarmos. Pensar a comunicação com C.E. me faz andar pelo rio que divide dois territórios aparentemente contraditórios: o território do respeito à sua própria forma de comunicação e o território do seu direito a se comunicar com uma linguagem que abrange formas mais universais de comunicação. Como posso acolher sua diversidade funcional sem renunciar a uma educação que a permita usar símbolos mais amplos para compartilhar de si com o mundo?

## essas teias de aranha que moram dentro de mim

Eu disse para ele que ele tinha enfiado um graveto dentro de mim e cutucado, até sair um monte de bichinhos enrolados em teias de aranhas. Tem um monte de coisa sem nome que movimenta em mim sempre que eu falo com ele. Será que parte da minha insegurança também não vem daí? De trabalhar com uma pessoa que a gente admira tanto que parece que todo o ar sai do pulmão? Me lembro da Amélie Poulain falando do coração dela disparar quando o pai coloca o estetoscópio pra ouvi-lo e uma doença se cria desse encontro. Será que a memória é essa mesma?

Há uma vulnerabilidade em admirar muito alguém. Com a anterior que ocupava esse papel, eu aprendi a ficar em silêncio, voltar pra toca chorando, com frio e fome. Tinha um vazio por dentro que me consumia. Eu pingava palavra e não conseguia sair um som qualquer quando abria a boca. Mas eu já não era de calar antes dela. Um dia acordei, abri um livro e li sobre o desengano em mudar aos gostos de outro alguém. Para quem eu me deixava silenciar? Para quem eu me deixava mudar?

Ocorre um estranho fenômeno quando a pessoa tenta se adequar e não consegue. Muito embora a criatura diferente seja rejeitada, ela ao mesmo tempo é empurrada para os braços dos seus verdadeiros companheiros psíquicos, quer se trate de uma linha de estudo, de uma forma de arte, quer de um grupo de pessoas. É pior ficar ali onde não nos sentimos bem do que vagarear perdida por um período em busca da afinidade psíquica e profunda de que precisamos. Nunca é errado ir à procura do que necessitamos. Nunca mesmo. (ESTÉS, 2014, p. 214).

O nome dele veio como um sopro suave. Será que era esse mesmo o meu caminho? Nunca é fácil resistir ao redemoinho de uma onda do mar, sem conseguir ver a margem, sentir-se sem chão e sem céu. O tempo de um segundo se estende quando o corpo está bebendo de água salgada. Mas a onda passou e o corpo cedeu sem deixar de ser poroso.

Apesar de ter seus aspectos negativos, a psique selvagem consegue resistir ao isolamento. Ele faz com que tenhamos um anseio ainda maior no sentido de liberar nossa própria natureza verdadeira, e provoca em nós um desejo intenso por uma cultura que combine com essa natureza. Só esse anseio, esse desejo já faz a pessoa prosseguir. (ESTÉS, 2014, p. 214).

Sabe, hoje experimentei o choro com ele, e foi choro de outro gosto. Eu sei que talvez não devesse, mas é impossível não comparar a diferença de como me sinto hoje em relação a como me sentia antes. Hoje o choro não é mais solidão, é um choro quase de felicidade de não me sentir desamparada, choro de alívio por não me perceber abandonada mesmo quando o meu lado mais frágil e mais sincero emerge de dentro de mim. Eu achei o que dizia o livro, achei um lugar que eu poderia ser eu e tudo que viesse de mim pelo meu desejo. Nada faltava em mim. Podia agora ser meu eu completo, esse eu que nem eu conhecia, frágil e inacabado.

Talvez seja essa confiança que tanto eu falo que quero escrever sobre. A confiança que quero que as minhas e os meus sintam comigo quando estou no lugar dele. Tantas vezes agradeço pelo tempo dedicado, pela acolhida calorosa e pelo olhar atento, mas acho que nunca vai ser o suficiente pra traduzir tudo isso que mora na nossa *sobrejustaposição* (MOSSI, 2017). É muito difícil não procurar o sorriso e a confirmação de uma pessoa assim, que verte, borbulha e faz brotar um tanto de sentimento e movimento que ainda não inventaram nome; mas continuo procurando e alimentando o que dele tem feito casa em mim. Será que essa parte que eu abrigo dele já não é mais ele mas sou eu? Contrariando expectativas e justamente voltando à raiz delas, foi no lugar que menos esperava - lugar que já tinha perdido esta espécie de fé que reside entre ensino e aprendizagem - que mais aprendi o que é estar professora.





**o quanto ela sabe o que passa  
pela minha pele  
e o quanto adentra os meus poros  
do que verte de si?**





Estar submerso não se trata de ter apenas a cabeça ou o nariz sob a fina película entre o ar e a água, mas também os pés, as mãos, o abdômen, os glúteos.... estar submerso fala sobre conseguir se entregar para isso que quando tem nome já é um novo, um novo corpo, uma nova aula, um novo encontro. Estar submerso é jogar-se no abismo sem pensar em voltar. Estar submerso diz de se colocar à espreita sem saber do que em um momento presente incontrolável. Estar submerso é tentar encostar o pé sem saber se é o fundo ou um monstro. Estar submerso é assumir o erro, a vontade, o desejo, a incerteza. Estar submerso é assumir a permeabilidade entre a água e a pele, entre a água e os órgãos todos. Estar submerso como quem come um sorvete que derrete em dia de verão. Deixar-se sentir que a gravidade deixa um pouco o corpo à mercê de outro movimento de sucção ou empuxo, que arrasta o corpo para depois deixar flutuar.



...o professor ideal subiu no telhado...



## referências

ARTAUD, Antonin. **Para acabar com o julgamento de Deus**. Transmissão radiofônica, 1947. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/artaud-para-acabar-com-o-julgamento-de-deus.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

AS TUBAS. **CORPO | ESPAÇO - episódio 09 Grávida feat. Paola Kirst**. 2020. (6m21s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ALNLVo4miBY>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

AS TUBAS. **CORPO | ESPAÇO - episódio 01 Flor de Pedra**. 2020. (7m18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-44L0AFPEu0>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2015.

BOMBASSARO, Vitória Moro. **Corpos que atritam: Escritas sobre resistência de uma estudante-professora**. 2017. 39 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/198361>>. Acesso em: 07 set. 2021.

BORGES, Hélia. A língua do vivo: ressonâncias entre a arte e a clínica. In: COSTA, Luciano Bedin da; PACHECO, Eduardo Guedes. (org.). **Partituras do silêncio: poéticas do movente**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2017. p. 55-66.

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **ESCRITA ACADÊMICA: REPERCUSSÕES E RESSONÂNCIAS PROPAGADAS EM UM COLETIVO**. *Revista Contrapontos*, vol. 18(2), p. 138-150. 2018. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/11259/7491>>. Acesso em: 24 out. 2021.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas: Lewis Carroll**. (Trad. Nicolau Sevcenko). São Paulo, SP: Cosac Naify, 2009.

CARROLL, Lewis. **Alice através do espelho**. (Trad. João Sette Camara). Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2018.

CAETANO VELOSO. **Oração ao Tempo. Cinema Transcendental**. Polygram, 1979.

CARVALHO, Fabrício da Silva Teixeira. **Educaçãoarteprofessorartista**. 2015. 449 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

CORRA Lola, Corra. Direção de Tom Tykwer. Alemanha: Bavaria Film International, WestDeutscher Rundfunk, X-Filme Creative Pool, Arte France Cinéma, 1998. 1 DVD (82 min).

CORSEUIL, Lucien Soldera. **Políticas da Bolha**: por um itinerário de pesquisa menor. 2017. 352 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

COSTA, Luciano Bedin da; PACHECO, Eduardo Guedes. Para que não sejamos estelionatários sonoros de nós mesmos. In: COSTA, Luciano Bedin da; PACHECO, Eduardo Guedes. (org.). **Partituras do silêncio**: poéticas do movente. Porto Alegre, RS: Sulina, 2017. p. 11-15.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa - Filosofia prática**. (Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins). São Paulo, SP: Escuta 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. (Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa). São Paulo, SP: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. (Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik). São Paulo, SP: Ed. 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. (Trad. Suely Rolnik). São Paulo, SP: Ed. 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** (Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz). São Paulo, SP: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. (Trad. Eloisa Araújo Ribeiro). São Paulo, SP: Escuta, 1998.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. (Trad. Waldéa Barcellos). Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2014.

FERNANDES, Rosana Aparecida. **Passeios Esquizados**: Cinema, Filosofia, Educação. Maceió, AL: Edufal, 2013.

FORREST Gump – O Contador de Histórias. Direção de Robert Zemeckis. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1994. 1 DVD (142 min).

FOUCAULT, Michel. Introdução a uma vida não-fascista. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de. **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro, RJ: Hólon Editorial, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. (Trad. Raquel Ramallete). Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**: Angélica Freitas. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2013.

FREITAS, Angélica. Muuuu. In: KOSBY, Marília Floôr. **Mugido**: ou diários de uma doula. Rio de Janeiro, RJ: Garupa, 2017. p. 107-115.

GAL COSTA. **Vaca Profana**. 1997. (4m44s). Compositor: Caetano Veloso. Produtor: Mazzola. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ytbs7NZfUOE>>. Acesso em: 23 abril 2021.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Buenos Aires, AR: Catálogos, 2001.

GRUPO FALOS & STERCUS. Ilha dos Amores – Um Diálogo Sensual com a Cidade. Concepção e Direção: Marcelo Restori. Elenco: Carla Cassapo, Cris Kessler, Fábio Cunha e Fábio Rangel. Artistas selecionadas na residência com o grupo: Aline Karpinski, Bia Noy, Carol Martins, Juliana Coutinho, Manuela Albrecht e Nátali Caterina Karro. Artistas convidados: Alessandra Souza, Elison Couto, Francisco de Los Santos, Jaime Ratinecas, João Lima, Jony Pereira, Juliana Rutkowski, Lívia Perrone Pires, Luciano Fernandes, Manuela Miranda, Morena Santos, Rafael Becker e Rita Silva. Maquiagem: Juliane Senna. Desenho de Luz: Veridiana Matias. Produção: Carla Cassapo, Cris Kessler e Fábio Rangel. 2013. (50m).

HENZ, Alexandre de Oliveira. Formação como deformação: esgotamento entre Nietzsche e Deleuze. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 135-159, mar. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 set. 2021.

KIERNIEW, Janniny G.; MOSCHEN, Simone. Impossível. In: COSTA, Luciano Bedin da; PACHECO, Eduardo Guedes. (org.). **Partituras do silêncio**: poéticas do movente. Porto Alegre, RS: Sulina, 2017. p. 127-136.

KNEIPP, Carolina Goulart; MOSSI, Cristian Poletti. Entre o estranhamento e à espreita: um inventário de ideias para ensaiar criação em educação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 12, n. 1, p. 4-17 – jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/36657/pdf>>. Acesso em: 07 set. 2021.

KOSBY, Marília Floôr. **Mugido**: ou diários de uma doula. Rio de Janeiro: Garupa, 2017.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. (Trad. Hortência Santos Lencastre). São Paulo, SP: n-1 edições, 2017.

LARROSA, Jorge. A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun. 2004.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2009.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrevente**. (Trad. Bruno Gambarotto). São Paulo, SP: Grua, 2014.

MOSSI, Cristian Poletti. Teoria em ato: o que pode e o que aprende um corpo?. **Educação e Pesquisa** [online]. 2015, v. 41, n. spe, pp. 1541-1552. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-9702201508142951>>. Acesso em: 07 set. 2021.

MOSSI, Cristian Poletti. **Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições**: quem a pesquisa [em educação] pensa que é. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. (Trad. Alex Marins). São Paulo, SP: Editora Martin Claret, 2004.



Ritalina: Cloridrato de metilfenidato [bula de medicamento na Internet]. Responsável técnico Flavia Regina Pegorer. São Paulo: Novartis Biociências S.A.; 2020 [citado 2020 Ago 21]. Disponível em: <<https://portal.novartis.com.br/UPLOAD/ImgConteudos/2973.pdf>>.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

SALDANHA, Maria Gabriela. Trecho de declarações de amor ao corpo. In: AS TUBAS. **CORPO | ESPAÇO - episódio 01 Flor de Pedra**. 2020. (7m18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-44L0AFPEu0>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SALDANHA, Maria Gabriela. Trecho de declarações de amor ao corpo. In: AS TUBAS. **CORPO | ESPAÇO - episódio 02 Pelos Pelos feat. Maria Gabriela Saldanha**. 2020. (6m19s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kGW08sXW6Y4>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SCHNEIDER, Lucas Porfírio. Deslocamento existencial-epistemorrincológico. In: COSTA, Luciano Bedin da. **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas Tomo I - Aulas da Faced**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2013.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. (Trad. Tomaz Tadeu). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.

TESSLER, Elida. O esquecimento doeu - ver e rever o tempo. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (org.). **Cartografias e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2003, p. 191-206.

ZORDAN, Paola. Riscos e ritmos. In: COSTA, Luciano Bedin da; PACHECO, Eduardo Guedes. (org.). **Partituras do silêncio**: poéticas do movente. Porto Alegre, RS: Sulina, 2017. p. 19-27.

**“De qualquer forma, os textos tendem a se remodelar sutilmente quando você não está por perto.” (CORSEUIL, 2017, p. 294)**